

ESPECIAL

RESTOS NOS INTERESSAM

Jundiaí transforma
cascalho em dinheiro

ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

BANHO DE LUZ

Santo André começa
a ficar mais iluminada

REVISTA **República**

A última entrevista

Pouco antes de
ter conhecimento
de sua virtual saída
do Ministério da Saúde,
o médico Arthur Chioro
falava à República



PROGRAMA CINEMARK MANIA

Todo mundo ama, todo mundo quer.



**BRINDES
COMBOS
PROMOÇÕES**

**ADQUIRA JÁ
O SEU CARTÃO
NAS BILHETERIAS
E APROVEITE.**

**Ingresso
gratuito**

DEPOIS FAÇA SEU CADASTRO NO SITE DA CINEMARK E AINDA
GANHE UM INGRESSO PARA QUALQUER SESSÃO
DE 2ª A 5ª-FEIRA, INCLUSIVE PARA SALAS 3D E XD.

Acesse o regulamento em cinemark.com.br/cinemarkmania e saiba mais.



cinemarkoficial

cinemark.com.br

CINEMARK[®]
É MAIS QUE CINEMA. É CINEMARK.

Sumário

Mercado de Trabalho

CRIATIVIDADE DRIBLA CRISE

Mercado pede compromisso

Pág. 13



DIVULGAÇÃO

Administração Pública

BANHO DE LUZ

Santo André mais clara

Pág. 14 a 17



MARIO CORTIVO

Política

CRISE NACIONAL...

E o PT na próxima eleição

Pág. 18 a 20

Política Pública

UM NOVA CHANCE

Para sair da rua e do crack

Pág. 21



FERNANDO FERREIRA/SCOM

Meio Ambiente

OBSOLETO AO NASCER

Vida e morte de eletrônicos

Pág. 22 a 29



MARIO CORTIVO

Cidades

UBER

No ABC ainda é raro

Pág. 30 a 32

Saúde

APLICATIVO

Informação de Aids e DST

Pág. 33

ABAIXO O SEDENTARISMO

Empresas criam programas

Pág. 34 a 37



MARIO CORTIVO

Entrevista

ARTHUR CHIRO

Socorro à saúde depende do financiamento ao SUS

Pág. 8 a 12



AGÊNCIA BRASIL

Habitação

VIDA NOVA

Casa própria é realidade

Pág. 38 e 39



MARIO CORTIVO

Negócios

NOVO VERA CRUZ

Quais os planos da Telem?

Pág. 40 e 41



DIVULGAÇÃO

Especial

ALQUIMIA DO ENTULHO

Aproveitamento de entulho em Jundiá traz renda para a gestão pública e ameniza o impacto ambiental ao diminuir acúmulo

Pág. 42 a 47

FOTOS: DIVULGAÇÃO/SCOM/JUNDIAÍ



Turismo

TURISMO NO SUL

Cânions e boa comida

Pág. 48 a 52

Comportamento

SERIADOS

Muitos fãs e boas produções

Pág. 54 a 59



HBO

ABRAÇO CULTURAL

Apoio a refugiados

Pág. 60 a 65

PERIGO NO AR

A questão dos drones

Pág. 66 a 70



DIVULGAÇÃO

Esportes

INAMAR

Estádio em obras

Pág. 71

SINDICATO NOVO

Para treinador de futebol

Pág. 73

FUTEBOL FEMININO

Ilustre desconhecido

Pág. 74 a 79

Cultura

VANDRÉ

Por trás do mito

Pág. 82



TVT

SELEÇÃO ALEMÃ

ONG recebe uniformes

Pág. 72



MARIO CORTIVO

GOLEIRO JÚNIOR COSTA

Renovação com o Bologna

Pág. 80

Publisher Responsável

• Donizete Fernandes

Edição

• Mari Ferreira - Mtb 22.203

Colaboradores

- Wilson Felipe – Mtb 17.681
- Leo Oliveira - Mtb 46.219
- Viviane Raymundi - Mtb 22.149
- Lucas Borges - Mtb 74.680
 - João Schleder
 - Antonio Ferreira
 - Felipe Martins
 - Rodrigo Jacinto

Fotos

• Mario Cortivo e Diego Barros

Revisão

• Professor Isaias Gomes de Lima

Projeto Gráfico

• RP8 Comunicação

Tratamento de Imagens

• RP8 Comunicação

Diagramação

• Evelyn Domingues - Mtb 48.250

Infográficos

• Renato Araújo

Republiquinha

• Jô Ribeiro

Gerente Comercial

• Maysa Calmona

Comercial

• Erica Alves

Projetos Especiais

• Débora Sartori

Diretor Financeiro

• Doan Oliveira

Conselho Editorial

- Alberto Felske • Ana Maria Ruiz Tomazoni
- Carlos Bianchin • Carlos Mattos • Clóvis Cranchi Sobrinho
- Edna Ortolan • Edson Sardano • Fabio Balmann
- Fabio Oliveira • Felipe Magalhães • Fernando Araújo
- Gilberto Perussi • Gilmar Perussi • Hermes Tomazoni
- José Sérgio de Araujo Neto • Kleber Paiva • Luis Miguel
- Casas Freile • Mara Moreschi • Marcos Boccato • Maria Paula Rizzo • Marlene Dezzunte • Matheus Fernandes de Castro
- Mirian Bazote • Odair Filomeno • Pedro Moreira de Godoy
- Pedro Nelson Roesler • Ricardo Alvarez • Robson Raineri
- Silvia Mara Bertani • Tarik Kvint • Valério Gomes
- Valter Carriel • Vilmo Franchi • Walter Veiga

Contatos

Fone (11) 4438-7329
 contato@revistarepublica.com.br
 redacao@revistarepublica.com.br

Revista República

é uma publicação da RP8 Comunicação,
 Publicidade e Marketing

Endereço

Rua Antônio Cardoso Franco, 517- A
 Santo André - SP - CEP 09015-530

Impressão

COAN GRÁFICA
 Av. Tancredo Neves, 300 | CEP 88704-700
 Tubarão | Santa Catarina | Brasil

Tiragem

10.000 exemplares

Auditado pela



Serviços Empresariais S/S Ltda.
 CNPJ/MF 07.7767900001-40

Editorial

Esforço jornalístico para além do factual

Está no DNA da Revista República pautar temas plurais, necessários, polêmicos ou apenas curiosos. O objetivo é um mergulho na notícia, além do factual. Esta edição está recheada de bons exemplos.

Começamos pela entrevista exclusiva do ministro da Saúde, Arthur Chioro, que fala de fontes de financiamento para o sistema público de saúde, utilizado por 70% da população.

De Jundiá vem a boa notícia: entulhos que emporcalham cidades, no município passaram a ser reciclados e se tornaram fonte de renda para a administração.

A exemplo da saúde, os clubes de futebol da região pedem socorro, com dificuldades financeiras e estádios vazios. Decadência que o esporte de Santo André vê de perto. O baixo investimento em nada lembra a época da vitoriosa parceria com a Pirelli. Já no futebol feminino, as brasileiras estão entre as melhores do mundo, mas são postas de escanteio.

É bom olhar para cima e checar se não há drones sobrevoando as nossas cabeças nos estádios e em outros locais. Menores e mais baratos, são facilmente adquiridos até em lojas de varejo.

Será o drone o eletrônico mais descartável em breve? Reportagem fala da produção industrial sob a ótica da obsolescência programada, também estimulada pela propaganda.

A criação deste “mundo das facilidades” é um dos temas do seriado Mad Men, passado na década de 1960 e exemplo de sucesso que conquista cada vez mais fãs de todas as idades, como revela a matéria sobre o “momento de ouro” das séries.

E para refletir sobre o modelo que escolhemos viver, a salvação está nas intervenções do artista plástico Eduardo Srur, que dialoga com o coletivo sobre poluição, consumo, alimentação, mobilidade, entre outros.

Para terminar, uma dica para conhecer mais o Sul do Brasil – de carro e com pouco dinheiro, passando pelos cânions Itaimbezinho e Fortaleza e as ruínas de São Miguel das Missões – uma aula de história ao ar livre, que pode mudar nossa percepção a respeito da relação entre jesuítas e guaranis nos primórdios do Brasil.

Boa leitura!



Donizete Fernandes
 Publisher



BRISTOL PAMPULHA LIEU

Conforto e praticidade no coração da Pampulha.

Localizado no coração da Pampulha, perto do aeroporto, da UFMG e do Mineirão, o **Bristol Pampulha Lieu** oferece serviços de qualidade além da comodidade e da tranquilidade que os hóspedes precisam para se sentir em casa. Conheça nossa estrutura!

Apartamentos Amplos e Bem Estruturados • Internet Wi-Fi Gratuita em Todo Hotel • Piscina com Cascata
Sauna • Fitness Center • Terraço SPA • Room Service • Restaurante • Lavanderia • Estacionamento
Completa Estrutura de Eventos para até 100 convidados



BRISTOL PAMPULHA LIEU HOTEL

31 3490-3500 • reservas.bpl@redebristol.com.br

R. Desembargador Paula Mota, 187, Pampulha - Belo Horizonte

www.bristolhotels.com.br • 0800 283 9988



Sustentabilidade do SUS depende de financiamento

Ministro Arthur Chioro defende amplo debate, em nível nacional, sobre novas fontes de financiamento para a Saúde

• Wilson Felipe
redacao@revistarepublica.com.br

O Brasil está mergulhado em grave crise financeira, e falar na criação de novos tributos é mexer em vespeiro, mas ainda assim o ministro da Saúde, Arthur Chioro, não se intimida diante de reações adversas e afirma que o Brasil como um todo deve se envolver na discussão em torno de novas fontes de financiamento para garantir a sustentabilidade do sistema público de saúde. Ex-secretário da mesma Pasta na prefeitura de São Bernardo, Chioro revela que pesquisa feita em junho pelo IBGE mostra que 70% da população usam exclusivamente os serviços do SUS. Isso significa que em torno de 150 milhões de pessoas (somos mais de 207 milhões de brasileiros) dependem do sistema público. “Números que reforçam a importância desse debate.” Nesta entrevista exclusiva à Revista República, o ministro Arthur Chioro também fala dos investimentos do governo federal para melhorar a saúde no Grande ABC, com recursos que chegam a R\$ 507 milhões por ano, e faz balanço do Programa Mais Médicos, que enviou à região 147 profissionais, responsáveis pelo atendimento a 507 mil pessoas.

Revista República - Ministro, é sabido que o sistema público de saúde precisa de mais investimentos para melhorar o atendimento onde já tem nível razoável e criar infraestrutura e levar profissionais aonde é praticamente inexistente, sobretudo em pequenas cidades do interior do Brasil. O senhor é favorável à recriação da CPMF, ou algo parecido, de modo que a saúde tenha reforço de caixa?

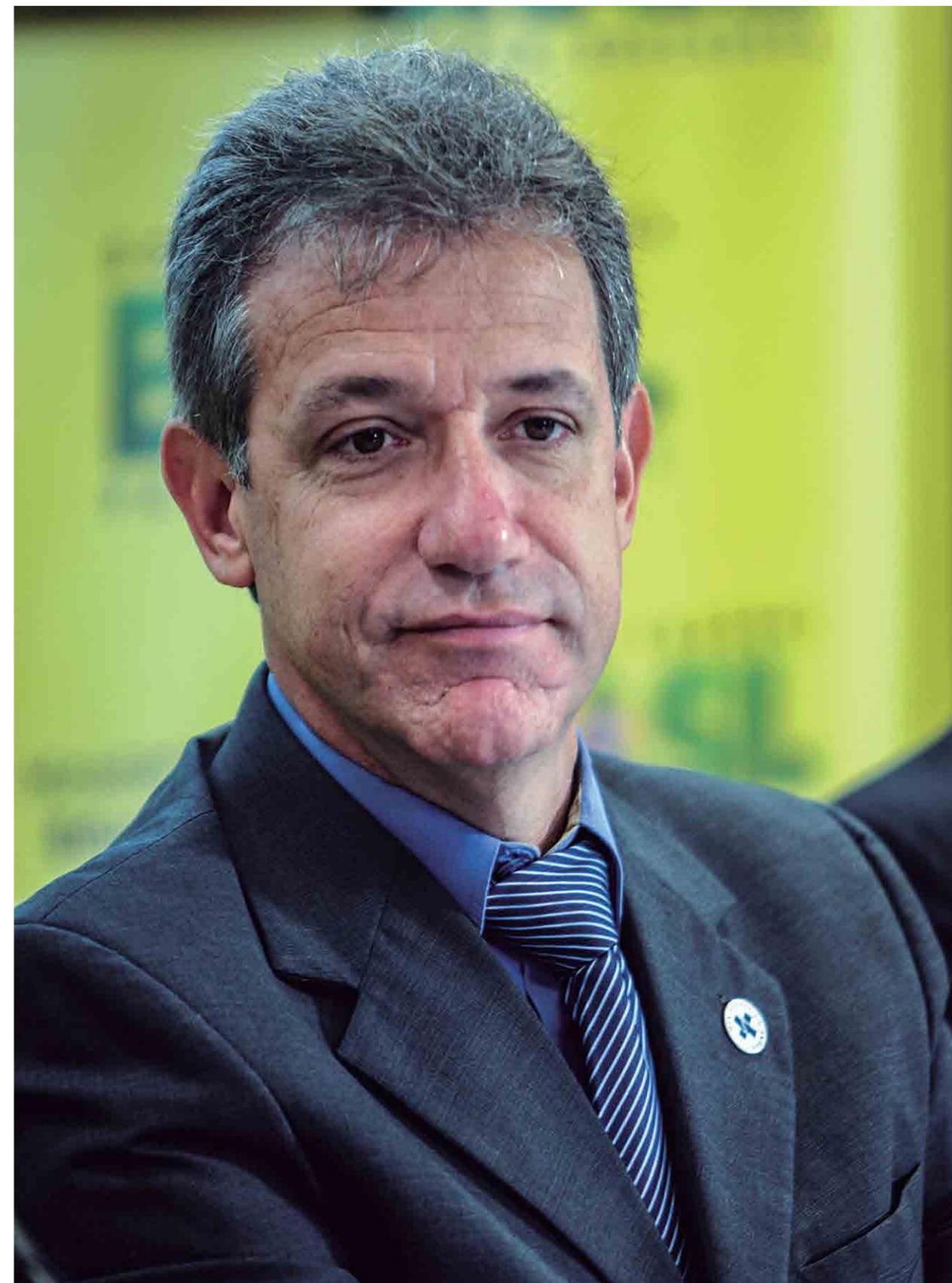
Arthur Chioro - A discussão sobre o financiamento da saúde é um tema histórico e essencial para a sustentabilidade do Sistema Único de Saúde (SUS). Em junho, por exemplo, a Pesquisa Nacional de Saúde, realizada pelo IBGE, revelou que 70% da população usa, exclusivamente, o SUS para o acesso à saúde, reforçando a importância desse debate. Desta forma, o Ministério da Saúde e eu, como ministro de Estado da Saúde, acompanhamos sugestões e debates, tanto da sociedade civil quanto dos gestores e dos representantes do poder público, como prefeitos e governadores, quanto à criação de novas fontes de financiamento para a saúde que garantam a sustentabilidade do SUS.

Como seria a nova cobrança? Segundo consta, o senhor defende uma cobrança que não atinja as pequenas movimentações, embora o governo negue que uma proposta nesse sentido esteja em discussão.

Precisamos discutir novas fontes de financiamento para garantir a sustentabilidade do sistema público de saúde, de forma permanente, amparado nos princípios de universalidade, integralidade e equidade. Essa discussão deve envolver toda a sociedade, os gestores do SUS, representantes do poder público, como prefeitos e governadores, os profissionais de saúde, o Congresso Nacional, enfim, toda a população brasileira, para assegurar a sustentabilidade do SUS de forma permanente.

O senhor acredita que a sociedade, de modo geral, aceitaria mais uma taxa, mesmo para o nobre objetivo de colaborar para melhorar o tão criticado sistema de saúde pública?

Especificamente sobre a criação de uma contribuição financeira para a Saúde, o Ministério acompanha sugestões e debates. Entendemos que é extremamente necessária e importante a discussão sobre novas fontes de financiamento, porque hoje os recursos ainda são insuficientes para assegurar os princípios de universalidade, equidade e integralidade que norteiam a saúde pública. Em 2014, a União, Estados e municípios aplicaram R\$ 215,3 bilhões no SUS para custear, por exemplo, atendimentos, exames e internações. Apesar do esforço para garantir recursos crescentes, como disse, ainda não são suficientes. Por isso,



MINISTÉRIO DA SAÚDE

há necessidade de discutir novas fontes de financiamento da Saúde. Temos de gastar bem o dinheiro público, com transparência e controle social, justificando cada centavo. Mas isso não pode ser mais utilizado para continuar justificando a manutenção do subfinanciamento da Saúde.

Não teria sido mais razoável fazer uma partilha dos royalties do pré-sal mais equânime? Afinal, a lei determina que 75% do Fundo Social do Pré-Sal sejam destinados à Educação e 25% à Saúde. Pela importância das duas áreas, não seria razoável que essa diferença fosse menor?

A análise isolada dessa partilha dos royalties nos parece, a princípio, desfavorável à área da Saúde. Entretanto, essa conclusão está equivocada na medida em que os recursos da Saúde são garantidos pelas Emendas Constitucionais 29 e 86, que não vinculam os recursos a uma única fonte de arrecadação, mas sim sobre o valor global arrecadado por cada ente federado.

Normalmente, a população reclama das prefeituras ou do governo federal sobre problemas no atendimento da saúde pública, mas principalmente das prefeituras, pois é ela que está mais próxima. Raramente se fala no governo estadual. Como o senhor vê essa situação?

Temos assegurado investimento crescente, estável e contínuo para a saúde pública em todo o País. Na última década, o orçamento federal executado exclusivamente em ações e serviços públicos de saúde quase triplicou, passando de R\$ 32,7 bilhões em 2004 para R\$ 92,6 bilhões em 2014. Cabe ressaltar que a gestão do SUS, bem como o financiamento da saúde, são compartilhados entre a União, que estabelece as diretrizes das políticas de saúde, e os estados e municípios, responsáveis pela execução dos serviços, bem como de toda a organização da rede de assistência à saúde da população. Segundo a Constituição Federal, a União deve aplicar na saúde o mesmo valor destinado ao orçamento no ano anterior, mais a variação nominal do PIB. Já os estados e o Distrito Federal devem investir 12% de sua receita própria, enquanto os municípios precisam aplicar o mínimo de 15%.

Como tem sido a participação dos estados no custeio e investimentos para melhorar a saúde pública?

Em 2014, a participação da União no financiamento da saúde continuou a representar o maior per-

centual de gastos (43%), seguido pelos estados (30%) e municípios (27%), somando o investimento público das três esferas de governo em mais de R\$ 215,2 bilhões. Em 2000, ano de aprovação da Emenda Constitucional 29, estados investiam em saúde entre 6% e 8% de suas receitas próprias e os municípios de 9% a 11%. Ou seja, o gasto era concentrado na União. Para estados e municípios, foi definido um processo de transição a partir do mínimo de 7% no ano 2000, até que fossem atingidos os percentuais de 12% e 15%, em 2004. Assim, era natural que fosse ampliada a parcela dos gastos de estados e municípios.

Os governadores com quem conversou são favoráveis à criação de uma taxa nos moldes da CPMF?

O Ministério da Saúde tem acompanhado discussões e debates sobre novas fontes de financiamento para a saúde que garantam, de forma permanente, a sustentabilidade do sistema.

Como o senhor avalia, de modo geral, a saúde pública no Brasil?

O SUS é um dos maiores sistemas públicos de saúde do mundo. O sistema abrange desde a vacinação a procedimentos mais complexos, como transplante de órgãos. Além de oferecer consultas, exames e internações, o SUS promove campanhas e ações de prevenção e de vigilância sanitária (como fiscalização de alimentos e registro de medicamentos), e até mesmo pesquisa e aperfeiçoamento tecnológico. Antes da criação do SUS, a saúde não era considerada um direito social. Para se ter uma ideia da dimensão do SUS, dados de 2014 demonstram que foram realizados mais de 4 bilhões de procedimentos ambulatoriais, 1,4 bilhão de consultas médicas, 11,4 milhões de internações e 2,6 milhões de procedimentos de quimioterapia. Cabe ressaltar, ainda, que o SUS movimenta 98% do mercado de vacinas e tem o maior sistema público de transplantes de órgãos do mundo. É claro que temos desafios ainda para enfrentar relacionados à garantia do acesso universal à saúde e com qualidade, questões de financiamento, enfrentamento a iniquidades territoriais e regionais, reconhecimento da determinação social da saúde e das desigualdades decorrentes desta e em destaque a necessidade de articulação de políticas intersetoriais que impactam diretamente na saúde da população, como



“MAIS MÉDICOS” DEU ACESSO REGULAR AO ATENDIMENTO PARA 63 MILHÕES DE PESSOAS

moradia, trabalho, segurança e condições de vida em seu território. Seguimos firmes no ideário de que é possível e viável a garantia do direito à saúde no Brasil para toda a população e nossos esforços nesses 27 anos de SUS vêm demonstrando resultados expressivos, como a cobertura da Estratégia Saúde da Família, que vem assegurando acesso às ações de prevenção, promoção e recuperação da saúde para mais de 60% da população brasileira.

O senhor foi secretário de Saúde em São Bernardo, e praticamente o responsável por amplo processo de reformulação e ampliação da rede, com novas UBSs, UPAs, Hospital de Clínicas, e nova gama de serviços. Ainda assim existem reclamações sobre falta de médicos e demora para exames, entre outras. O senhor vislumbra o dia em que essas reclamações vão diminuir? E como chegar a isso?

O Ministério da Saúde tem um programa para construção e melhoria de UBSs, que é o Requalifica UBS. Com esse programa, buscamos firmar parcerias com os municípios para que os gestores locais possam estruturar seus postos de saúde e oferecer melhor atendimento à população. O governo federal já destinou mais de R\$ 5 bilhões para que os municípios pudessem construir ou aperfeiçoar 26 mil UBSs em todos os Estados. Estamos passando recursos, que são monitorados por meio do Sistema de Monitoramento de Obras do Ministério da Saúde, não apenas para criar novas unidades, mas para que os gestores possam melhorar e manter as que já existem. É também nesses espaços que atuam os profissionais do Mais Médicos, programa criado para resolver o problema da falta de médicos no Brasil. Eles atuam na Atenção Básica, que é capaz de resolver 80% dos problemas de saúde. À medida que se fortalece a Atenção Básica, menos pessoas vão precisar procurar os atendimentos de urgência e emergência. Mesmo assim, o Ministério da Saúde tem investido também na melhoria do pronto atendimento, com o SOS Emergências e a destinação de R\$ 1,9 bilhão para construções, ampliações e reformas de 943 propostas aprovadas de UPAs.

São Bernardo é referência em saúde bucal e saúde mental, entre outros serviços. É possível que um dia todas as cidades do Brasil tenham esse nível de serviços? E quanto tempo levaria para chegar a isso?

Recentemente, divulgamos um repasse anual de mais de R\$ 48 milhões para 803 Centros de Especialidades Odontológicas (CEO) de todos os Estados brasileiros, que se soma ao recurso já enviado para custeio desses estabelecimentos. Essa quantia extra, passada por meio do Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade dos Centros de Especialidades Odontológicas (PMAQ-CEO), é um prêmio para que as localidades que se destacaram no cuidado especializado à saúde bucal continuem ampliando e melhorando a qualidade dos serviços oferecidos à população. O PMAQ CEO funciona da seguinte forma: quem faz melhor, recebe mais. Dessa forma, os municípios podem aumentar em 20%, 60% ou 100% a verba que recebem do Ministério da Saúde. É o caso do CEO do Bairro Nova Petrópolis, em São Bernardo, e dos CEO de outros 672 municípios. E este foi apenas o primeiro ciclo do programa.

Na saúde mental, da mesma forma, nós temos feito um esforço para ampliar cada vez mais os serviços. A Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) conta atualmente com 2.237 Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), que fornecem atendimento próximo da família, assistência médica e cuidado terapêutico conforme o seu quadro de saúde, com possibilidade de acolhimento noturno. Em 2010, havia 1.620. Desde 2011, foram criados 878 leitos de saúde mental em Hospitais Gerais para garantir a continuidade do cuidado, em articulação com os demais componentes da RAPS. Também estão em funcionamento 61 unidades de acolhimento, criadas para atender usuários de crack, álcool e outras drogas, em situação de vulnerabilidade social e familiar. Para qualificar a atenção à saúde da população em situação de rua, o Ministério da Saúde elegeu a Estratégia dos Consultórios na Rua, composta por equipes multiprofissionais de Atenção Básica.

No caso do Grande ABC como um todo, como o senhor avalia o sistema de saúde pública? E que investimentos o Ministério tem previstos para a região?

Uma das nossas prioridades é o fortalecimento da Atenção Básica, principal porta de entrada dos cidadãos no SUS, com capacidade para solucionar até 80% dos problemas de saúde da população. O investimento em Atenção Básica na região do Grande ABC cresceu 12% em um ano, saltando de R\$ 136,8 milhões em 2013 para R\$ 154,1 milhões em 2014.



GASTAR COM TRANSPARÊNCIA NÃO PODE JUSTIFICAR MANUTENÇÃO DO SUBFINANCIAMENTO

Atualmente, há 167 UBSs no Grande ABC. Para ampliar o atendimento, o Ministério da Saúde está investindo mais de R\$ 30 milhões para construção, ampliação ou reforma de unidades no local. Em apenas um ano, o número de equipes de Saúde da Família custeadas pelo Ministério da Saúde no Grande ABC cresceu 28%, saindo de 278 para 356. A quantidade de equipes de Saúde Bucal também foi ampliada em 11,9%, passando de 159 para 178. Além disso, o Programa Mais Médicos tem tido excelentes resultados no Grande ABC. Em 2013 e 2014, levou 147 médicos para a região, beneficiando cerca de 507 mil pessoas. Agora, é importante lembrar que a gestão do SUS é tripartite, com autonomia dos entes federados, e que a implementação das ações e serviços de Atenção Básica é de responsabilidade direta dos municípios. O Ministério da Saúde cofinancia e apoia tecnicamente a execução e desenvolvimento da Política Nacional de Atenção Básica.

Os investimentos em recursos financeiros nos municípios do Grande ABC para alta e média complexidade, como serviços hospitalares, tiveram nos últimos dois anos (maio de 2013 a abril de 2015) um acréscimo de mais de R\$ 176 milhões ao limite anual recebido. Com essas incorporações, atualmente chega a quase R\$ 507 milhões por ano para os sete municípios da região. O Ministério da Saúde também investiu nos últimos anos para implantação de complexos reguladores na região do Grande ABC. Esses complexos são responsáveis por marcação de consultas no SUS e reservas de leitos, entre outros. Desde 2012, o Ministério da Saúde intensificou os investimentos em urgência e emergência para a região do Grande ABC.

Ano que vem temos eleições. Seu nome chegou a ser ventilado como candidato do PT à prefeitura de São Bernardo, cidade que o senhor conhece bem, mas também surgiu como possível candidato em Santos, sua cidade de origem. Arthur Chioro pensa na possibilidade de ser candidato? Se sim, em qual cidade?

Hoje sou ministro de Estado da Saúde e vou cumprir essa tarefa com total dedicação e compromisso até quando a presidenta Dilma (Rousseff) precisar. O prefeito Luiz Marinho saberá escolher o nome adequado para dar continuidade ao projeto de transformação que está em curso em São Bernardo. Esse nome terá o meu irrestrito apoio.



MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL



**GOVERNO FEDERAL
JÁ DESTINOU MAIS
DE R\$ 5 BI PARA
CONSTRUÇÃO OU
AMPLIAÇÃO DE
26 MIL UBSS**

Que avaliação o senhor faz do programa Mais Médicos? Ele vem cumprindo seu papel? Deve ser mantido até quando? Como melhorar a distribuição regional dos médicos pelo País?

Identificamos quatro dimensões de sucesso do programa. Em primeiro lugar, conseguiu responder a toda a demanda solicitada pelos municípios de médicos para atuarem na Atenção Básica. Em segundo lugar, ampliou a cobertura de ações de Atenção Básica para 63 milhões de brasileiros que antes não contavam com acesso regular a atendimento médico. Para todas essas pessoas a certeza de ter médico perto de casa é um grande avanço. Em terceiro, percebemos uma avaliação muito positiva, tanto por parte dos cidadãos atendidos quanto dos gestores dos municípios participantes, quanto dos médicos que participam do programa. A avaliação captada pela UFMG e pelo IPESPE aponta que 95% dos usuários estão satisfeitos com a atuação dos médicos e deram nota acima de 8 ao atendimento dos profissionais.

Além disso, as ações do Programa Mais Médicos em parceria com o Ministério da Educação devem garantir que o Brasil chegue ao número de 600 mil médicos até 2026, atingindo a meta de 2.7 médicos por mil habitantes. Pela primeira vez temos mais vagas em cursos de Medicina no interior do País do que nas capitais e estamos igualando, também pela primeira vez, a proporção de vagas do Norte e Nordeste com o Sul e Sudeste. Serão 12.023 vagas em municípios do interior, contra 10.651 localizadas em capitais. Com isso, mais médicos se formarão em localidades com carência de profissionais, sendo estimulados a atuarem nessas áreas. A meta do governo federal é criar 11,5 mil vagas de graduação até 2017, e parte dessa meta já foi cumprida, com a autorização de 5.088 vagas de graduação (3.295 no interior e 1.793 nas capitais).

O Programa Mais Médicos possui 18.240 médicos em 4.058 municípios e 34 Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEI). Além do provimento emergencial de médicos, a iniciativa prevê ações voltadas à infraestrutura e expansão da formação médica no País. O Ministério da Saúde, em parceria com os municípios, está garantindo mais recursos para os municípios e auxílio na expansão e qualificação do atendimento.

Driblando a crise com criatividade

Consultor une diversas ferramentas para recolocar profissionais no mercado, com treinamentos focados e troca de conhecimento

- Mari Ferreira
redacao@revistarepublica.com.br

Basta tirar um "s" da palavra e "crise" se transforma em "crie". É assim - com uma leveza que faz tudo parecer mais fácil - que o consultor Cleber Baptista, administrador de empresas com especialização em Gestão de Pessoas e Equipe de Alto Desempenho, vem ajudando profissionais a se recolocar no mercado de trabalho.

"A primeira coisa que fiz foi tirar do meu vocabulário a palavra crise e substituí-la por crie. Acredito que somente assim, desenvolvendo potencial humano, somos capazes de atingir resultados", comenta.

Foi unindo criatividade, com dedicação e busca contínua pelo conhecimento e informação, que Baptista - nascido e criado em Santo André - alcançou destaque profissional e resolveu dividir este *know-how* com o mercado. Ele abriu a consultoria Mantuani Motivação & Treinamentos, através da qual divulga oportunidades profissionais e revela talentos em diversas áreas de saberes. O consultor também exerce cargo de liderança numa multinacional desde os 22 anos, atualmente em Sorocaba.

Para auxiliar profissionais na recolocação no mercado ou apenas para aqueles que precisam trocar conhecimentos, a Mantuani trabalha em três frentes: a primeira, em um grupo no Facebook, que já tem mais de 4,5 mil membros, onde são divulgadas vagas e temas relacionados ao mercado de trabalho; a segunda, *in loco*, quando a consultoria vai até o cliente (pequeno ou grande), para conhecer as suas necessidades e propor um trabalho personalizado para o crescimento da equipe, oferecendo treinamentos específicos ou motivacionais, que podem ser individual ou coletivo. A consultoria promove treinamentos nas áreas Comercial, Manufatura, Operações, que engloba Segurança, Qualidade e Produção. A terceira frente é a promoção de eventos em lugares públicos ou em estabelecimentos comerciais, com objetivo de gerar



Baptista: mercado pede qualidade com comprometimento

troca de conhecimento entre os presentes. "Os participantes têm oportunidade de encontrar profissionais de diversas áreas", explica.

A Mantuani possui cerca de 80 clientes, entre pessoas físicas e jurídicas. De modo geral, Baptista diz que o brasileiro tem "de sobra" capacidade de trabalho, mas o excesso de confiança pode atrapalhar. "Não é preciso pedir ao chefe para ir ao banheiro, mas é preciso respeitar regras, ter postura, não faltar. Uma máquina parada gera prejuízos enormes". De acordo com ele, o mercado busca remunerar pelo conjunto: mão de obra qualificada + comprometimento + comportamento. "Ninguém quer investir bilhões numa fábrica e colocar para cuidar de suas máquinas alguém que não cuida de seus filhos, sua casa, de si mesmo".

Santo André iluminada

Gestão atual, que recebeu a cidade sem 9 mil pontos de luz; após dois anos, trocou 26 mil luminárias, criou corredores de LED, contratou equipe própria e regularizou manutenção

• Mari Ferreira
redacao@revistarepublica.com.br

No final de 2012, o serviço de iluminação pública de Santo André entrou em colapso. Na ocasião, a prefeitura dependia integralmente do serviço terceirizado para qualquer tipo de reparo. Por problemas na renovação do contrato, falta de recursos e mandado de segurança, o então prefeito Aidan Ravin - já no "apagar das luzes" de sua gestão - tinha, em outubro daquele ano, quase nove mil pontos sem luz na cidade, além de 50% das luminárias instaladas terem 30 anos de uso, o que conferia uma baixa eficiência de luminosidade e desperdício de 40% da energia elétrica consumida. Santo André possui 52 mil luminárias em ruas, praças e parques.

"A prefeitura não tinha nenhuma estrutura própria que pudesse socorrê-la naquele momento", recorda o hoje secretário de Mobilidade Urbana, Obras e Serviços Públicos de Santo André (SMU-OSP), Carlos Sanches. O cenário atual em nada lembra o do início de 2013. A meta do plano de modernização e ampliação da iluminação pública, que começou no início da gestão de Carlos Grana, batizado de Banho de Luz, é chegar ao fim de 2015 com renovação de 26% dos 52 mil pontos de luz, instalados em 1.000 Km de vias públicas, praças e parques. "Até o final de 2016 pre-

tendemos alcançar 55% do parque de iluminação modernizado", complementa Sanches.

Para transformar escuridão em claridade, o Banho de Luz percorreu um longo caminho. Contratou oito equipes próprias que deram autonomia à prefeitura para atuar em manutenção, criou um call center (atendimento telefônico 0800) para atender ao usuário que deseja comunicar alguma falha no sistema), 24 horas, todos os dias, além de muitas outras conquistas (veja quadro). Resultado do esforço já aparece: em recente pesquisa, o serviço de iluminação pública figura como o segundo melhor avaliado pelos munícipes, perdendo apenas para a coleta de resíduos.

A modernização se deu em

duas frentes: troca de luminárias com lâmpadas de descarga (vapor de sódio ou vapor multimetálico) ou usando a tecnologia LED, que iluminam mais, além de reciclagem de lâmpadas e luminárias que ainda podem ser aproveitadas. Foram criados os "corredores brancos" em algumas das principais vias da cidade como avenida Capitão Mario Toledo de Camargo, Vieira de Carvalho, entorno de locais com grande concentração de pessoas, parques, entre outros. "A tecnologia LED é mais moderna e mais cara, com retorno de investimento ainda longo. Por isso, optamos por mesclar esta tecnologia com as lâmpadas de descarga, utilizadas nas ruas dos bairros. Mas estamos substituindo luminárias obsoletas, com potência de 20% em luminosidade para outras com eficiência de 85% em média", explica o secretário.

A modernização vem sendo sistemática desde 2013. "Começamos atuando nas áreas com maior número de problemas e chamados, pois a iluminação pública, apesar de não ser a causa da insegurança, está intimamente relacionada com a piora de ocorrências onde há casos de ausência ou baixa luminosidade. São exemplos da atuação do Banho de Luz as regiões de Vila Guiomar, Vila Alice, Vila Alpina e entorno dos prédios do IAPI", pontua.



**CALL CENTER
ATENDE SOLICITAÇÕES
PARA SERVIÇOS DE
ILUMINAÇÃO 24 HORAS,
POR TELEFONE E PELO
SITE DA PREFEITURA
DE SANTO ANDRÉ**



Secretário de Mobilidade Urbana, Obras e Serviços Públicos de Santo André, Carlos Sanches: mais estrutura e agilidade

EQUIPE PRÓPRIA

Vitor Mazzeti Filho, diretor de Manutenção e Obras da SMU-OSP, explica que atualmente a equipe própria contratada pela prefeitura dá conta de toda a ampliação do parque e manutenção. "Por uma questão estratégica nós decidimos criar equipes próprias da prefeitura para que numa situação como a de 2012, realizar a manutenção", diz. Foram contratados perto de 30 profissionais, eletricitas, entre técnicos e ajudantes, além de compra de equipamentos, como três caminhões-cesto.

O diretor informa que o pessoal próprio e a regularização do prestador de serviço permitiram a introdução de rondas constantes. Toda noite, é feita ronda pela contratada. E nas terças e quintas, no período do dia, são realizadas as rondas de fiscalização pela equipe da SMOSP, que busca possíveis falhas e faz as intervenções necessárias.

"Temos a ronda, mas de-

pendemos muito do chamado do munícipe para resolver o mais rápido possível o problema. Nosso índice de falhas hoje é menor que 0.3%. Por isso, é fundamental divulgar o 0800. Muitas vezes, as pessoas percebem as falhas - pontos apagados à noite ou acesos de dia - mas nem sempre usam o serviço para comunicar isso", exemplifica. Segundo ele, dos 41 eventos ocorridos no dia da entrevista (21/09/15) 58% veio por meio do call center ou do auto-atendimento no site da prefeitura; outros 42% foram detectados pelo serviço de manutenção da secretaria.

AGILIDADE

Os técnicos saem às ruas com um tablet. Ninguém precisa mais anotar nada no papel ou ir ao escritório para receber a ordem de serviço. É tudo via web. O call center recebe as ligações e o sistema concentra tudo. Os pedidos são triados para verificar se não há um chamado em duplicidade. Através de um comando, usando wi fi ou 3G, a ordem chega ao tablet do operador. Da mesma maneira, o operador não anota em papel; executando a ordem, finaliza o serviço e envia a informação em tempo real para o sistema. "Isso conferiu muita agilidade ao serviço", afirma Sanches.

SERVIÇO:

Canais de atendimento: Call Center: 0800-7742100 (linha específica para atender demandas sobre iluminação pública em Santo André). Funciona 24 horas, 7 dias por semana. Pelo site www.santoandre.sp.gov.br: é necessário fazer um cadastro prévio para ter nome de usuário e e-mail para entrar no sistema a partir de dispositivo móvel ou qualquer outro aparelho.



Avenida Capitão Mario Toledo de Camargo já possui tecnologia LED

FOTOS: VITOR MAZZETI

Sistema on-line monitora atendimento

Para modernizar o parque de iluminação pública e acompanhar todos os serviços de atendimento, foi desenvolvido por uma equipe da prefeitura um software para monitorar especificamente este serviço.

O sistema demonstra que dos 24 mil eventos – de março de 2014 até 21 de setembro de 2015, dia da entrevista da República com o secretário Carlos Sanches – 209 permaneciam em atendimento por fatores diversos e 39 pendentes de despacho da ordem de serviço. Estes últimos, solicitações de um dia. Os demais casos foram atendidos.

O software permite verificar, on-line, quem fez a solicitação, quando elas foram atendidas, que materiais foram usados, qual a rua e corredor de ônibus com maior incidência de problemas, entre outros dados. O sistema também identifica o solicitante do serviço e este recebe uma resposta após a conclusão do reparo. “Se ele solicita através do call center e informa o seu celular, recebe um SMS quando a solicitação é atendida”,

explica Vitor Mazzeti.

No caso dos “corredores brancos” de LED, a leitura de dados acontece através da telemetria e telecomando. Ou seja, à distância, técnicos avaliam, em tempo real, se é possível baixar a luminosidade das lâmpadas de acordo com o horário, a região e o número de pessoas circulando, por exemplo. “Assim, conseguimos diminuir ainda mais o consumo de energia com a determinação da potência; no caso do LED essa flexibilidade permite aumentar também a vida útil da lâmpada”, explica Mazzeti. É o caso dos LEDs instalados no Parque Celso Daniel, cujas lâmpadas do interior são apagadas e as do entorno são mantidas acesas para colaborar com a iluminação da via”.

A prefeitura tem 72 horas para atender uma solicitação. “Claro que o insumo básico para o serviço de iluminação pública é a energia elétrica. Para os casos que não temos este fornecimento da distribuidora (Eletropaulo), não conseguimos atender neste prazo”.



Técnico municipal testa LED com tablet

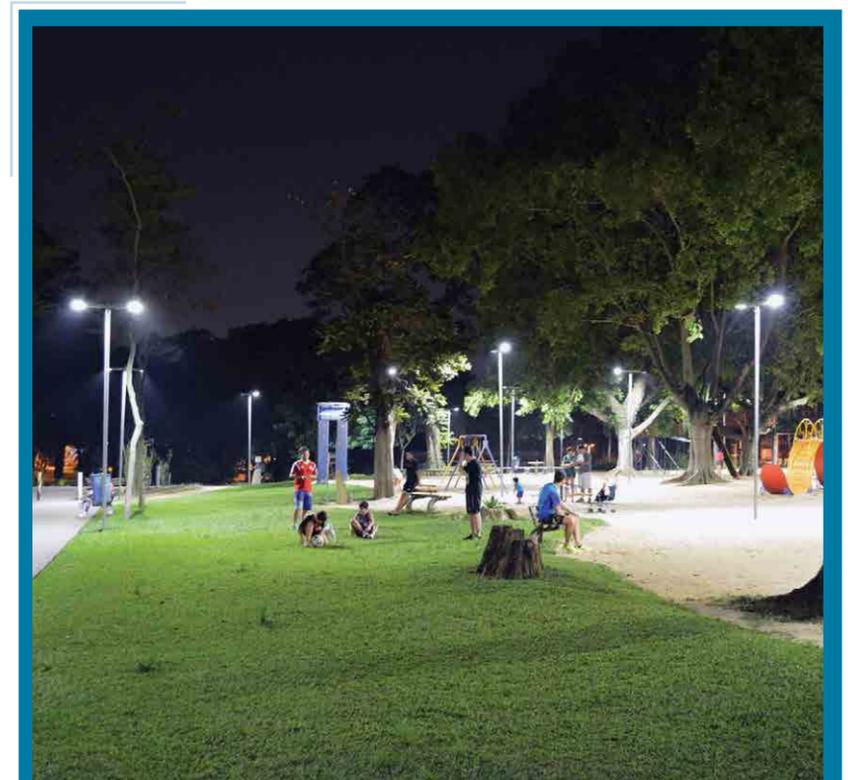
Para quem não está familiarizado com as competências de cada prestador de serviço, os postes de energia e transformadores são da distribuidora; luminárias e braços de iluminação são de propriedade da prefeitura. “Se acontece um problema num transformador – e temos mais de 1,5 mil na cidade, o reparo tem de ser feito pela distribuidora e não conseguimos atender no prazo”, complementa.

Na maioria das vezes, o problema se dá pela falha no fornecimento de energia e o usuário muitas vezes não percebe porque a linha que abastece a rua não é a mesma que atende a residência.

RECICLAGEM

O Programa Banho de Luz também é fazer mais com menos. A Secretaria reaproveita lâmpadas fabricadas a partir de 2014 e recicla as luminárias. As lâmpadas mais antigas não são descartadas, apenas aguardam uma reposição pontual. “Testamos os componentes, trocamos, montamos novamente, limpando lentes, trocando vedação. Assim, elas ganham sobrevida e, lâmpadas instaladas há 12 anos na cidade, podem aguentar por mais um período igual. Já atingimos a marca de mais de 3 mil luminárias reaproveitadas”, conta o secretário Carlos Sanches.

O seguimento de iluminação pública, de maneira geral, tanto a modernização quanto a manutenção, movimenta algo em torno de R\$ 50 milhões por ano em Santo André, incluído compra de equipamento, serviços de terceiros contratados, custo da energia elétrica, manutenção, entre outros. Os recursos são oriundos da CIP (Contribuição para Iluminação Pública), que vem anotado na conta de energia elétrica através de um convênio do município com a distribuidora. A prefeitura informa o valor, a distribuidora cobra do consumidor na conta e repassa para a prefeitura.



Tecnologia LED em instalação no canteiro central da avenida Adriático

Conquistas do Banho de Luz:

- Aumento do índice de luminosidade dos logradouros públicos de maneira geral.
- Reforço da iluminação no entorno de equipamentos públicos e de grande aglomeração de pessoas de maneira específica.
- Criação dos corredores brancos com tecnologia LED.
- Implantação de mecanismos para controle e gerenciamento remoto dos pontos luminosos.
- Implantação de mecanismos de controle dos serviços terceirizados.
- Melhoria dos canais de comunicação com a população.
- Redução os índices de falhas do sistema.
- Redução do consumo de energia elétrica.
- Modernização do parque de iluminação pública (substituição de luminárias e componentes).
- Implantação de mais pontos luminosos.
- Adequação da iluminação de espaços públicos à arborização.
- Substituição de luminárias de vapor de sódio (luz amarela) existentes nas praças, entorno de escolas, hospitais, terminais de transporte público por luminárias modernas de vapor multimetálico (luz branca).

FORNTE: SMOSP

No olho do furacão

No seu berço, o ABC, Partido dos Trabalhadores encara incertezas ao se preparar para as eleições municipais mais difíceis de sua história

Leo Oliveira
redacao@revistarepublica.com.br

Se os partidos políticos fossem pessoas, o PT (Partido dos Trabalhadores) poderia se chamar hoje um *enfant terrible* daqueles que, sendo mais novo do que muitos de seus pares, já pode escrever uma polêmica autobiografia. Vencendo ou ganhando, sempre esteve na política brasileira na condição de protagonista, desde a sua fundação, na passagem dos anos 1970 para os 1980. Nestes 13 anos conduzindo a União, porém, encara a condição inversa das décadas que antecederam a presidência do metalúrgico Luís Ignácio Lula da Silva. O PT já está há muito tempo na condição de vidraça, não de pedra.

As eleições de 2012, que reconduziram Dilma Rousseff à posição de presidente, deram a vitória ao partido, mas deixaram traumas. Com manifestações por todo o país, particularmente no Estado de São Paulo, e expressões zangadas de seus adversários, o PT se prepara para uma nova batalha, desta vez tendo na linha de frente os seus candidatos municipais. E o ABC, a região onde o partido nasceu, terá papel vital.

“Estamos numa conjuntura nova. Tivemos uma eleição muito difícil, que mostrou um país dividido”, diz o deputado estadual Luiz Turco, de Santo André. Ele analisa que, por trás da ofensiva contra o partido, há uma tentativa de ‘terceiro turno’ que trava o governo. “É uma tentativa que acontece primeiro juridicamente, tentando colar no PT a pecha de partido corrupto”.



Deputado estadual Luiz Turco



Luiz Fernando: “Brasil passado a limpo”



Ex-deputado federal, Vanderlei Siraque



Ana do Carmo: “deslizes punidos”

PT tenta conquistar ao menos 5 prefeituras

Há pouco mais de um ano das eleições, os peões se movimentam no tabuleiro político e começam a se posicionar. O PT, fiel da balança em cinco das seis cidades do ABC, já sabe quais serão seus principais adversários. Ainda tenta, contudo, calibrar suas armas direito.

Em São Bernardo, o candidato petista à sucessão de Luiz Marinho deverá usar uma série de obras que, de fato, mudou a paisagem da cidade. O problema talvez seja: qual candidato? Marinho já não pode concorrer. As apostas estão concentradas em seu braço direito desde os tempos de Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, Tarcisio Secoli, atual secretário de Serviços Urbanos. Ainda é um nome mal conhecido na cidade, especialmente se comparado com os dois potenciais adversários, o deputado federal Alex Manente (PPS) e o estadual Orlando Morando (PSDB).

Em Santo André, Carlos Grana deve disputar a reeleição buscando um comparativo entre seu governo e o de Aidan Ravin (PTB). Ele também deve enfrentar outros adversários que estiveram com o governo nos primeiros anos, Paulinho Serra (PSDB) e Raimundo Salles (PDT).

Mauá tem um caso mais complicado. Com o prefeito Donisete Braga tenta se reeleger contra a mais tradicional adversária petista, a deputada estadual Vanessa Damo. O que complica é a própria composição com a qual Braga governa. Desse quadro saiu o hoje deputado estadual Atila Jacomussi (PCdoB). Agora ele se coloca como uma alternativa mais difícil para os petistas do que a própria Vanessa.

Outros dois desafios vão esquentar a briga do PT no ABC. O primeiro é recuperar Diadema, primeira cidade do país que governou, ainda em 1982. O triprefeito José de Filippi Jr., atual secretário de Saúde da cidade de São Paulo, é quem provavelmente tentará arrancar a Prefeitura do atual mandatário, Lauro Michels. O segundo desafio está em Rio Grande da Serra, cidade à qual pertence o atual dirigente da Macro ABC, Claudinho da Geladeira. As outras duas cidades da região, Ribeirão Pires e São Caetano, parecem realidades mais distantes, embora sempre haja esperança quanto à primeira.

Sempre com a corrupção na ordem do dia, o partido terá de lidar com ela no decorrer dos próximos 12 meses. Os adversários usarão escândalos majoritários, desde o Mensalão até as denúncias de desvio da Petrobras, na operação Lava Jato. O PT deverá responder com uma dupla estratégia.

Em primeiro lugar, vai tentar comparar governos. Não apenas o federal, cujos programas sociais ainda mantêm algum apelo junto às classes mais pobres. Também os municipais. O partido governa as três maiores cidades do ABC. Seu primeiro desafio é mantê-las. Ao mesmo tempo, sonha em reconquistar pelo menos outras duas.

Em segundo lugar, tentará expor que, se comete erros, também é o primeiro partido que, no governo federal, teria apoiado a investigação de seus próprios quadros quando denunciados. Em outras palavras, vai dizer que, apesar de tudo, é o partido que mais combate a corrupção. “Quem teve deslize está sendo punido. E durante os governos do PT. E nos outros, isso ocorreu?”, pergunta a deputada estadual Ana do Carmo, de São Bernardo. Luiz Fernando, também deputado estadual pelo PT de São Bernardo, completa: “O Brasil está sendo passado a limpo graças à instrumentalização do Ministério Público e do Judiciário. Foi o PT que fez isso”.

LUTA DE CLASSES

Em todo caso, nos discursos dos três deputados, está sempre presente a velha luta de classes. Antes de ser uma disputa entre corrupção e honestidade, entre propostas antigas e mais recentes, o que existe, segundo eles, é uma disputa entre elite e trabalhadores – na qual nem sempre os atores têm consciência do que está se passando. “Contra o partido estão setores da elite brasileira, e sem dúvida a grande mídia está com eles”, diz Turco. “A elite não se conforma com que um metalúrgico tenha dito qual deveria ser a taxa de juros dos bancos. Para o mundo capitalista, foi um absurdo o empregado assumir o controle”, afirma Luiz Fernando, referindo-se ao ex-presidente Lula.

Classes mais pobres versus elite. A polarização está no discurso dos políticos do PT e, de certa forma, da oposição também. Há um consenso de que o grande trunfo petista foi ter conseguido diminuir em parte o abismo econômico que separa as classes sociais no Brasil. Era, contudo, uma medida com prazo de validade.

E ele expirou. A crise que estourou na Europa e nos EUA em 2008 parecia ter deixado o Brasil incólume. Não deixou. Inflação, recessão e desemprego agora impulsionam a oposição contra o governo e as dificuldades de lidar com esses problemas dão ao próprio governo a imagem de paralisado. No ano que vem, os candidatos, principalmente a prefeito, terão de lidar com essa realidade – contra a qual se insurgem apitações e painelações

nos bairros das grandes cidades.

Mas, para o PT, um trunfo não desprezível está no seio do próprio partido. Em agosto, a última grande manifestação contra o governo teria reunido, segundo estimativas da polícia e da grande imprensa, um milhão de pessoas em todo o país. O número é contestado por quem viu imagens de passeatas aparentemente vazias. “E, mesmo que houvesse um milhão de pessoas, só o PT tem mais filiados do que isso no Brasil”, diz o ex-deputado federal e estadual Vanderlei Siraque.

O problema é que a quantidade pode não fazer diferença se os próprios filiados não tiverem uma formação que desencadeie um discurso concatenado. Esse talvez seja o grande desafio do PT para os próximos anos – reforçar suas bases, das quais parece ter se distanciado depois de uma década no comando do país. “O PT é a periferia, é o chão de fábrica. Nós temos que conversar com essas pessoas. Temos de lhes dar formação política, instrumentos para que lutem pelos seus direitos conosco. Não adianta ficar só discutindo com uma elite que nunca vai gostar do nosso partido”, diz Siraque.

A questão é se essa militância, que fez a diferença em tantas eleições, não vai se intimidar pelas tantas denúncias e manifestações contrárias dos últimos anos. E se o partido ainda pode confiar nos seus símbolos mais tradicionais, como a cor vermelha e a velha estrelinha. Do ponto de vista do marketing, pouco importa se a verdade factual não desabona o partido.

O que interessa é o imaginário. Se os símbolos do partido causarem rejeição, não poucos candidatos podem deixá-los de lado. Isso desencadearia um efeito dominó que só enfraqueceria o PT. E é uma coisa que quem tem cargos eletivos pelo partido quer evitar. “Não acho que devemos nos envergonhar dos nossos símbolos jamais”, diz Ana do Carmo.

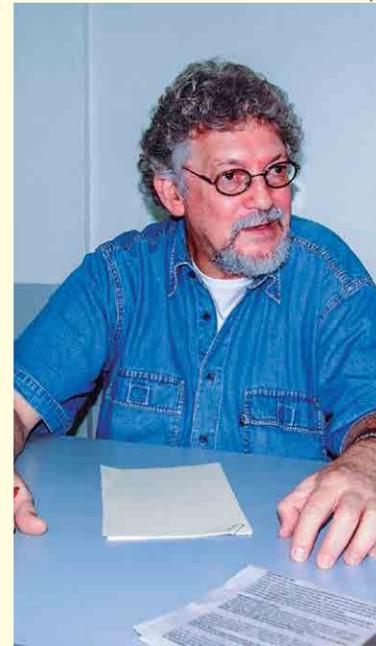
“O PT não é revolucionário”, diz professor da FSA

“As notícias sobre minha morte foram exageradas”, disse, em 1897, o escritor norte-americano Mark Twain. Assim ele referiu-se, com seu típico sarcasmo, à comoção gerada na sociedade por uma notícia falsa – era um primo de Twain que se encontrava moribundo na época. De maneira similar, a radicalização das notícias, amplificadas pelas redes sociais, tem atacado o governo e sua oposição. Já se noticiou o fim do PT, como já se noticiaram os fins de muitos de seus adversários coletivos. Tudo um tanto exagerado.

Tão exagerado quanto situar o PT como uma espécie de bastião do comunismo no Brasil. “O partido nasceu dos movimentos sociais e sindicais de finais da década de 1970, em franco e aberto combate à ditadura”, diz o sociólogo e cientista político Ivan Cotrim, coordenador do colegiado de ciências sociais do Centro Universitário Fundação Santo André.

O partido, segundo o professor, apareceu como uma reação ao modelo econômico ditatorial – e não uma tentativa de mudar a superestrutura econômica e social do Brasil. O PT foi legalizado por meio de uma reforma partidária realizada de maneira arguta pelos generais da ditadura. “De sorte que uma plena limpeza dos malefícios ditatoriais não ocorreu, e o partido seguiu em frente sem tentar mais alterar ângulos fundamentais da economia”, diz Cotrim.

Trocando em miúdos: o PT até pode ser considerado a esquerda em relação às elites, mas não uma tentativa de se fazer qualquer revolução de esquerda



Professor da FSA, Ivan Cotrim

no país. “O partido se encaixa no poder, após Fernando Henrique Cardoso, e segue toda a política neoliberal que deu fundamento ao plano do ex-presidente, excetuando a inclusão de parte da população pobre numa espécie de ‘nova classe média’”.

Quanto às manifestações de ódio, que, entre outras coisas, atribuem ao PT a pecha de comunista, Cotrim considera que elas devem ser colocadas em sua real dimensão. “Nunca houve fascismo no Brasil. O golpe militar e a história de direita têm naturezas distintas. Os partidos de esquerda não devem se curvar ao ódio de parte da classe média. Mas também não acho que terão sucesso no seio deste turbilhão conservador que os assola e que assola a Nação.”



Trabalho dá nova chance no “De Braços Abertos”

Recomeçar é possível

“De Braços Abertos” atende com dignidade a usuários de crack que desejam sair das ruas; cerca de 370 pessoas já deixaram o programa e cerca de 50 retornaram para a família

• Felipe Martins
redacao@revistarepublica.com.br

Cair e levantar. Essas duas palavras podem ser perfeitamente encaixadas nas vidas dos beneficiários do “Programa De Braços Abertos”, da Prefeitura de São Paulo. A iniciativa, implementada na região da Cracolândia em 2014, tem como principal objetivo ajudar na recuperação de usuários de crack e capacitá-los para que consigam, no futuro, largar o vício.

Atualmente, são quase 500 beneficiários atendidos pelo programa, incluindo filhos de usuários. Após pouco mais de um ano e meio, o balanço é considerado positivo pela Prefeitura de São Paulo: cerca de 370 beneficiários já deixaram o programa, sendo que alguns foram encaminhados para outros tipos de acolhimento da Prefeitura e cerca de 50 retornaram para a casa de familiares.

O sucesso da iniciativa faz com que a Administração Municipal estude a expansão do projeto para outras regiões da capital que também enfrentam problemas com consumo e tráfico de drogas.

“O pecado não é cair, o pecado é não tentar levantar. O poder público tem que oferecer a escada, e quem vai subir são eles. O benefício disso é mil vezes maior do que o custo. Nós estamos fazendo um pequeno gesto e obtendo um grande resultado”, disse o prefeito Fernando Haddad.

Um dos beneficiários do programa é Paulo Leal. Ele conseguiu, em pouco tempo, largar o vício do crack e começar de novo. “Eu não uso mais álcool e estou longe do crack. Estou tentando retomar a minha vida, resgatar a minha cidadania aos poucos. Tirei novamente minha habilitação, carteira de identidade e carteira profissional. É possível ficar longe do crack, mas é preciso boa vontade”, destaca.

Desde o início do programa, o esforço para retirar o usuário das ruas e apoiar a sua recuperação passa por diferentes ações que envolvem várias secretarias municipais de São Paulo. A prefeitura possui frentes de trabalho de zeladoria, como varrição, por exemplo. A remuneração para cada beneficiário é de R\$ 15 por dia, além de atividades de capacitação, três refeições diárias e hospedagem em oito hotéis da região da Luz.



Eletrônicos no galpão de triagem de recicláveis no aterro de Santo André

Nascidos para morrer

O mundo em que você vive é repleto de produtos, de lâmpadas a aparelhos eletrônicos, fabricados para quebrar e forçar-lhe a comprar outros: bem-vindos à obsolescência programada

• Leo Oliveira
redacao@revistarepublica.com.br

A cabeleireira Cleuza Riticino estava em casa vendo TV com as luzes apagadas. Era uma noite fria de junho deste ano e a programação, como é comum, narrava episódios reais de violência. Passava pouco das 9h da noite quando ela ouviu um estranho barulho vindo de um canto da casa. Sozinha, caminhou pé ante pé seguindo o ruído. Chegou à lavanderia. Acendeu a luz. O que viu causou-lhe um calafrio e não será esquecido por muitos meses.

Cleuza percebeu, pelo forte barulho da lavanderia, que a máquina de lavar roupas, que poucos minutos antes pusera para funcionar, estava quebrada.

“Não era possível! Só fazia dois anos que eu a tinha comprado”, diz. Mais do que possível, contudo,

era uma catástrofe anunciada – uma catástrofe para o orçamento doméstico da profissional, anunciada pela própria empresa vendedora quando informara que a garantia da máquina era de apenas um ano.

A cabeleireira entendeu imediatamente que tinha duas opções. Uma delas era entrar num ciclo interminável de caros consertos que garantiriam o funcionamento da máquina por poucos meses. A outra alternativa era comprar uma máquina nova. “Comprei outra. Economizava tempo e dor de cabeça.” Pelos próximos meses, as parcelas no cartão de crédito da professora não vão deixá-la esquecer daquela fria noite de junho.

A catástrofe não é só dela. Em todo mundo, milhões de aparelhos eletrônicos e de plástico, de lâmpadas e celulares são comprados diariamente. Despejada, a maior parte destas peças se acumula em depósitos, lixões ou, nos melhores casos, em aterros

sanitários mundo afora, enchendo de lixo o planeta em que vivemos. A velocidade com que os produtos são comprados parece casual num mundo impulsionado pelo consumo. Apenas parece.

CARTEL

Para entender a raiz desse problema, vamos voltar no tempo até 1901 em Livermore, uma pequena cidade do estado americano da Califórnia. Ali, certo dia, um bombeiro encaixou uma lâmpada fabricada em 1895 num bulbo e a acendeu. Aquela lâmpada, aquela mesma lâmpada, está funcionando até hoje.

Nenhuma das luzes de sua casa funciona por mais de dois anos, certo? Talvez três, no máximo quatro, e isso nos cômodos menos usados. Talvez o corpo de bombeiros de Livermore tenha algo que você não tem. Não, vamos inverter a pergunta: o que é que você tem que aqueles bombeiros não têm?

Você tem lâmpadas fabricadas segundo a lógica da obsolescência programada.

A história de Livermore é contada no documentário *Comprar, Tirar, Comprar*, dirigido pela cineasta alemã Cosima Dannoritzer e disponível no Youtube. Ele fala também de uma estranha reunião que ocorreu em 1926, em Genebra, na Suíça, entre muitos dos maiores fabricantes mundiais de lâmpadas – alguns donos de marcas que você conhece até hoje. No encontro, eles fundaram o cartel Phoebus, com um único objetivo: garantir que seus produtos fossem comprados pelos consumidores com a maior frequência possível. Ou seja: programar os produtos para que eles ficassem obsoletos, forçando seus compradores a adquirir novos exemplares.

Depois da reunião, os engenheiros a serviço das empresas receberam ordens curiosas. Até então, por força da concorrência, eles procuravam desenvolver produtos com maior durabilidade possível e punham no mercado lâmpadas que funcionavam por até 2.500 horas. Agora, a instrução era fazer o inverso: pesquisar componentes para que cada lâmpada durasse não mais de mil horas.

Bem, isso talvez fizesse com que o consumidor optasse por produtos de outras marcas. Mas não se todas as marcas tivessem esse mesmo vencimento limitado – a documentação sobre o Phoebus indica que as empresas poderiam ter de pagar altas multas caso seus produtos durassem além da conta. Essa é a combinação que caracteriza a prática do cartel, impossibilitando a concorrência, o que é proibido nos países com livre mercado, como o Brasil. Proibido, mas difícil de provar. Os documentos que comprovam as recomendações do Phoebus, por exemplo, só foram encontrados neste século pelo historiador alemão Helmut Höge.

APARELHOS APARENTEMENTE NOVOS VÃO PARA O LIXO POR CAUSA DE UMA PEÇA, O QUE GERA AUMENTO DO CONSUMO E IMPACTO AMBIENTAL



Cleuza Riticino: máquina de lavar quebrou após 2 anos de uso

CHIP

“Você percebe a existência da obsolescência programada quando constata que os aparelhos jogados no lixo parecem novos, mas estão lá porque apenas uma de suas peças não funciona mais. E fica mais caro consertá-los do que comprar um novo”, diz o gestor ambiental Ednilson Ferreira dos Santos. Como diretor de Resíduos Sólidos do Semasa (Serviço Municipal de Saneamento Ambiental de Santo André), ele é um dos administradores do aterro sanitário municipal, o único equipamento público do gênero no ABC.

Em outras palavras, nem sempre o aparelho todo é ruim – ele simplesmente é programado para quebrar, ainda que suas peças sejam de boa qualidade. O documentário *Comprar, Tirar, Comprar* usa o exemplo de uma impressora. Dentro dela há um chip que supostamente serve para evitar que a esponja do aparelho fique encharcada de tinta.

Mas o motivo de sua existência parece ser outro: quando completa 18 mil impressões, o chip sobrecarrega a placa-mãe do equipamento, queimando-a. E a placa-mãe é a alma da impressora. Melhor comprar uma nova do que trocá-la. Celulares, computadores, televisores – quase todos os aparelhos eletroeletrônicos parecem ser fabricados pela mesma lógica.

Essa lógica, aliás, é prima-irmã da publicidade. “(A propaganda e a publicidade) vendem a atualização tecnológica constante como artifício para a busca da felicidade. Isso movimenta a produção, ajuda a atingir metas de venda, até contribui para o aumento do PIB dos países. Mas os custos social e ambiental são altos e na maioria das vezes não compensam”, diz Helio Mattar, PhD em engenharia industrial, em artigo na página do Instituto Akatu, do qual é diretor-presidente. Formado no ano 2000, o Akatu dedica-se a ensinar consumo consciente para empresas e pessoas.

ESPERANÇAS

O problema, em geral, parece grande – e é. Mas há luz no fim do túnel. Ele vem sendo discutido de maneira abrangente desde 1999, quando o Protocolo de Kyoto foi ratificado por 55 países, inclusive o Brasil. Depois, de modo mais específico, a obsolescência programada foi tratada pela Conferência de Copenhague em 2009. No ano seguinte, o governo brasileiro lançou a Política Nacional de Resíduos Sólidos. Entre outras coisas, ela garante que as indústrias também sejam responsáveis pela destinação final dos produtos que fabricam – e todas têm até 2020 para se adaptar. É a chamada logística reversa.

Só que, com os eletroeletrônicos, não é tão simples. De fato, é um dos setores mais atrasados

Inventor catalão cria ‘lâmpada inquebrável’

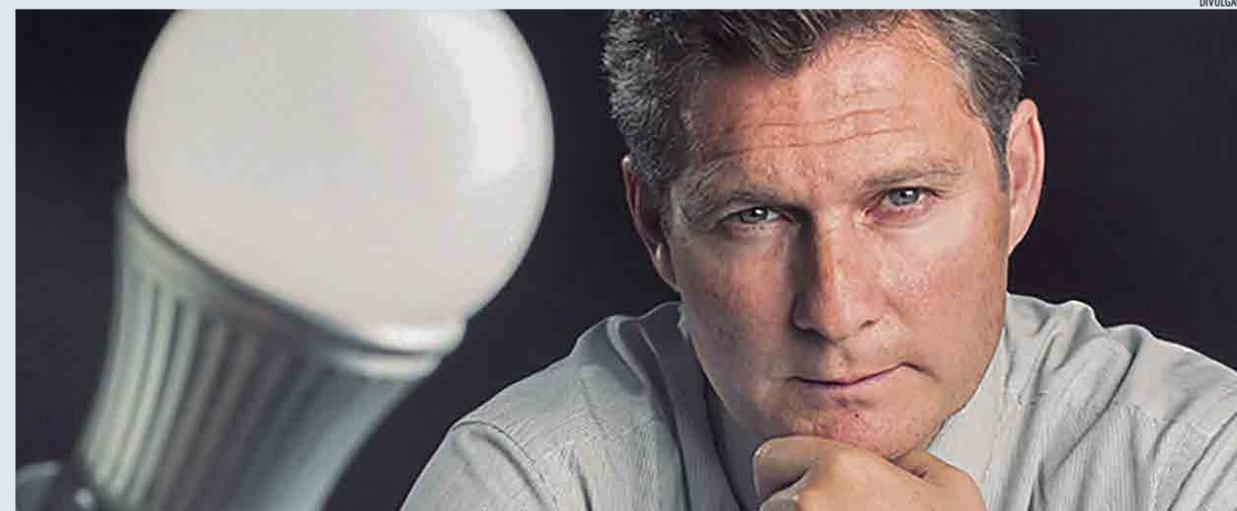
Em 2013, 12 anos depois de a cidade de Lìvermore ter organizado uma verdadeira festa em homenagem a um século de funcionamento da lâmpada, o engenheiro catalão Benito Muros anunciou ao mundo ter criado uma nova bombilla (lâmpada, em espanhol) que é o verdadeiro sonho dos consumidores: ela nunca quebra. A invenção deveria ser um grande sucesso. Em termos.

O próprio inventor relatou à polícia, algum tempo depois, ter recebido um bilhete escrito: “senhor Muros, você não pode colocar seus sistemas de iluminação no mercado. Você e sua família serão aniquilados”. Poucos meses mais tarde, em desdobramento típico de um jogo sujo industrial, um antigo colaborador de Muros, José Luís Marcos, surgiu na imprensa dizendo que a invenção era uma farsa, uma mera montagem de peças que poderiam ser conseguidas no maior mercado de eletrônicos do mundo, a China.

“Depois que inventei a lâmpada eterna, tive problemas e ameaças de todo tipo, até o ponto em que decidi não comercializá-la mais”, diz Muros. “O sr. Marcos foi o último episódio e exemplo de pessoa paga por alguém para destruir o projeto a partir de dentro.” Uma ação foi movida nos tribunais espanhóis contra o antigo colaborador, e

em relação à logística reversa. Os motivos são vários. Em parte, a enorme diversidade de componentes em sua concepção torna mais complicado dar uma destinação a eles. Hoje já há empresas, subcontratadas de outras empresas, dedicadas a dar aos materiais tóxicos a destinação ambientalmente adequada. Mas a maioria das empresas ainda não aderiu.

A indústria brasileira, contudo, não terá mais desculpas em 2020, quando estará obrigada a se enquadrar na lei. É possível ter algumas esperanças até lá. “Como o processo de destinação de um produto obsoleto é caro, as empresas podem voltar a fazer produtos mais duráveis”, diz Ednilson. “Elas também devem pesquisar componentes recicláveis de modo a reaproveitá-los, o que barateia a produção”, completa o engenheiro ambiental Jefferson Giorgi. Nesse dia, então, talvez a cabeleireira Cleuza Riticino não tome mais sustos com sua máquina de lavar.



Engenheiro Benito Muros, criador da lâmpada que não quebra, sofreu ameaças e acusação de farsa

como prova de conspiração o engenheiro diz que há mensagens de celular trocadas entre Marcos e duas multinacionais.

Você pode acreditar em qualquer um dos lados da contenda, mas neste jogo o que importa saber é: se uma lâmpada instalada em 1903 está funcionando até hoje, então inventar uma que funcione eternamente – depois de mais de um século de inovação tecnológica – é mais do que provável. Quanto à ameaça, o inquérito ainda não terminou. “Sempre que denuncio uma ameaça, aparece outra. Já aprendi a viver assim”, diz o engenheiro.

E a lâmpada? Por duas vezes Muros tentou

comercializá-la ao público em geral por meio de sua empresa, a OEP Electrics. Nas duas, desistiu – embora o site da empresa ainda esteja no ar anunciando a bombilla. As atividades do engenheiro agora concentram-se em estimular a fabricação de produtos duráveis por meio de palestras, conferências e outras atividades realizadas por sua ONG, a SOP (Sem Obsolescência Programada). Mas ele não desistiu do projeto – e seus planos envolvem o Brasil. “Estou analisando uma oferta de uma indústria de seu país para, a partir dela, distribuir a lâmpada eterna para todo o mundo. E não só ela, mas também outros produtos de alta duração.”

Na França, multa é de 300 mil euros

Preocupada em diminuir os índices de poluição ambiental, a França foi mais radical do que o Brasil. Em outubro de 2014, a Assembleia Nacional Francesa decidiu que empresas que fabricarem produtos programados para quebrar serão multadas em até 300 mil euros – equivalentes a mais de R\$ 1 milhão.

Curiosamente, a decisão não surgiu num debate sobre os direitos do consumidor ou sobre resíduos sólidos, mas sim sobre o setor energético. A França passou 2014 discutindo maneiras de diminuir a poluição ambiental e a lei chamada de Transição Energética entrou em vigor em março deste ano.

Em lugar de decidir como seria a fiscalização – tarefa quase impossível para os grupos políticos, tendo em vista a diversidade de materiais sobre os quais a lei atua –, os deputados resolveram que fabricantes e vendedores, além de fixar garantia para os produtos, também devem agora especificar qual a sua data de validade. Em outras palavras, o produtor tem de dizer na embalagem quando é esperado que o produto quebre.

Ainda assim, grupos ecológicos franceses consideram as medidas insuficientes porque mantêm a possibilidade de se comercializarem produtos de baixa qualidade. “Nossa economia nunca será ambientalmente adequada se os fabricantes e os distribuidores continuarem achando que os preços são mais importantes do que a qualidade e a durabilidade de um produto”, disse ao jornal *Le Monde* a ativista Camille Lecomte, do grupo *Les Amis de La Terre*.

DIVULGAÇÃO/SEMASA



Marcela de Oliveira durante palestra sobre logística reversa: cadeia produtiva do eletroeletrônico é abrangente e possui muitos atores

Acordo setorial para eletroeletrônicos é desafio

Editada em 2010, a lei federal 12.305, conhecida como Política Nacional de Resíduos Sólidos, não *inventou* a logística reversa. “A obrigação já existia para alguns produtos, em normas esparsas”, diz a advogada Marcela de Oliveira Santos, especializada em direito público e urbanístico. O que a lei federal criou foi um *marco regulatório* que abrangesse todos os produtos. E então, aqueles setores sobre os quais já havia leis específicas estavam mais adiantados.

Foram os casos dos fabricantes de pneus e de agrotóxicos – o engenheiro ambiental Jefferson Giorgi trabalha neste último e conta que os processos para garantir a segurança e a reciclagem dos produ-

tos já estão avançados. “Agrotóxicos não utilizados são incinerados. As embalagens passam por uma lavagem tripla e depois são convertidas em grãos que se transformarão em nova embalagem.”

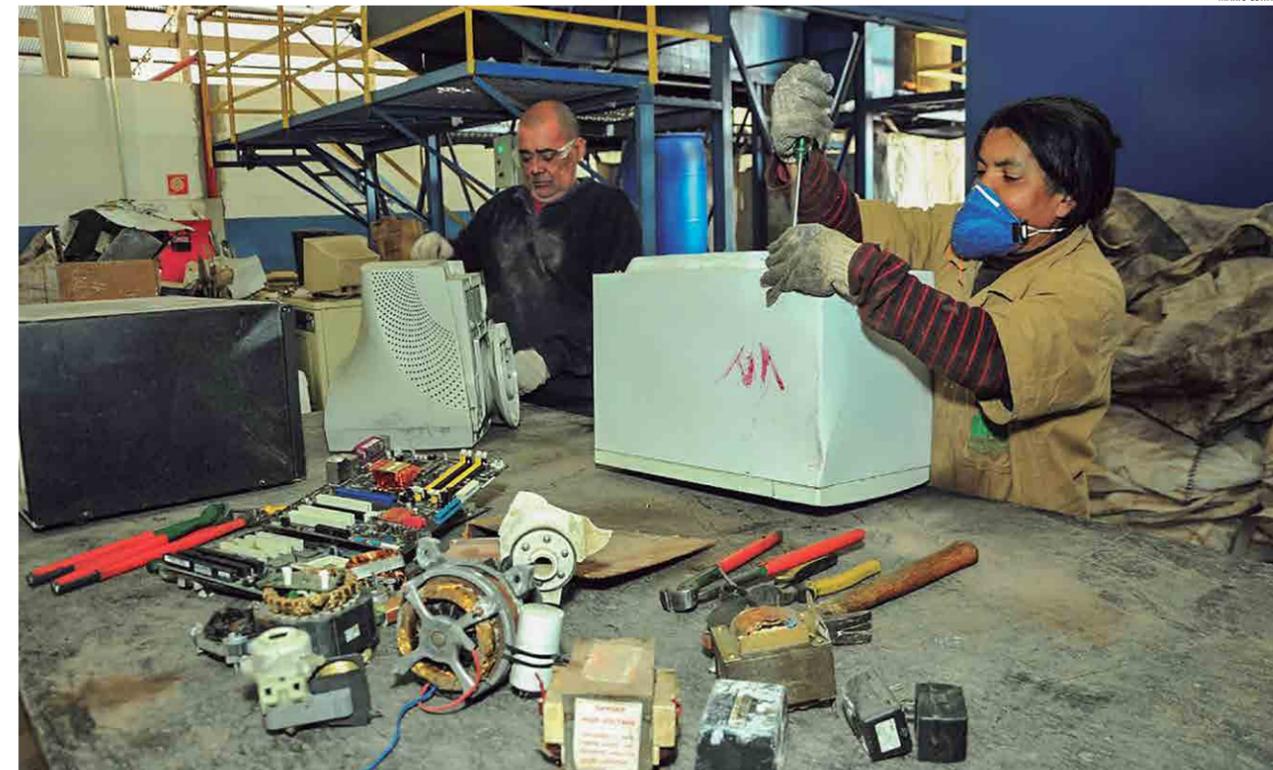
Setores como o de eletroeletrônicos e o de embalagens, por sua vez, ainda têm um longo caminho para percorrer. “São cadeias produtivas muito abrangentes e com múltiplos atores envolvidos. Além disso, os fabricantes são muito difusos. Há desde grandes indústrias até mercearias de bairro”, diz Marcela, que tem acompanhado diretamente a discussão sobre a implementação da lei no setor de embalagens.

O desafio, então, é chegar

a um *acordo setorial* – ou seja, os setores chegam a um consenso sobre como devem agir para cumprir a lei até 2020. Esse acordo começa no âmbito federal e depois tem de ser adaptado pelos municípios, porque eles é que são responsáveis pelos resíduos sólidos. Se há vício lá em cima, ele repercute negativamente aqui embaixo.

Problema: no caso das embalagens, a proposta parece não satisfazer o próprio objetivo da lei. “As metas não parecem ser capazes de alterar estruturalmente o setor produtivo nem de induzir comportamentos mais sustentáveis”, lamenta a advogada. Se os próprios fabricantes não forem razoáveis, o avanço ambiental pode parar.

MARIO CORTIVO



Eletroeletrônicos chegam às estações de coleta e são levados para serem desmontados pelos cooperados no aterro

Cooperativas de Santo André separam componentes

O diretor de Resíduos Sólidos do Semasa (Serviço Municipal de Saneamento Ambiental de Santo André), Ednilson Ferreira, é também um dos interlocutores entre o poder público e as duas cooperativas de triagem que atuam na cidade e para onde são encaminhados todos os resíduos recicláveis separados pelos andreenses, inclusive os eletrônicos. Os materiais chegam através do que é destinado ao ecoponto (estações de coleta) ou da coleta seletiva porta a porta. As cooperativas não reaproveitam o aparelho inteiro. Elas o desmontam, separando componentes de ferro, de cobre e de plástico, por exemplo, que são comprados por indústrias que vão reciclá-los ou vendê-los como matéria-prima

para outras indústrias. Nem tudo, no entanto, é reaproveitável. Algumas lâmpadas têm vapor de mercúrio, elemento altamente tóxico para a saúde humana e o meio-ambiente. “Os aparelhos têm também outros elementos, como chumbo, cobalto, zinco e arsênio, que, quando acumulados, podem causar câncer”, explica o engenheiro ambiental Jefferson Giorgi.

Em Santo André, ainda são poucos desses componentes tóxicos que são descartados corretamente para serem reciclados. Misturados ao lixo comum, acabam aterrados e misturados ao chorume. Em Santo André, o aterro sanitário é um destino seguro para o lixo, pois tem o solo revestido e não contamina o lençol

freático. Mas esta não é a realidade da maioria das cidades brasileiras onde predomina o lixão, com depósito a céu aberto e sem tratamento.

O chorume precisa ser tratado antes de ir para o esgoto. “Quando tem componentes mais tóxicos, como mercúrio e chumbo, o tratamento é bem mais caro”, explica Ednilson. E aí não importa se o aterro é municipal ou particular. Como o serviço é sempre de responsabilidade da Prefeitura, quem paga por ele é você. Por isso, é mais barato fazer a coisa certa: primeiro revendo se o aparelho precisa mesmo ir para o lixo ou se pode ser consertado e ainda funcionar por muitos anos e, se descartado, fazer isso por meio da coleta seletiva.

Proteção do consumidor começa com informação

A obsolescência programada é o um dos maiores motivos para troca de aparelhos eletroeletrônicos. Foi o que mostrou uma pesquisa realizada pelo Idec (Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor), em 2014. “Um em cada três celulares e eletroeletrônicos são substituídos por falta de funcionamento. E três em cada dez eletrodomésticos são substituídos por apresentar defeitos, mesmo estando em funcionamento”, diz Renata Amaral, pesquisadora do Idec.

Mas, peças que ajudam os aparelhos a quebrar não são a única forma de obsolescência programada. Para manter a frequência e a velocidade de suas vendas, a indústria e o comércio contam com um fator mais arcaico: o próprio consumidor. “As práticas mais vistas são os constantes e frequentes lançamentos de novas tecnologias, obrigando o consumidor a trocar de aparelho”, diz Renata. “O consumidor faz a troca, entre outros motivos, por um desejo de estar atualizado, também induzido pela publicidade”. Em outras palavras, a moda é também uma forma de obsolescência programada.

VINTAGE

A moda, no caso, vem e vai. A tecnologia do século XXI possibilita a fabricação de produtos de qualidade e com durabilidade, mas torna os consumidores menos apegados a eles. Como resultado, produtos mais antigos às vezes entram na mira dos compra-



Procura é grande pelos amplificadores de válvulas do mecânico Loester Don

dores – é o conceito vintage.

Carros, por exemplo. “Os motores hoje duram muito mais, mas, quando o carro quebra pela primeira vez, o dono já pensa em trocar, em vez de consertar”, diz o mecânico Loester Doná, que foi dono de uma caminhonete Chevrolet fabricada em 1964. Doná teve o veículo até 2011, quando foi roubada.

Também músico, ele tem entre suas atividades a fabricação de amplificadores de válvula, os mesmos que eram usados pelas bandas de rock nos anos 1970 e que hoje raramente são encontrados em lojas convencionais. E a procura é grande: muitos músicos preferem o som ‘das antigas’ que

os aparelhos conferem a suas canções. “Não vejo esse conceito de vintage acontecendo daqui a 30 anos com os produtos que são fabricados hoje em dia”, diz Loester. E se quebra o celular? “Eu troco. É mais barato e dá menos trabalho.”

INFORMAÇÃO

Neste contexto, cabe ao comprador saber se proteger. No Brasil, não há legislação específica para coibir ou punir fabricantes e revendedoras de produtos com pouca perenidade. Mas, o público tem algumas alternativas legais, amparadas no Código de Defesa do Consumidor e na Política Nacional de Resíduos Sólidos.

A primeira proteção está

na informação. A Fundação Procon de São Paulo orienta os consumidores a pesquisarem sobre fabricantes e revendedores antes de adquirir um produto. Uma das fontes de informação são os relatórios que a própria fundação emite e que são postados com frequência em seu site.

Quando um aparelho adquirido há pouco tempo se quebra, o Código é a garantia de que o fabricante deverá consertá-lo – ou mesmo repô-lo – sem custo para o comprador. De acordo com a lei, produtos comprados num estabelecimento regular têm garantia legal de 90 dias. Ou seja, se você comprou um celular numa loja e ele veio sem garantia, a loja ou o fabricante deverá substituí-lo se ele quebrar em menos de três meses – mesmo que não tenha vindo com nenhuma garantia. Para compras na internet, a lei

apoia ainda mais o consumidor, já que ele não pode examinar o produto antes de adquiri-lo.

Por uma questão de concorrência, os fabricantes costumam dar garantias mais longas do que prevê a lei, como seis meses ou um ou dois anos. E, se o produtor anunciou, então tem de cumprir.

Se nada mais deu certo, então o consumidor pode recorrer à Justiça. Será mais uma dor de cabeça depois de já ter tido tantas, mas é o que vai lhe garantir seus direitos. Segundo o Idec, caso o

consumidor se sinta lesado por uma possível prática de obsolescência programada, pode recorrer a juizados especiais cíveis se o valor do produto não ultrapassar os 40 salários mínimos – R\$ 31.520 em valores atuais. Se não ultrapassar os 20 salários (R\$ 15.760), ele nem mesmo precisa de um advogado. Para valores maiores – como os de muitos veículos – não tem jeito. “O comprador vai precisar de um advogado para entrar na Justiça Comum e defender seus direitos”, conclui Renata Amaral.

INFORME-SE:

Cadastro de reclamações fundamentadas da Fundação Procon – SP: <http://www.procon.sp.gov.br/reclamacoes.asp>

Pesquisa do Idec sobre obsolescência programada: <http://www.idec.org.br/o-idec/sala-de-imprensa/release/mais-da-metade-dos-equipamentos-eletronicos-e-substituidos-devido-a-obsolescencia-programada>

Agora em Santo André

PACIENTES INTERESSADOS EM:

Implantes dentários

Ligue e agende uma avaliação com o Dr. Ricardo Moreira

(11) 4468-1327

Maximplantes Clínica Odontológica LTDA.
Rua Gonçalves Crespo, 15 - Vl. Valparaíso - Sto. André
Resp. Técnico Ricardo Moreira - CRO 82725

Apoio:
AOESP



Manifestação de taxistas contra Uber: serviço está no Rio, BH, SP e Brasília

Combate na rua

Aplicativo Uber usa polêmica como estratégia para conseguir regulação favorável; no ABC, serviço ainda é oferecido parcialmente

• Rodrigo Jacinto
redacao@revistarepublica.com.br

Pegar um táxi de Santo André a São Bernardo custa 50% a mais do que percorrer a mesma distância apenas dentro de Santo André. O acréscimo, na prática, serve para limitar a concorrência e impedir que motoristas de um município resolvam prestar serviço em outro território.

Para os carros do aplicativo Uber, essa fronteira não existe: o preço para ir de uma cidade a outra é cobrado apenas pela quilometra-

gem e pelo tempo de viagem, o que representa uma economia significativa para quem mora no ABC e quer visitar a cidade ao lado, ir a São Paulo ou até ao aeroporto de Guarulhos.

Porém, o Uber ainda não atende oficialmente a região. “Os usuários do app de São Paulo podem pedir um carro e ir até as cidades adjacentes. Por enquanto, não temos planos de aumentar a área atendida”, disse o Uber à Revista República por meio da assessoria de imprensa. Caso algum carro do serviço esteja passando pelo ABC,

ele pode pegar passageiros por aqui, mas não há garantias de que o serviço estará sempre disponível, como ocorre em São Paulo.

Odemar Ferreira, presidente do Sindicato de Taxistas Autônomos de Santo André e Região, ainda não vê o Uber como problema. “Para ser um concorrente, tem que ser táxi, coisa que o Uber não é. Então não me preocupo. Estamos acompanhando os debates na capital e vamos acompanhar as ações da federação dos taxistas, em nível nacional”.

Da mesma forma que o Uber ignora as divisas municipais, também passa ao largo da lei, com o argumento de que por ser um serviço novo, não se enquadra nas regras atuais e que precisa de normas próprias, a serem criadas.

O aplicativo foi criado em 2009, na Califórnia, Estados Unidos, por Garrett Camp e Travis Kalanick, que tiveram a ideia ao esperar muito por um táxi em Paris num dia de chuva. O serviço chegou ao Brasil em 2014 e atualmente opera em quatro cidades: São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Belo Horizonte.

Em linhas gerais, a empresa seleciona e credencia motoristas para trabalhar com seus próprios carros, transportando pessoas de um ponto a outro. O pedido e o pagamento são feitos via telefone celular, de modo que só pode usar o serviço quem tiver cartão de crédito.

No Brasil, o Uber oferece dois tipos de serviço: o Black, com carros pretos de alto valor como Toyota Corolla, Ford Fusion e Hyundai Azera, e o “X”, com carros de preço intermediário, como Fiat Siena e Volkswagen Voyage. Em ambos, os motoristas são atenciosos, oferecem água, perguntam se o ar condicionado e o som estão ao gosto do cliente e só conversam se o passageiro puxar papo.

Tanta dedicação tem razão clara: ao fim de cada viagem, o passageiro dá uma nota para o motorista, que vai de zero a cinco estrelas. Se a média do condutor cair abaixo de 4,6, ele recebe uma advertência e pode ser expulso do Uber.

Motoristas do Uber ouvidos pela reportagem, que não quiseram se identificar, disseram que é possível ganhar até R\$ 2.000 por semana trabalhando em torno de dez horas por dia. Entre eles, há modelos, estudantes e ex-motoristas particulares, que dividem o trabalho com o Uber com outras atividades ao longo do dia. “Estudo Direito de manhã, faço estágio à tarde e entrei no Uber para ganhar algum dinheiro à noite”, conta Deivid, que dirige um Fiat Idea. “Já tinha o carro e resolvi começar nas férias de julho. Agora, faço menos corridas, mas ainda vale a pena.”

A relação profissional entre Uber e os motoristas é um dos pontos mais sensíveis do serviço. Os condutores escolhem qual período do dia trabalhar e não precisam entrar em nenhuma escala: basta ligar ou desligar o smartphone usado para receber corridas. De cada corrida, 80% fica com o motorista e 20% com o aplicativo. O Uber não considera seus motoristas como funcionários, mas “parceiros”. Assim, não

se responsabiliza por acidentes ou condutas inadequadas. As únicas garantias são a avaliação feita pelos próprios passageiros e um seguro que os motoristas precisam fazer para proteger a ele, aos clientes e terceiros.

Já os taxistas precisam prestar contas ao departamento de trânsito de cada cidade e seguir regras como manter a identidade visual, os carros limpos, usar o taxímetro e pagar taxas anuais. Por outro lado, possuem isenção de IPVA e ICMS na compra do carro usado em serviço.

LEI

“O exercício ilegal da profissão é o xis da questão. Assim como o advogado e o médico só podem exercer suas atividades se forem reconhecidos por instituições superiores, para transportar passageiros também é necessário cumprir obrigações legais”, defende Edmilson Americano, presidente da Abracomtaxi, associação que reúne cooperativas de táxi do Brasil. “Há uma inércia muito grande por parte das autoridades para resolver esse imbróglio no país”, prossegue.

A lei nacional que regula o serviço de táxi, de 2011, estabelece que apenas veículos e condutores autorizados podem transportar pessoas mediante pagamento. O carro precisa ter uma placa vermelha, coisa que os carros no Uber não têm. Essa lei delega a fiscalização às prefeituras. Em São Paulo e no Rio de Janeiro, dezenas de carros do Uber foram apreendidos em fiscalização, o que faz com que motoristas do serviço evitem embarcar pessoas em grandes eventos e aeroportos. Caso haja apreensão do veículo, não há pena prevista para o passageiro.

“Colocar o Uber numa lei antiga não faz sentido. É como comparar Netflix com a TV normal”, defende Fábio Sabba, porta-voz do Uber no Brasil. Ele lembra ainda que a Constituição garante o direito de livre-iniciativa.

As leis locais foram criadas há cerca de 50 anos, para resolver duas questões: de um lado, os passageiros precisam de alguma garantia de que o motorista e o carro de aluguel são confiáveis (e se der algo errado, a autoridade poderá ser chamada). De outro, se todos que têm carro resolvessem ser taxistas, o excesso de concorrência arruinaria os ganhos.

Essa situação ocorreu em Nova York durante a Grande Depressão nos Estados Unidos, na década de 1930. Como muitas pessoas se tornaram taxistas, todos precisavam trabalhar muitas horas e mesmo assim não tinham dinheiro nem para fazer reparos nos veículos. Para resolver a questão, o então prefeito Fiorello La Guardia criou uma lei para fixar o número total de táxis da cidade em 16.900 e distribuiu medalhões (medallions) aos carros autorizados a fazer o serviço. No Brasil, foi criado o modelo de alvará, com o mesmo princípio.

A ideia de limitar o número de taxistas surtiu efeito, mas trouxe uma consequência indesejável: a criação de monopólios e de um mercado irregular de venda de licenças. Em Nova York, um medalhão chega a ser vendido por US\$ 700 mil. Em São Paulo, um alvará ultrapassa os R\$ 100 mil. Empresas de táxi que possuem vários alvarás alugam essas autorizações a taxistas que não as possuem.

Como quem tem um alvará tem na prática um emprego vitalício e de demanda garantida, o mercado de táxi era marcado por relativa tranquilidade até que empresas de tecnologia virassem seus olhos para ele. O Uber en-

frenta concorrência de serviços similares em outros países, como o Lyft (EUA), Ola (Índia) e Didi Cuali (China). Por outro lado, seu valor de mercado é estimado em US\$ 40 bilhões.

No Brasil, aplicativos como Easy Taxi e 99Taxis, que trabalham apenas com taxistas, dizem já trabalhar com mais de 90% da frota da cidade de São Paulo. Esse crescimento é bancado por fundos de investimento, cujo dinheiro permite aporte massivo em propaganda e promoções, mesmo ao cobrar pouco dos taxistas.

OUTROS PAÍSES

Imagens de protestos de taxistas contra o Uber já foram registradas em diversas cidades do mundo e mostram parte da estratégia da empresa: em vez de buscar um consenso legal antes de iniciar suas operações, coloca seus carros pretos na rua e espera reações. A cada protesto, o Uber diz que aumenta seu número de usuários cadastrados e de viagens realizadas.

Ao tentar cair no gosto dos usuários antes de despertar os legisladores, a empresa pretende mudar a questão: em vez de regular ou não, o debate passa a ser como fazer isso. A estratégia funcionou em alguns lugares. Em Nova York, o atual prefeito Bill de Blasio desistiu de tentar reduzir o



MERCADO VOLTOU OS OLHOS PARA A TECNOLOGIA; APLICATIVOS EASY TÁXI E 99TAXIS TRABALHAM COM 90% DA FROTA DA CIDADE DE SP

número de carros do Uber na cidade após uma forte campanha do aplicativo que contou com a presença de usuários e de celebridades.

De acordo levantamento feito pela BBC, mais de 50 jurisdições dos EUA criaram algum tipo de regulamentação para serviços de carona paga contratada via aplicativos, como o Uber. Na maior parte deles, há a criação de uma nova categoria, chamada “empresas de rede de transportes” (Transportation Network Companies), os carros passam por uma inspeção do governo e os motoristas têm seus antecedentes checados.

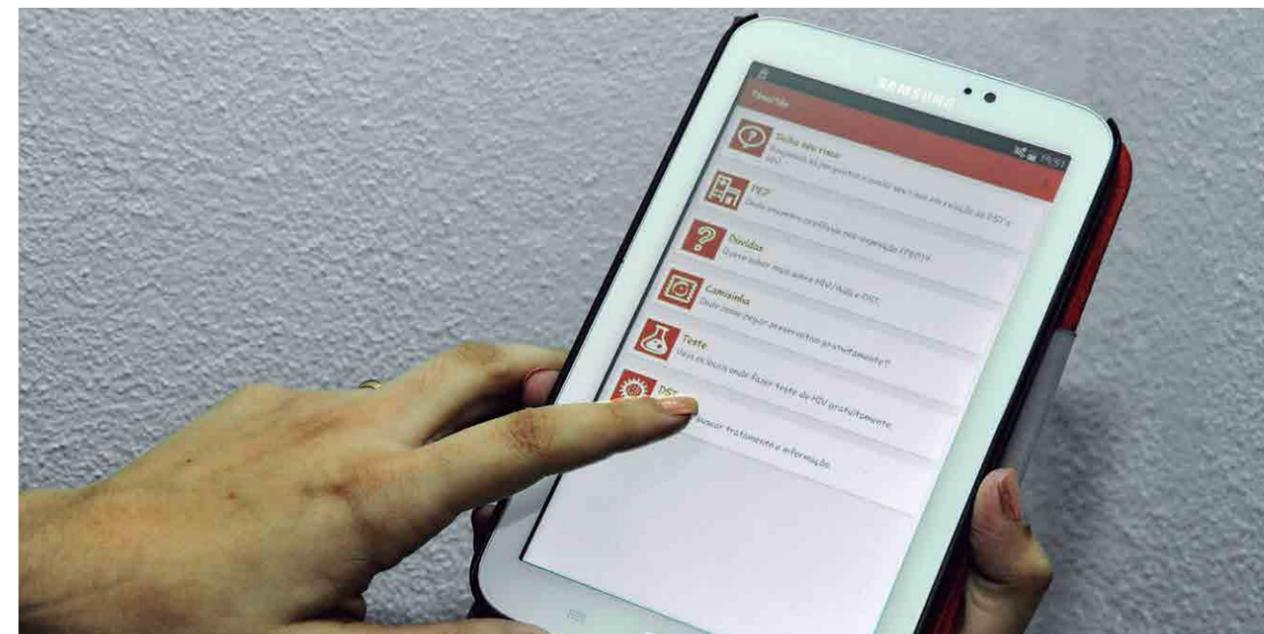
A Cidade do México foi a primeira da América Latina a regulamentar o Uber, em julho. Os motoristas do Uber precisarão pagar um imposto de 1,5% do valor de cada corrida e uma taxa anual de US\$ 100 ao governo.

Na Europa, Alemanha, Portugal e Espanha restringiram o Uber na Justiça. O Tribunal de Justiça da União Europeia realiza uma análise sobre a legalidade do Uber e tomará uma decisão, que afetará 28 países do continente.

Na Índia, o serviço foi liberado em Calcutá, mas enfrenta problemas no resto do país. Ele chegou a ser proibido em Nova Délhi após uma passageira relatar que foi estuprada por um motorista.

Fora do Brasil, o Uber oferece outras categorias de serviço, como o UberPop, com tarifas mais baratas que a de táxis e voltadas para trajetos que complementam o transporte público nas periferias, por exemplo. Há também serviços de entrega via bicicleta e de delivery de almoço, com preço e cardápio fixos.

O passo seguinte, em estudo, é adotar carros que se locomovam sem motorista, que estão em testes nos Estados Unidos. Daqui a alguns anos, pode ser a vez dos motoristas do Uber protestarem contra a inovação tecnológica.



Segurança na palma da mão

Aplicativo inédito calcula risco de contrair HIV e também dá dicas sobre comportamento sexual

• Felipe Martins
redacao@revistarepublica.com.br

Calcular o risco de contrair Aids ou Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), tirar dúvidas sobre relações sexuais, obter informações a respeito de tratamento e até os locais onde há distribuição gratuita de preservativos são alguns atributos do aplicativo “Tá na Mão”, lançado pela Secretaria de Saúde da Prefeitura de São Paulo e disponível para plataformas Android, Apple e Windows Phone.

O programa tem como principal objetivo ampliar as estratégias de prevenção para a população mais jovem. “O jovem usa muitas

tecnologias on-line e são pessoas com quem temos mais dificuldades de abordagem por conta da linguagem”, afirma Augusto Mathias, consultor técnico de prevenção.

Logo na página inicial aparecem seis ícones: uma calculadora que mostra o risco de contrair DSTs e Aids por conta dos comportamentos sexuais, um guia com perguntas e respostas sobre o tema, uma lista com locais para conseguir preservativos gratuitamente e realizar testes de HIV, além de serviços públicos que oferecem a profilaxia pós-exposição (coquetel de drogas utilizado até 72 horas após a relação sexual suspeita).

Segundo o consultor, quanto mais cedo for feito o diagnós-

tico, menor será o dano causado pelo HIV ao sistema imunológico. O tratamento correto reduz em 96% a possibilidade da transmissão do vírus.

INICIAÇÃO SEXUAL

Em junho, a Prefeitura de São Paulo divulgou um estudo inédito em parceria com as Organizações das Nações Unidas. Das 4.318 pessoas pesquisadas, 38%, com idades entre 15 e 65 anos, iniciaram a vida sexual até os 15 anos de idade. Dos 94% que já tiveram relações sexuais, 82% têm parceiros fixos e 29% casuais. As relações com pessoas do mesmo sexo foram relatadas por 9% dos homens e 4% das mulheres.

Dados da Secretaria revelam que entre 1980 e 2013 foram diagnosticados pouco mais de 86 mil casos de Aids no município. No entanto, a taxa de detecção (número de casos por 100 mil habitantes) caiu de 24,4, em 2009, para 18,6, em 2013.

O preservativo ainda é a melhor forma de prevenção para 97% dos entrevistados, mas só 46% utilizaram camisinha em sua última relação sexual.

Tchau, sedentarismo!

Empresas incentivam prática de atividades físicas e bons hábitos alimentares para melhorar a qualidade de vida e a disposição dos funcionários

Antonio Ferreira
redacao@revistarepublica.com.br

Encontrar uma academia já foi difícil, não é mais. Em qualquer esquina há uma nova, com preços variados, alguns bem acessíveis a bolsos variados. Quadras poliesportivas e aparelhos de ginástica tomaram parques e praças. Pois é, os argumentos para não sair do sedentarismo estão escassos.

Mesmo assim, segundo a Organização Mundial de Saúde, ele é responsável por mais de dois milhões de mortes anualmente. No Brasil, números coletados pelo Ministério dos Esportes apontam que 67 milhões de pessoas não praticam atividade física regularmente. O ser humano prioriza a vida pessoal e o trabalho, perde horas no trânsito e a atividade física costuma ficar em último lugar na lista das tarefas diárias – isso quando ela aparece.

Preocupadas com a saúde dos colaboradores, é cada vez mais comum empresas adotarem práticas que estimulem o combate ao sedentarismo. No fim, o resultado é positivo para os dois lados: para o empregador porque consegue mais disposição e desempenho do empregado; para o colaborador porque abrirá um espaço na agenda para se exercitar e, assim, melhorar a sua saúde.

A Braskem, empresa que produz resinas termoplásticas no

Polo Petroquímico de Capuava, em Santo André, se inspirou nas artes marciais e desenvolveu o programa UFC Saúde. Mas, ao contrário do que sugere o nome, os participantes não lutam um contra o outro e, sim, enfrentam um adversário de respeito: a balança.

Os “competidores” são divididos em grupos para que se motivem entre si e vão atrás dos pontos necessários para vencer o UFC. Todos se comunicam pelo aplicativo WhatsApp. As equipes mandam fotos das atividades físicas, como uma corrida ou um passeio de bicicleta, e são avaliadas pelos responsáveis. Também são propostos desafios dentro da Braskem, tais como campeonato de embaixadinhas. Tudo conta pontos.

Na primeira edição, em 2014, a disputa com 94 funcionários durou cinco meses e eles percorreram 7.685,04 km, equivalente à distância de São Paulo a Nova York. Fora isso, eles perderam ao

todo 40 mil gramas de gordura e 40% dos grupos ainda incluíram os familiares nas atividades - outro requisito importante na avaliação final. E, durante todo o tempo, tiveram o acompanhamento de médicos, nutricionistas e outros profissionais, a qualquer momento e no ambiente de trabalho.

“O risco cardíaco entre eles era altíssimo e depois reduziu bastante, se encaixando agora em um risco potencial. Tem um programa que conseguimos mensurar quantos anos eles ganharam de expectativa de vida, os participantes ganharam um, dois anos”, explica o coordenador de saúde ocupacional, Sidnei Rodrigues da Silva.

Depois do sucesso do ano de estreia, a segunda edição do UFC Saúde está em andamento. Há mais inscritos e todos correm atrás do prêmio de R\$ 500, pago a cada um dos integrantes da equipe vencedora. O valor deve ser investido em material esportivo.

NA BRASKEM O INCENTIVO VEIO POR MEIO DO PROGRAMA UFC SAÚDE, ONDE O QUE VALE É MOVIMENTAR-SE E PARTICIPAR DOS DESAFIOS



Cristiano, do UFC Saúde da Braskem, trocou balada, bebida e cigarro pela corrida e academia

Cristiano Pereira da Silva tem apenas 28 anos e é vizinho da badalada rua das Figueiras, em Santo André. Fumava e bebia muito, não “largava” a noite. Tudo mudou quando se inscreveu no programa da Braskem. “Passei a correr e fazer academia. Saía à noite a semana inteira. Agora a frequência diminuiu bastante, me dá até um peso na consciência quando saio. Eu penso: ‘Pô, vou jogar tudo que fiz fora?’ Desde janeiro, eu perdi 14 quilos e a taxa de gordura caiu de 17 para 9%”, comemora o técnico de produção da Braskem.

“O UFC Saúde é bacana porque um participante cobra o outro, as pessoas se aproximam. No almoço, eu falo para o colega: ‘você vai comer isso? Nós vamos perder pontos’”, conta Silva, que se entusiasma mesmo fazendo uma luta marcial específica. “A corrida me deu mais resistência e tomei coragem para entrar no Muay Thai, que me ajuda a desestressar.”

USE AS ESCADAS

O mal do sedentarismo também acomete funcionários de instituições bancárias, que sofrem com certa frequência de estresse e lesões osteomusculares (desgaste de tendões, músculos, nervos e ligamentos). Na sede do banco Santander, em São Paulo, os colaboradores estão sendo incentivados a deixar o elevador de lado, trocando pelas escadas.

“Incentivamos para que desçam pelo menos dois andares de escada. Vamos colocar avisos nos elevadores e nas escadas para motivar a mudança de hábito. Tivemos uma palestra sobre esse assunto e o palestrante disse que levamos sete minutos para subir seis andares. E ele perguntou se não temos sete minutos para cuidar de nós. Isso marcou bastante”, recorda a gerente de recursos humanos do Santander, Diva Comin.

Na verdade, esta é apenas uma das ações promovidas pelo Santander. Há uma academia dentro da sede e o banco instalou até um bicicletário. "Oferecemos xampú, sabonete e toalhas para as pessoas tomarem banho e se trocarem antes de iniciar o dia de trabalho. Sobre a academia, reembolsamos em 50% as pessoas que atuam nas agências. Também bancamos aqueles que participam de corridas de rua", explica Diva.

LABORAL

A preocupação na empresa química Basf é com a L.E.R (Lesão por Esforço Repetitivo). O coordenador de esportes, Marcos Rezende, ressalta que a ginástica laboral pode se tornar obrigatória no futuro, mas, independente disso, na Basf já faz parte da rotina dos empregados. "O Ministério do Trabalho quer diminuir a incidência da L.E.R", conta Rezende. Para completar, a companhia dá apoio às corridas de rua, pagando de 60% a 70% do valor de inscrição aos colaboradores, além de oferecer transporte e alimentação.

Pesquisa aponta 67 milhões de sedentários no Brasil

A última pesquisa sobre sedentarismo, divulgada pelo Ministério dos Esportes, em junho, apontou que na população com idade entre 15 e 16 anos, o sedentarismo atinge 32,7%. Vai subindo conforme a faixa etária aumenta, chegando a 64,4% em pessoas de 54 a 74 anos.

Em dezembro de 2014, um levantamento do IBGE mostrou que 46% dos adultos brasileiros são sedentários, o que corresponde a 67 milhões. As mulheres lideram o ranking nas duas pesquisas.

O trabalho é uma das causas do abandono da atividade física, ainda conforme a pesquisa do Ministério dos Esportes. De acordo com o estudo, 69,8% dos entrevistados informaram ter deixado o esporte de lado por falta de tempo para conciliá-lo com a

vida profissional.

Questionado pela República sobre as ações para enfrentar o sedentarismo, o Ministério da Saúde diz que uma das estratégias da Pasta para promoção da atividade física no país é o programa Academia da Saúde, que desloca profissionais para orientar pessoas em espaços públicos. Outra ação é o programa Saúde na Escola, com o intuito de estimular crianças e adolescentes do ensino público a terem modos de vida mais saudáveis.

Ainda segundo o Ministério da Saúde, a inatividade física é um dos fatores de risco para o desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis, casos de câncer, diabetes e doenças crônico-respiratórias, responsáveis por 72% dos óbitos no Brasil.

Atividade ajuda a diminuir faltas no trabalho

A associação do sedentarismo com a obesidade é uma lógica na cabeça dos brasileiros, mas quem não faz exercícios físicos também está propenso a faltar ao trabalho e desenvolver doenças, segundo estudo da professora de educação física Vera Regina da Fonseca. Em 2009, ela apresentou uma tese de doutorado na Universidade de São Paulo (USP) sobre atividade física, produtividade e demanda por atendimento na saúde, fruto de uma pesquisa em uma indústria automobilística do ABC, da qual participaram 620 colaboradores.

Eles preencheram um questionário para serem avaliados, e o objetivo da docente era verificar a ligação dos exercícios com o absenteísmo, que são as faltas no trabalho. "Quando separamos por tipos de atividades físicas praticadas, encontramos ligações", explica Vera Regina.

O escore de atividade física habitual é medido por meio de vários tipos de esforços realizados: nos deslocamentos diários e horas livres, no trabalho e em prá-

ticas esportivas. A soma disso resulta no número final. Com os dados coletados, as relações foram feitas. Ao fim do levantamento, a professora chegou a duas conclusões importantes: as pessoas que fazem mais atividade física apresentam menor chance de ficar doente ou faltar no trabalho.

"Há redução de 33% na probabilidade de relato de doenças naqueles que praticaram exercícios físicos e esportes quando comparados aos que menos fizeram. Também, os que praticaram mais esforços nas horas livres foram associados à redução na probabilidade de se ausentar no trabalho por problemas de saúde e procura por atendimento médico, sendo 26 e 24%, respectivamente."

A pesquisa de Vera Regina mostrou que é preciso se movimentar no dia-a-dia, não dispensando a atividade física com ênfase nas necessidades de cada indivíduo. "O mais efetivo é praticar exercícios - caminhada ou corrida, por exemplo - com continuidade e frequência."



Vera: exercícios e mais produtividade



Adenice Viveiros: mais saúde, menos dor

Aposentadoria fica para trás com exercícios adaptados

Se tem um profissional que sofre por ficar muito tempo sentado, este é o motorista. Na empresa de transportes metropolitanos, Metra, com sede em São Bernardo, o combate ao sedentarismo começou há cinco anos, quando a unidade construiu uma academia na garagem. "Resolvemos problemas de coluna e de dores lombares dos motoristas,

que ficavam sentados o tempo todo fazendo movimentos repetitivos. Depois, entrou a parte emocional e passamos a promover atividades de lazer, como o piquenique", conta a coordenadora do setor de qualidade de vida da empresa, Fernanda Setti Maciel. "Quatrocentos empregados possuem carteirinha da academia. A procura é grande. Conseguimos

diminuir o afastamento do trabalho, tratamos os problemas aqui com acupuntura e fisioterapia".

Motorista da Metra, Adenice Viveiros estava com os dias de trabalho contados em abril. Carregava todas as sequelas de quem exerce a função, com dores difíceis de suportar. Estava fadada à aposentadoria forçada. Foi aí que ela resolveu encarar as adversidades, que não paravam de surgir. Hérnia, bico de papagaio, bursite, cervical prejudicada, os problemas eram muitos. Por tudo isso, acabou proibida por um médico de andar de bicicleta e até de fazer academia,

pois não podia executar a maioria dos movimentos - sequer andar na esteira ou pegar peso.

Mas, Adenice persistiu e se encaixou numa academia voltada para pessoas com seu histórico de lesões. Os exercícios adaptados fizeram a diferença e ela ainda caminha pelo parque perto da casa onde mora, em São Bernardo. Às 3h30 já está de pé para o café da manhã recomendado pela nutricionista da Metra e começa a labuta às 5h20. Vai até as 13h, 14h, mas agora a saúde é prioridade. A academia é a melhor parte do dia.

"No final de 2014 eu esta-

va com hipertensão, grau de estresse muito grande e entrando em depressão. Entrei no "Medida Metra" (programa semelhante ao exibido pelo Fantástico, da Rede Globo), segui os horários da dieta e comecei as atividades físicas. Tive todas as dificuldades para me adaptar. Hoje não sou mais refém do sofá", brinca a motorista. "Com certeza estaria afastada se não tivesse tomado essa iniciativa. Melhorei a minha postura, o sono foi embora, assim como as dores nas pernas e articulações. A única dor que não tem jeito é na cervical, porque é crônica".



Janice Carmo da Cruz saiu da favela Naval e foi para o Conjunto Nova Silvina, em São Bernardo



Margarida Marques comemora o novo lar no Jardim Oratório, em Mauá: apartamento com dois quartos

FOTOS: MARIO CORREIA

Um lar para chamar de seu

Mais de oito mil famílias conquistaram casa própria depois de uma vida bastante difícil em assentamentos precários e alojamentos improvisados

• Felipe Martins
redacao@revistarepublica.com.br

O sonho da casa própria virou realidade para, ao menos, oito mil famílias residentes no ABC nos últimos anos. São pessoas que viveram boa parte da vida em barracos improvisados ou em construções de alvenaria, mas dentro de assentamentos precários, onde falta infraestrutura adequada.

A maioria dos apartamentos entregue pelas prefeituras do ABC possui dois quartos, uma sala, cozinha, banheiro e lavanderia. Na área

comum, os condomínios contam com playground, salão de festas e quadras poliesportivas, além de sistema viário, drenagem, pavimentação, rede de água e esgoto, energia elétrica, paisagismo e área verde.

São Bernardo é a cidade que até agora mais entregou unidades habitacionais. Desde 2009, na gestão de Luiz Marinho, mais de quatro mil famílias deixaram as dezenas de comunidades espalhadas pelo município e partiram para uma vida em moradia mais digna. Os alojamentos improvisados finalmente foram desativados. "Morei na antiga Favela Naval,

na divisa com Diadema. Era um barraco que ficava praticamente dentro de um rio", recorda a dona de casa Janice Carmo da Cruz, que há quatro anos vive em melhores condições num apartamento do Conjunto Nova Silvina.

Janice teve uma vida sofrida. Chegou a perder todos os móveis e pertences em uma grande enchente. Pouco tempo depois, nova perda, desta vez por conta de um incêndio. "A gente não tinha endereço, ninguém queria dar trabalho. Hoje não tenho mais vergonha de mostrar minha casa para as visitas", diz ela, que faz salgados para ven-

der e ajudar no orçamento da casa.

Em Santo André, o governo do prefeito Carlos Grana, que começou em 2013, conquistou um número expressivo em dois anos e meio. Pouco mais de duas mil famílias já estão em novas moradias.

A ajudante de cabeleireiro Michelle Gonçalves das Neves Pereira comemora a conquista deste ano. Ela se mudou para o Conjunto Residencial Alemanha, no bairro andreense Camilópolis, em janeiro. "Não tinha expectativa nenhuma na vida. Trabalhava apenas para viver. A situação era muito precária. A casa tinha muito mofo, não havia saneamento ou eletricidade oficiais. A região sofria com tráfico de drogas", destaca a ex-moradora da Gamboa, cuja área chegou a abrigar mais de 700 famílias. Com a demolição total das casas, a prefeitura de Santo André finalmente colocou um ponto final na ocupação irregular de 40 anos. Os moradores foram para o aluguel social ou já ganharam uma casa nova em conjuntos habitacionais.

Durante 40 anos, por lá passaram famílias que montaram seus barracos de madeira ou alvenaria

em área de risco, uma vez que uma linha de transmissão de energia elétrica ficava no meio do assentamento. "Hoje pago meu imposto, pago minhas contas. Tenho mais ânimo e mais vontade de viver", comemora Michelle.

Na gestão de Lauro Michel, em Diadema, foram entregues 956 unidades, seguida por Mauá, capitaneada por Donisete Braga, com 236 apartamentos.

A dona de casa Margarida Marques não esconde sua alegria por estar em um novo lar, desta vez no Jardim Oratório, em Mauá. "Hoje me sinto outra pessoa. Tenho um apartamento arejado, com dois quartos e de bom tamanho."

São Caetano não entregou nenhuma casa popular no governo do prefeito Paulo Pinheiro. Segundo a prefeitura, a cidade ainda busca parcerias com a Caixa Econômica Federal para a construção de conjuntos habitacionais, mas esbarra na dificuldade para encontrar terrenos vazios.

Ribeirão Pires também não conseguiu entregar novas casas no mandato de Saulo Benevides. A justificativa é de que a cidade está

em uma área de mananciais e que há estudos no Grupo de Análise e Aprovação de Projetos Habitacionais do Estado de São Paulo. Rio Grande da Serra, de Gabriel Maranhão, não informou os dados.

DÉFICIT

Apesar dos esforços, o déficit habitacional ainda é grande na região e chega a 92 mil o número de famílias sonhando com um novo lar, se somadas os sete municípios. Levantamento feito pela professora Rosana Denaldi, do curso de Planejamento Territorial da Universidade Federal do ABC (UFABC), revela que pelo menos 138 mil domicílios na região do ABC estão localizados em favelas. "Esse déficit habitacional foi construído historicamente e desde a formação das grandes cidades. Antigamente, não tínhamos uma política habitacional que atendia os mais pobres", destaca.

Para Denaldi, por mais "vontade política que se tenha" o déficit não será resolvido em quatro ou oito anos. "Tem que ter continuidade nos investimentos tanto nas esferas federal e estadual, quanto na municipal."

Telem projeta Vera Cruz na era da modernidade

Plano é investir R\$ 158 milhões para fazer com que os velhos estúdios possam abrigar, além de filmes para cinema, produções de TV, Internet e publicidade

Wilson Felipe
redacao@revistarepublica.com.br

Mais do que recolocar a Companhia Vera Cruz, em São Bernardo, na rota da produção do cinema nacional e dar ao espaço a chance de voltar a ser chamado de a 'Hollywood brasileira', como nos anos 1950, a empresa Telem projeta transformar a histórica área na avenida Lucas Nogueira Garcez em verdadeiro polo de produção audiovisual. Vencedora da licitação realizada pela prefeitura, que lhe garantiu a concessão da área por 30 anos, a Telem projeta investir R\$ 158 milhões para fazer com que os velhos estúdios entrem na era da modernidade e estejam à altura tecnológica dos novos tempos, prontos para abrigar produções de televisão, Internet, TV na Internet e publicidade, entre outras. Além, é claro, de filmes para o cinema.

Diretor comercial da empresa e à frente do projeto, Fernando Fontes é taxativo quanto ao futuro que a Telem almeja para os estúdios e à expectativa de bons resultados, sobretudo ao considerar que a "marca Vera Cruz é tão forte que, 60 anos depois, segue conhecida", ponto que avalia como fundamental para o futuro do complexo. "O que buscamos é a pluralidade na produção do audiovisual no Vera Cruz. É significativo que tenha sobrevivido e que possamos dar à companhia sua destinação original, mas dentro de outra realidade, em um universo mais amplo. Pela experiência que temos, é para esse caminho (da pluralidade) que a produção audiovisual está se dirigindo", avalia.

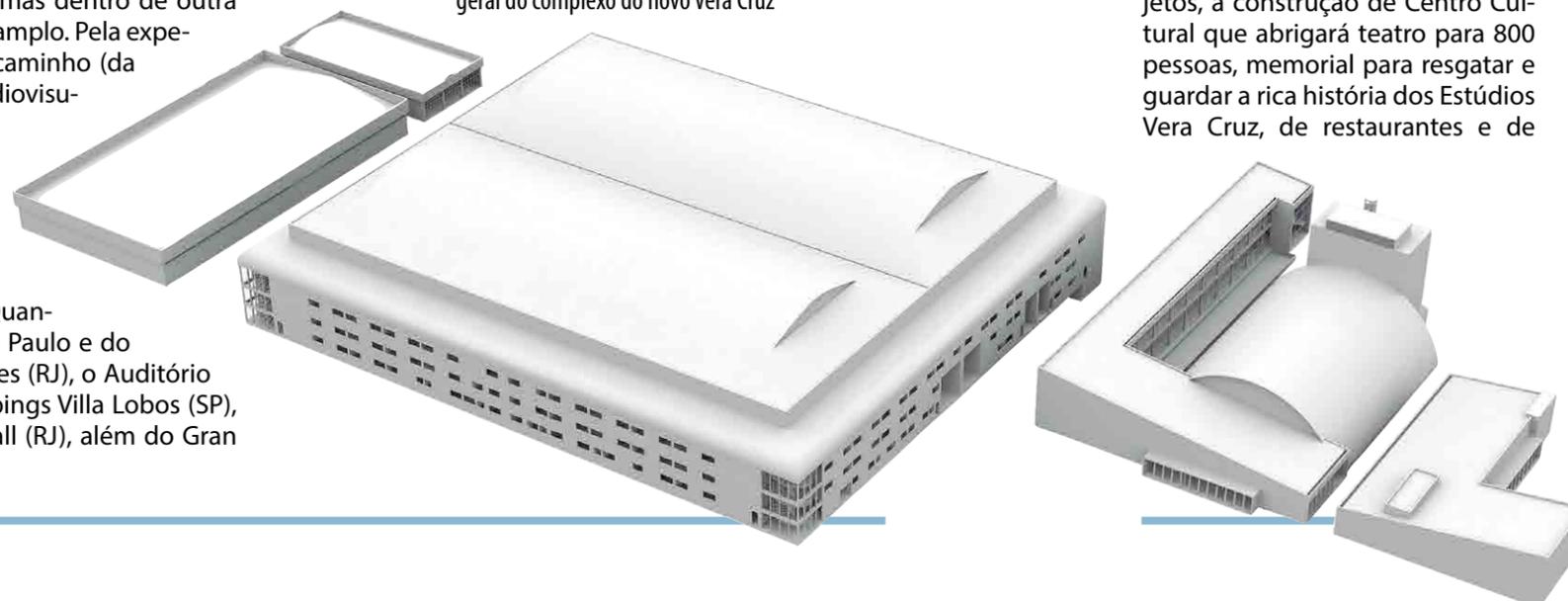
Fontes se refere ao fato de a Telem estar no mercado há cerca de 60 anos e ostentar no portfólio grandes obras voltadas ao entretenimento, como os estúdios Paulínia e Quanta, os teatros municipais de São Paulo e do Rio de Janeiro, a Cidade das Artes (RJ), o Auditório Ibirapuera, os teatros dos shoppings Villa Lobos (SP), Iguatemi Campinas e Village Mall (RJ), além do Gran

Teatro Nacional de Lima (Peru), entre outras. "São trabalhos que comprovam a capacidade de realização da Telem, da qual também fará parte o Vera Cruz."

Para lá de transformar o espaço em polo de produção audiovisual, o projeto de revitalização – com prazo de cinco anos para ser concluído – promete fazer dos antigos estúdios um polo de entretenimento e também de formação de mão de obra e de empresas do setor. Afinal, a reformulação dos dois estúdios atuais vai permitir a construção de sete estúdios pequenos, médios e grandes e, no entorno, a nova sede do Centro de Audiovisual da Prefeitura (formação de mão e obra), de incubadora de empresas e áreas para produtoras independentes, além de locação de equipamentos e serviços para pós-produção e cinema digital.

"No caso da incubadora, será um ambiente no qual empresas do audiovisual terão todo o suporte para se desenvolver, como assessoria empresarial, contábil e jurídica. E estarão inseridas em um espaço que possibilita o contato com empresas já estabelecidas, algo importante para o processo. É mais um projeto que reforça o caráter formador da nova fase

Reprodução do projeto que mostra vista geral do complexo do novo Vera Cruz



Diretor da Telem, Fernando Fontes: pluralidade na produção audiovisual é o objetivo para os estúdios Vera Cruz

dos Estúdios Vera Cruz, um dos objetivos da Prefeitura no processo de concessão", explica o diretor Fernando Fontes.

Promover a difusão cultural também está na lista de propostas apresentadas pela empresa na noite do dia 5 de agosto, em concorrido evento realizado não por acaso nos Estúdios Vera Cruz, quando Fontes anunciou, entre outros projetos, a construção de Centro Cultural que abrigará teatro para 800 pessoas, memorial para resgatar e guardar a rica história dos Estúdios Vera Cruz, de restaurantes e de

uma sala de cinema digital e 3D. "Tudo isso poderá ser usado de maneira integrada para os mais variados tipos de evento. Daí nossa expectativa ser altamente positiva para quando tudo estiver em funcionamento."

CENTRO CULTURAL

Segundo o diretor, o teatro terá arquitetura arrojada e infraestrutura que o colocará entre os mais modernos do País. "Será um teatro versátil, apto a receber peças, shows, premiações, palestras, eventos corporativos e até mesmo ser usado como estúdio para transmissões ao vivo. As possibilidades são muitas", projeta, para depois afirmar: "Os primeiros espaços a serem entregues serão os do Centro Cultural, em 2016. Com isso, a população de São Bernardo ganha um grande e moderno teatro, algo que a cidade não tem hoje, e um moderno cine-

ma fora de shopping."

Mas o que leva uma empresa a investir R\$ 158 milhões, em cinco anos, para revitalizar um espaço que faz parte da história do cinema brasileiro, que projetou grandes artistas, mas que desde que encerrou as atividades, em 1972, foi palco basicamente de feiras e exposições e até depósito de geladeiras, fogões e de outros produtos de antiga fabricante da cidade? "Porque acreditamos que os Estúdios Vera Cruz têm potencial para voltar a ocupar a posição de destaque que já tiveram. E porque estamos falando de um mercado que, apesar das condições difíceis no geral, tem uma demanda cada vez maior. A produção audiovisual precisa de espaço para se expandir, e que de local melhor do que o Vera Cruz?", disse Fernando Fontes no seu discurso durante a apresentação do projeto. Então, luz, câmera, ação.



Operário prepara calçada com material de construção reciclado a partir do entulho gerado na cidade: número de caçambas também aumentou



Prefeito Pedro Bigardi mostra pedras feitas a partir da reciclagem de resíduos da construção civil: sistema permite acompanhamento on-line

ALQUIMIA QUE TRANSFORMA ENTULHO EM DINHEIRO

Jundiaí cria sistema eficiente de gestão de resíduos da construção civil e transforma um problema em oportunidade de renda e melhoria ambiental, com benefícios à administração pública, à cidade e aos moradores

• Viviane Raymundi
redacao@revistarepublica.com.br

Montanhas de entulhos despejados nas esquinas são cenas que se repetem nas pequenas, médias e grandes cidades do país. Se por um lado, quando em alta, a construção civil é um indicador econômico positivo: pois representa mais gente empregada, dinheiro no bolso para fazer aquela reforma adiada há anos ou ainda aponta para investimentos de vulto em novos empreendimentos – por outro ela deixa uma “herança maldita”: um literal rastro de lixo pelo caminho, cuja gestão pesa nos cofres de qualquer administração pública.

São milhões de toneladas de Resíduos da Construção Civil (RCC) gerados todos os anos. Blocos de cimento, areia, pedras, que são descartados clandestinamente em vias periféricas, margens de rodovias, terrenos baldios, beira de córregos e até praças e áreas verdes. Enfeiam a cidade, atraem vetores, poluem as águas e expõem um enorme desafio ambiental para os gestores públicos.

O Sindicato da Construção Civil do Estado de São Paulo (SindusConSP) não tem o número exato de RCC gerados anualmente. Mas afirma que as pequenas construções e reformas chegam a representar 70% dos entulhos em uma cidade. Por isso, nunca foi tão urgen-

te promover programas para atuar em toda a cadeia: da geração à destinação final.

É neste cenário que se destaca a iniciativa da prefeitura de Jundiaí, que vem transformando um problema em oportunidade. Lá, a geração de RCC é enfrentada em todas as pontas, com resultados – perdão pelo trocadilho – “concretos” para a economia e para o meio ambiente.

O acompanhamento começa com quem faz a obra, que deve pagar diretamente uma taxa à prefeitura pela destinação do entulho e ao caçambeiro pelo aluguel do recipiente e transporte do entulho. O descarte tem de ser feito no Geresol (Gerenciamento de Resíduo Sólido), espaço municipal onde o entulho pode ser depositado legalmente.

O sucesso da medida fez com que o número de 20 caçambas que chegava ao local em 2013, saltasse para 300 em 2015. Com um sistema on-line de cadastro e monitoramento, é possível saber onde estão as

caçambas e se já estão prontas para descarregar o entulho no Geresol. Por fim, o entulho recolhido é usado como matéria-prima para a produção de mais material de construção: areia, bica corrida e três tipos de pedra.

E quem pensa que o prefeito Pedro Bigardi não conhece ou acompanha o programa, se engana. “Tenho o sistema instalado no meu celular e, dele, sei onde está cada caçamba na cidade”, diz Bigardi, que lembra que Jundiaí “era um depósito de entulho, com pontos de descarte por todos os lados”. “Hoje é muito raro encontrar pontos de descarte na cidade, porque conseguimos mudar isso. Foi uma mudança de cultura”, comemora.

A medida já derrubou vertiginosamente os pontos de descartes clandestinos: de 1.270 pontos existentes em 2013, para 20 locais, em 2015. A cidade também virou referência, pois pelo menos 30 municípios já foram conhecer o sistema

MATERIAL PARA OBRA

O entulho que depunha contra o meio ambiente se transforma em material para obras públicas municipais, a favor do bem comum dos cidadãos e contribuintes. Recicladados, os restos de construções viram concreto, pavimento de estradas, calçadas, guias, bancos, tubulações, blocos, piso drenante e muito mais, a um custo menor para a administração pública, que tem economizado cerca de R\$ 12 milhões anuais graças ao novo sistema.

MULTAS PESADAS

As multas também ajudam no controle. Quem for flagrado jogando entulho na rua paga caro: R\$ 7.480. O mesmo valor é cobrado para o veículo que transporta resíduo da construção sem cadastramento. Quem estaciona uma caçamba em local irregular tem de pagar R\$ 3.740. Já se a caçamba estiver mal conservada ou não identificada, a multa é de R\$ 1.062,50.

MONITORAMENTO PASSO A PASSO



Prefeito vê mudança cultural em relação aos resíduos

A questão dos resíduos sólidos da construção civil era uma preocupação de mais de uma década do então professor de planejamento ambiental Pedro Bigardi, que levava a problemática da destinação deste tipo de material para suas aulas na Universidade Anchieta, em Jundiá. Por isso, ao assumir a prefeitura da cidade, em 2013, Bigardi, previa no seu plano de governo um sistema de reaproveitamento dos resíduos da construção, o que pôs em prática após assumir. Leia a entrevista que Bigardi concedeu à República.

Revista República - Jundiá tem um modelo exemplar para o tratamento de resíduos da construção civil. Mas, ao assumir o atual mandato, em 2013, esse sistema não existia. Como o senhor descreve o que encontrou na cidade no que se refere a esta questão?

Pedro Bigardi – Havia dois problemas. Lá no Geresol existia uma montanha impressionante de resíduos que não tinham aproveitamento. E a cidade era um depósito de entulho, com pontos de descarte por todos os lados. Hoje é muito raro, porque conseguimos mudar isso. Conseguimos

reorganizar o sistema e implantar o gerenciamento on-line das caçambas, orientar a população e os caçambeiros. Hoje, do meu celular, posso acompanhar o sistema. Se encontro uma caçamba na rua, por exemplo, posso saber se há alguma irregularidade.

Como chegou à solução implementada?

Fui professor universitário de planejamento ambiental por 10 anos. Discutia a questão dos resíduos sólidos em minhas aulas. Como engenheiro da Prefeitura de Jundiá por 22 anos, e vendo que na cidade o entulho era depositado em qualquer lugar, coloquei no meu plano de governo um sistema de reaproveitamento dos resíduos da construção civil.



Pedro Bigardi previu um sistema de reaproveitamento de entulhos ainda em seu plano de governo

Quando assumi, o secretário de Obras, Aguinaldo Leite, e o diretor Gilberto Valverde Carneiro implementaram o monitoramento on-line.

Qual é a economia alcançada?

Há economia em dois sentidos. Compramos menos material de construção e com a redução do espaço ocupado pelos resíduos da construção e também no Geresol, que, como disse, eram montanhas de entulho.

Dos resultados alcançados por este sistema, qual, na sua opinião, é o que melhor reflete a sua eficiência?

A redução do entulho jogado pelas ruas. É difícil você olhar e ver tantos pontos de descarte clandestino de lixo. Ter conseguido mudar isso é muito bom. Ver o Geresol hoje também com menos entulho é perceber que conse-

guimos uma mudança de cultura, dando destinação correta aos resíduos da construção.

Este modelo pode ser replicado por outras administrações?

Apresentamos este sistema em três congressos e, quando mostramos como ele funciona, outros administradores demonstram desejo de implementar também. Com certeza estamos influenciando outros municípios e isso é muito bom.

Qual é o próximo passo deste processo?

O próximo passo é fazer o mesmo com os resíduos da saúde, implantando o monitoramento on-line desde a fonte até a destinação final. Será também uma novidade.

Dentro desta área de resíduos sólidos, Jundiá também tem uma par-

ceria com a Alemanha. O senhor pode falar um pouco sobre isso?

A parceria com a Universidade de Braunschweig e com o governo da Alemanha é para financiamento de pesquisa, montagem de laboratório, capacitação de servidores. Fomos conhecer os processos ligados aos resíduos sólidos lá e não é possível trazer o sistema deles para cá, porque são outros hábitos, outro clima, outra qualidade de resíduos. Então, resolvemos nos aprofundar na pesquisa sobre os tipos de tratamentos de resíduos para ver o que é melhor para nossa realidade. Estamos experimentando dois modelos, um com uso de contêiner e outro com o uso de lona. O com lona que deve ser o mais moderno do mundo, porque percebemos que não deixa cheiro ou chorume. Se der certo, será uma virada histórica e uma grande experiência que poderá ser replicada no Brasil.

Prefeitura investe R\$ 75 mil no monitoramento on-line das caçambas

Tudo começou quando a equipe do secretário de Obras, Aguinaldo Leite, conheceu, em 2013, o sistema de monitoramento on-line de caçambeiros, o Coletas Online. Com o sistema, é possível saber, através do georreferenciamento, onde estão as caçambas, se são regulares e também se estão no ponto para serem descarregadas. Com a decisão de adotar o sistema eletrônico, a equipe do secretário desenvolveu as mudanças administrativas e legais necessárias para implantar o projeto.

O primeiro passo é a obrigatoriedade de cadastramento dos caçambeiros. Na outra ponta, aquele que está realizando uma obra ou reforma e contrata o serviço de caçambas paga uma taxa diretamente para a Prefeitura, referente à destinação final do material. O transporte e o aluguel da caçamba continuam sendo pagos para o caçambeiro.

“Para colocar tudo em prática, foi necessário criar três decretos, que regulamentaram antigas leis”, explica o diretor de Obras, Manutenção e Resíduos Sólidos, Gilberto Valverde Carneiro. O investimento inicial foi de R\$ 30 mil e hoje a Prefeitura investe R\$ 75 mil ao mês para o sistema de monitoramento completo.

Segundo o diretor, entre os obstáculos no caminho encontrou a “resistência ao uso do material reciclado”. “Além disso, as construtoras também demonstraram resistência em aceitar o boleto público de cobrança.”

Para o SindusConSP (Sindicato da Construção), não há preconceito com o material reciclado. “O que existe é cautela. Para o uso dos agregados reciclados é pre-

ciso ter conhecimento da origem e de sua qualidade, esta pode ser atestada por laudos de ensaios tecnológicos. Nem sempre o fornecedor do agregado reciclado apresenta os laudos”, explica Lilian Sarrouf, coordenadora técnica do Comitê de Meio Ambiente do SindusConSP.

Outra dificuldade partiu de dentro do próprio serviço público, que precisou se adaptar às mudanças administrativas. Já a população aceitou a mudança. “A baixa inadimplência – apenas 5% – é o melhor sinal de que o programa foi aprovado pelos munícipes”, aposta Carneiro.

Para ele, o sistema implantado ganha pontos ao fazer frente ao descarte irregular de resíduos da construção civil, mas também contribui diretamente para a destinação correta dos resíduos sólidos, o que é uma obrigação dos

munícípios, segundo a Política Nacional de Resíduos Sólidos, editada em 2010. E é muito caro para qualquer Administração Pública manter um bom serviço de coleta e destinação de resíduos.

“O custeio da coleta e destinação dos resíduos sólidos está se tornando a cada ano mais caro”, diz o secretário, destacando que nem a cobrança da taxa de coleta é capaz de cobrir todos os custos. Em Jundiaí, por exemplo, entre 2005 e 2014, a taxa de coleta subiu 161% em nove anos, porém o montante gasto com o custeio da coleta de resíduos sólidos e gestão do aterro sanitário aumentou 410% no mesmo período.

Com a experiência de sucesso, Jundiaí já se prepara para dar um novo passo. A ideia, agora, é expandir o sistema de monitoramento on-line para a coleta dos resíduos sólidos de saúde.

Parceria com a Alemanha para melhorar gestão do lixo domiciliar

Outra iniciativa em relação aos resíduos sólidos é a parceria firmada com o governo da Alemanha para entender melhor o manejo e o tratamento do Resíduo Sólido Domiciliar (RSD).

A parceria começou em agosto de 2013, logo após a implantação do sistema de monitoramento das caçambas, e os programas são desenvolvidos de maneira independente.

Através da parceria com a Alemanha, a administração pretende entender melhor o manejo e o tratamento do RSD. O trabalho envolve alguns tratamentos de compostagem piloto, montagem de um laboratório para análise do material e capacitação de servidores.

Ferramenta de Jundiaí ajuda na fiscalização, diz SindusCon

O Sindicato da Construção Civil do Estado de São Paulo (SindusConSP) informa que, apesar de não possuir dados sobre a geração de Resíduos da Construção Civil (RCC) no Estado, sabe que o maior gargalo está justamente no controle e na destinação correta do resíduo de construção do pequeno gerador, que chega a representar 70% do RCC em uma cidade. Por isso é tão urgente que a administração pública busque saídas para a gestão destes resíduos.

De acordo com Lilian Sarrouf, coordenadora técnica do Comitê de Meio Ambiente do SindusConSP, o sistema implantado em Jundiaí tem dois aspectos importantes. “Facilita em muito a fiscalização das caçambas e a disposição irregular e traz retorno econômico ao município, tanto pelo valor arrecadado com as multas como pela eliminação da disposição irregular, que é um prejuízo para a gestão pública”, explica.

O SindusConSP vem realizando um trabalho de sensibilização e conscientização junto aos geradores, transportadores, proprietários das áreas de destinação e prefeituras para tratar da correta gestão dos resíduos. “Orientamos os geradores para verificarem se os transportadores e áreas de destinação estão devidamente legalizados.”

SISTEMA

O sindicato também criou o programa Sigor (Sistema Estadual de Gerenciamento On-Line de Resíduos Sólidos) para cadas-



Lilian Sarrouf, coordenadora do SindusCon

trar e acompanhar o trabalho dos municípios: “Estamos realizando um teste na cidade de Santos e já iniciamos a implantação nas cidades de Sorocaba e São José do Rio Preto.”

Para participar do Sigor, o município interessado deve manifestar seu interesse junto à Cetesb no Departamento de Políticas Públicas de Resíduos Sólidos e Eficiência de Recursos Naturais. “A adesão dos municípios ao Sigor é fundamental, pois é uma ferramenta que irá facilitar para que façam a gestão dos resíduos da construção civil.”

SERVIÇO:

Mais informações:
<http://cetesb.sp.gov.br/sigor/>
<http://www.sindusconsp.com.br/>
 e-mail: sigorccc@sp.gov.br

Dez dias de carro pelo Sul

Sem um roteiro prévio, repórter descreve o destino percorrido nas suas férias, onde encontrou paisagens de beleza ímpares e hospedagens acolhedoras

• Lucas Borges
redacao@revistarepublica.com.br

Em 4 de julho de 2015, movido pela necessidade de férias e pela crise econômica brasileira que subtrai reais em casa e os divide em terras de euros, dólares e afins, saí de férias por território nacional mesmo, minha namorada, eu e nosso bravo automóvel.

O destino era impreciso, um lugar frio para se curtir o inverno: o Sul do Brasil. O roteiro seria definido dia a dia, ao gosto de ventos e humores, para protestos de familiares preocupados não só com a falta de programação, mas especialmente com a falta de segurança do nosso meio de transporte, um veículo urbano nipônico, subcompacto, recém-comprado e, na opinião de alguns dos nossos co-sanguíneos, incapaz de enfrentar as curvas daquela que um dia foi chamada de “Estrada da Morte”.

Por volta das 15h, já estávamos na Régis Bittencourt, a tal rodovia maldita, que na realidade se mostrou deveras cordial. Com exceção da Serra do Cafezal, o caminho é suave. De perigoso mesmo, só os transloucados motoristas paulistas na Rebouças e na Francisco Morato, avenidas de São Paulo

que encaminham para o Paraná. Privatizada com pedágios a preços modestos — sem a extorsão de outros caminhos do Estado —, a pista é um tapete.

A EUROPA É AQUI

Santa Catarina seria a primeira parada e escolhemos estacionar 600 km depois da partida, em Blumenau, a porta de entrada do Vale Europeu. Terceiro município do Estado em população, com mais de 300 mil habitantes, atrás apenas da vizinha Joinville e de Florianópolis, Blumenau é conhecida pela forte herança alemã. Ali se organiza a maior Oktoberfest das Américas — festival de tradições germânicas inspirado no famoso evento organizado em Munique —, atraindo bebedores de todos os rincões em busca de canecas cheias de cerveja de qualidade.

Fora dessa época, no entanto, o lugar é pra lá de ermo. Em pleno sábado à noite, as simpáticas ruas em volta do Rio Itajaí-açu, na região central, estão quase desertas. Sem lugar para passar a noite, apelamos para o “Deus dos Viajantes Sem Destino”, - que não falha - e em um dos únicos bares ocupados da cidade, não só encontramos boas comida e bebida — linguiça com queijo no rechaud e Eisebahn,

cerveja local — como fomos aconselhados a nos hospedarmos em um hostel no morro acima do rio.

Tem início o festival de simpatia e acolhimento dos sulistas. Por módicos R\$ 160, ganhamos uma confortável suíte, e o mais especial, a recepção de Dona Brigitte, a dona da aconchegante casa, verborrágica contadora de causos. Começaria ali também o ritual matutino da transgressão ao pecado da gula, estimulado por cafés da manhã fartos de geleias, bolos e embutidos. O “Deus dos Viajantes Sem Destino” também é chegado a surpresas e naquela mesma refeição nos colocou no caminho uma pedra que adiante se mostraria bastante valiosa. “Visitem as missões jesuíticas na fronteira do Rio Grande do Sul com a Argentina”, aconselhou um gaúcho companheiro de alojamento. Não nos esqueçamos da dica.

A calma da aprazível Blumenau tampouco se altera no domingo, quando a rua XV de Novembro, coração comercial, é fechada para carros, permitindo que famílias passeiem de bicicleta. Os lojistas não fazem questão de aproveitar o movimento e tudo permanece fechado. Além da orla do rio, das bonitas construções em estilo alemão do enxaimel — técnica de

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Caminhos altos e tortuosos na Serra do Corvo Branco e a Cachoeira do Avençal: beleza para guardar na memória



construção de paredes com hastes de madeira encaixadas entre si e espaços preenchidos por pedras ou tijolos - do museu da cerveja e de uma feira de fuscas usados em frente à sede da prefeitura, não há muito mais a se ver.

O jeito é sair pelos arredores atrás de uma experiência menos urbana, encontrada no Abendbrothaus. Modesto recinto fincado na zona rural, há cerca de 25 km da cidade, esse restaurante atende somente aos domingos, mediante reserva, e serve um único prato: marreco assado. Nem seria preciso outra coisa, mas língua de boi, variedades de repolhos, batatas, molho de maçã etc adornam a mesa em um verdadeiro banquete

regado a outro agradável néctar blumenauense, a Bierland.

Reunindo-se todas as forças possíveis para se levantar da mesa, é possível enfrentar 30 minutos de simpáticas vacas e araucárias por estrada de terra até a vizinha Pomerode, pedacinho ainda mais alemão do Brasil, com seu conjunto de casas em enxaimel tombado pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura).

O frio até então é módico, não chega à casa de um dígito, o que nos faz rumar 240 km ao Sul, até Urubici, postulante ao título de lugar mais gelado do país. Ofuscada pela fama da vizinha São Joaquim, Urubici é mais estruturada

e oferece diversas opções de passeios ecológicos. Nos acomodamos em um chalé com lareira por não mais que R\$ 150 a diária - padrão de todo o trajeto - e durante o dia nos arriscamos pelas belezas naturais no entorno.

SERRA DO CORVO BRANCO

A vista da Pedra Furada, que só pode ser feita mediante pedido de autorização para visitar o Morro da Igreja, facilmente obtido na cidade, nem sempre a neblina permite conferir. Mas vale a pena subir até os mais de 1.800 metros de altitude, pico culminante do Sul, para justificar os pesados casacos apertados na mala e saudar o solitário soldado do exército fixado no

ponto em que se registrou a menor temperatura da história do Brasil, menos 17,8°. As deslumbrantes Serra do Corvo Branco e Cachoeira do Avencal compensam a falta de visibilidade da atração anterior e a noite reserva um aconchegante descanso à beira do fogo à lenha ou de um delicioso fondue.

São Joaquim não gera tantas paixões. Quem gosta de maçã pode se fartar com incontáveis variedades de receitas da fruta — chá de maçã, maçã do amor, suco de maçã — e quem gosta de vinho deve visitar a impecável Villa Francioni. Um passeio pela vinícola custa R\$ 30 e dá direito a degustação de bebidas e desconto na aquisição de produtos da marca.



Restaurantes pelo caminho têm saborosas opções em comida e bebida, com bom preço

Sim, nós temos cânions

Estamos próximos à fronteira do Rio Grande do Sul e aqui a paisagem se transforma. Documentados em grandes produções da Rede Globo, como a minissérie “A Casa das Sete Mulheres” e a recente novela “Além do Tempo”, os cânions brasileiros são praticamente ignorados por turistas e por locais. Em Bom Jardim da Serra, a 40 km de São Joaquim - para prestigiar a Serra do Rio do Rastro e sua estrada cheia de “cotovelos” - descobrimos em cima da hora que ali também existem esses monumentais penhascos causados pela erosão de rios.

Tarde demais e estamos decididos a rumar a terras gaúchas para conhecer os Cânions do Itaimbezinho. Antes, dormimos em mais uma pousada



Cânions do Itaimbezinho e Fortaleza: monumentais penhascos são resultado da erosão de rios

bonitinha e econômica, jantando pinhões cozidos com vinho e queijo caseiro e nos empanturrando de quitutes no café da manhã.

O caminho até Cambará do Sul novamente é de terra e dessa vez é longo, quase 200 km que em um caminho tortuoso e cheio de

pedras é feito em seis horas. Pausa no almoço para desfrutar de uma truta fresquinha. O pescueiro, em uma tarde de chuva, está completamente vazio. Ainda assim, as duas funcionárias presentes se dispõem a cozinhar um apetitoso banquete.

Em Cambará, sim, é impos-



Totalmente selvagem, no cânion Fortaleza é possível sentar à beira de uma pedra

sível não saber que logo ali estão os maiores cânions da América do Sul. De Praia Grande, Santa Catarina, é possível ver a obra prima da natureza, mas de baixo das escarpas. No Rio Grande, percorre-se o terreno do alto, com o privilégio a um cenário estonteante.

ITAIMBEZINHO E FORTALEZA

As duas mais conhecidas estruturas rochosas da região são Itaimbezinho e Fortaleza, que podem ser visitadas de carro, por conta própria. Quando chegamos, no entanto, o clima ainda está nebuloso e para não ficar

parados, decidimos contratar o serviço de uma agência de turismo e fazer uma trilha por destinos mais escondidos. Escolha acertadíssima.

No dia seguinte, a cereja do bolo: o cânion Fortaleza é incrível, totalmente selvagem, livre de cercas ou qualquer proteção. Dá um friozinho na barriga, mas vale a pena enfrentar o medo e sentar na beira de uma pedra, observando sem pressa as nuvens surgirem e sumirem como um milagre no meio daqueles desfiladeiros. Virado para o oceano, ele deve ser visitado de manhã. À tarde, o tempo fecha e já não dá para ver nada.

O famoso Itaimbezinho está localizado no Parque Nacional de Aparados da Serra, antecedido por uma sede com informações do local, banheiros, bebedouros e espaços para piqueniques. Uma trilha a pé separa a entrada do parque da atração principal, que não fica atrás do rival “Fortaleza”. Fantástico.



Quase na Argentina, São Miguel das Missões lembra triste episódio de luta dos índios contra os invasores europeus

São Miguel das Missões tem ruínas preservadas

A última perna da viagem se dedica a conferir a tal "pedra preciosa" sugerida pelo amigo gaúcho lá em Blumenau. São 550 km de Cambará a São Miguel das Missões, quase na fronteira com a Argentina. Pausa para um tradicional churrasco em Passo Fundo e com quase nenhuma dica ou indício do ponto turístico, estamos em São Miguel – cidade onde estão as mais preservadas ruínas de missões jesuíticas em território brasileiro.

Restam apenas partes da sede da igreja onde entre os séculos XVI e XVII, sacerdotes católicos formaram um modelo de sociedade democrático com os nativos guaranis, a estrutura não

é a ideal. Mas a história por si só já é de emocionar. O museu dentro das ruínas e o Espetáculo de Som e Luz, realizado no mesmo lugar, todas as noites, ensinam um valioso e triste episódio de luta da população original do país contra os invasores europeus.

No restante do dia, pesquise uma fazenda que receba visitantes pelas cercanias, tome mate, ande a cavalo e converse com os prestativos e orgulhosos locais depois de uma refeição inesquecível - mais uma -, com vegetais colhidos na hora e carne de ovelha.

Como a Argentina está perto, não custa nada dar um pulinho, abraçar os "hermanos"

e abastecer o tanque com combustível barato. Mas é domingo e a fronteira está fechada. O Salto do Yucumã, fascinante queda longitudinal de 1800 m de extensão e 20 m de altura separando as duas nações pelo Rio Uruguai, também vale a visita, mas deve ser prestigiado na época da seca. Descemos pela solitária mata de teimosos e não encontramos nada além de árvores derrubadas pela tempestade e água invadindo todos os cantos.

Não faz mal. Antes de voltar para casa, ainda há tempo... de experimentar mais pinhão, mate e cerveja gostosos de Chapecó até a Grande São Paulo. Os dez dias pelo Sul valerem por mil.

Concessionária Autorizada
ABCD e Região

Saeco®

Máquinas de Café Espresso
www.phtcafe.com.br

Vendas - Locação - Assistência Técnica

Café Campo Grande:
Black e Red



Fornecemos outras marcas
confira em nosso site ou ligue!

Venha experimentar o café
e conhecer nosso novo Show-Room

Preço especial de lançamento
Garanta já a sua. Ligue agora!



Máquina de Café Espresso
Portátil Delta Q Qoll Automática



4335-9664 / 4338-5245

Rua Tiradentes, 118 - Centro - SBC

A era de ouro é agora

Impulsionadas pela TV a cabo e por serviços de internet, as séries vivem seu melhor momento e dividem com o cinema a atenção do público

• Leo Oliveira
redacao@revistarepublica.com.br

Não é por acaso ou por estratégia de marketing que as paredes do bar Cinemin, em São Bernardo, são forradas com fotos de astros do cinema. Uma das atrações para os frequentadores é adivinhar o nome de algumas das estrelas retratadas, que vão dos mais antigos Humphrey Bogart e Veronica Lake aos mais recentes George Clooney e Julia Roberts. O bar é um antigo projeto do jornalista Reynaldo Gollo, que desde cedo é fascinado pelo tema.

Mas, se você perguntar para ele quais filmes tem visto no cinema, a resposta será: “nenhum”. Gollo, como muitos dos antigos cinéfilos, anda com a atenção voltada mesmo às dezenas de séries de televisão que estreiam todos os anos e se prolongam por três a até mais de dez temporadas. Isso não acontece por mera comodidade, mas porque, para muitos, a qualidade das séries cresceu a ponto de superar a dos filmes que têm entrado em cartaz, em particular em salas do ABC.

“Quase todos os grandes lançamentos do cinema hoje são feitos para crianças e adolescentes. Eles podem ser divertidos, mas os bons roteiristas estão na TV. Não tenho dúvida de que séries como *Game of Thrones* e *True Detective*

são melhores do que todos os dez filmes indicados ao Oscar deste ano”, diz o jornalista.

Não é a opinião apenas de um fã. Em certa medida, ela é compartilhada pela insuspeita crítica de cinema Mariane Morisawa. Editora-executiva da Preview, uma das mais vendidas revistas sobre cinema do Brasil, ela cobre todos os anos os principais festivais da Europa – Cannes, Veneza, Berlim. E entende que a televisão, em termos de produção, começou a se aproximar das obras cinematográficas. “Ainda há grandes criadores no mundo todo realizando filmes que artística, narrativa e estilisticamente fazem o audiovisual avançar. Mas, se falarmos de cinema clássico narrativo, sim, *Game of Thrones* e *Mad Men* são superiores dramática e visualmente a fil-

mes como *A Teoria de Tudo* ou *O Jogo da Imitação* (dois candidatos ao Oscar deste ano).”

Ocorre que a indústria cinematográfica americana, ponta-de-lança do cinema em todo o mundo, parece ter perdido interesse em alguns nichos. Como resultado, diretores, produtores, roteiristas e editores de muito talento estão migrando para a TV. “Em termos de roteiro, como os estúdios de cinema começaram a investir cada vez mais em candidatos a blockbuster e cada vez menos nos dramas, thrillers e comédias de tamanho médio, a televisão acabou ocupando esse espaço”, diz Morisawa.

Curiosamente, a revolução não começou na forma mais clássica de TV aberta – no Brasil, representada por emissoras como a Globo e o SBT –, e sim, justamente,

**NA OPINIÃO DO CRÍTICO ROBERTO SADOVSKI,
AS SÉRIES SAÍRAM DO CONFINAMENTO E
GANHARAM LIBERDADE CRIATIVA**



Jon Snow (à esquerda), um dos protagonistas de *Game of Thrones*: morreu ou não?

quando a TV a cabo e depois a internet obrigaram os canais a procurar uma maior variedade para contemplar os públicos mais diversos. “As séries saíram do confinamento e ganharam mais liberdade criativa. Além disso, a tecnologia chegou ao ponto em que elas podem se igualar, em termos de efeitos e de produção, às obras do cinema”, diz o crítico Roberto Sadowski, por muito tempo diretor de redação da saudosa revista Set e hoje autor do blog robertosadowski.blogosfera.uol.com.br.

Ele situa o marco inicial da ascensão das séries em 1990, com *Twin Peaks*. Exibido por apenas duas temporadas nos EUA pelo canal aberto ABC, o seriado imobilizou o público americano e um de seus episódios chegou a anotar cerca de 12 milhões de televisores sintonizados. O sucesso indicou aos produtores o quanto eles ga-

nhariam em associar-se a grandes nomes do cinema – neste caso, o diretor David Lynch, aclamado por filmes como *O Homem Elefante* e *Veludo Azul*.

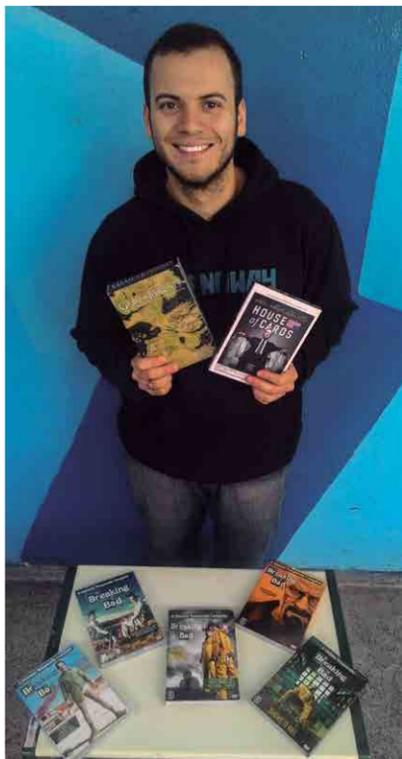
ESTRELAS

Desde então, a migração não parou e deu à TV um aspecto de mobilidade ao chamado Star System, o grupo de grandes estrelas. Nos anos 1980 e 1990, muitos atores foram da TV ao cinema e não voltaram. São os casos de Johnny Depp, que foi de *Anjos da Lei* a *Piratas do Caribe*; George Clooney, de *Plantão Médico* a *Onze Homens e um Segredo*; e Bruce Willis, de *A Gata* e *o Rato a Duro de Matar*.

Esta migração já não existe. O que há é mobilidade. Atores já agraciados com o Oscar agora estrelam séries de TV sem perder o prestígio. O caso mais notório é o de Kevin Spacey. Premiado por *Os*



Reynaldo Gollo: atenção às séries de TV



Maxuel quase não vai mais ao cinema



House of Cards: protagonista vivido por Kevin Spacey só pensa nele mesmo

Suspeitos e Beleza Americana, hoje ele dedica parte de seu ano a filmar os capítulos de House of Cards. Jeremy Irons, oscarizado por *O Reverso da Fortuna*, fez o papel de um papa nas três temporadas de *Os Bórgias*. E Al Pacino, o próprio *Poderoso Chefão*, fez a minissérie *Angels in America*. Ao mesmo tempo, a TV continua revelando suas estrelas. Um exemplo é Emilia Clarke, a Daenerys de *Game of Thrones*, que acaba de estrelar a última versão de *O Exterminador do Futuro*.

A TV não tem conferido apenas prestígio. Ela também já demonstra potencial de pagar a atores e atrizes algo próximo do que o cinema paga. O ator Charlie Sheen, por exemplo, fez nos anos 1980 filmes de sucesso como *Platoon* e *Wall Street*. “Mas ele ganhou mais com a série *Two and a Half Men* do que com seus filmes”, diz Sadovski. Outra comédia, *Friends*, serve de exemplo. “Cada um dos seis atores do seriado ganhou na

última temporada cerca de US\$ 23 milhões. Tom Hanks, uma grande estrela, ganhava US\$ 20 milhões por filme”, lembra Gollo.

EMMY

No que diz respeito aos temas, a liberdade pode ser conferida em quase todas as séries em cartaz na última década. Em seu terceiro ano de exibição, *House of Cards* atrai uma legião de fãs que acaba torcendo por um protagonista egocêntrico e cruel, na contramão das séries antigas, nas quais era sempre o bem contra o mal. “Ele tem de cuidar de um país, mas só faz o que é melhor para ele. Tem a ver com o tempo em que estamos vivendo. Isso é realismo”, diz o inspetor de escola Maxuel Mainardes, outro aficcionado por séries.

Exibida de 2008 a 2013, *Breaking Bad* baseou-se no humor mordaz, no drama familiar e no suspense. Fez tanto sucesso que até hoje é tida como referência

pela crítica e pelo público. Mas, para explorar seus dois personagens principais, produtor e roteiristas se deram ao luxo de fazer todo um capítulo com o protagonista obcecado em caçar uma mosca dentro de um laboratório. A breve mudança de registro não impediu que a série fosse um sucesso explosivo. Seu principal ator, Bryan Cranston, ganhou o Emmy (o Oscar da TV americana) por quatro anos – sendo que a série durou seis.

Após o último episódio, ele recebeu uma carta em que Anthony Hopkins, ganhador do Oscar pelo papel de Hannibal Lecter em *O Silêncio dos Inocentes* e nomeado Sir pela rainha da Grã-Bretanha em razão de sua habilidade como ator, dizia: “sua performance como Walter White foi a melhor atuação que eu já vi – na vida”. Uma metáfora de como o cinema está se rendendo à TV, talvez para que os dois possam coexistir no mesmo nível de qualidade. Quem ganha é o público.

Referência à italiana

A maior parte dos críticos aponta uma *famiglia* como a principal referência em qualidade das séries de TV. *Os Sopranos* foi exibida de 1999 a 2007 pelo canal a cabo HBO e desmistificou a visão que o cinema até então trazia sobre a máfia. Sem deixar de matar seus inimigos e encomendar roubos para os capangas, o protagonista Tony Soprano frequentava uma psicoterapeuta, não deixava os filhos falarem palavrões à mesa e, apesar das amantes, fazia de tudo para não ser deixado pela mulher.

“É imbatível”, diz Roberto Sadovski. “São personagens muito



Roberto Sadovski: seriado Família Soprano é “imbatível e divisor de águas”

bem desenvolvidos, arcos muito complexos. Foi um divisor de águas.” Perguntada sobre quais

são os marcos das séries de TV, Mariane Morisawa menciona *Os Sopranos* logo de início.

Respeite os mais velhos!

Há pelo menos um seriado que mantém fãs contumazes há 49 anos. Admiradores usando cosplays, congressos pop, discussões acaloradas. *Star Trek – Jornada nas Estrelas*, sobre a aventura de um grupo de exploradores espaciais a bordo da nave Enterprise, mantém o culto em torno de sua mitologia há 49 anos. Criada em 1966, gerou seis outras séries e 12 filmes para o cinema.

Qual o motivo de tamanha admiração? “A série mostra que é possível um futuro melhor, no qual os avanços tecnológicos vêm para nos ajudar e não nos substituir”, diz o paulistano César Augusto Cezaroni, líder de Projetos de Software e presidente do Fã Clube Star Trekkers. Ao mencionar “futuro melhor”, ele está falando mais sério do que se imagina. Quando organiza congressos de trekkers – sim, os admiradores têm até apelidos –, o fã-clube faz deles eventos be-



César Augusto, primeiro à esquerda, é o Spock no congresso de trekkers

neficientes para arrecadação de alimentos e de gêneros de primeira necessidade. “Faz parte da filosofia de *Jornada nas Estrelas*”.

Cezaroni justifica o carinho por *Star Trek* justamente pelo seu formato, quase artesanal se comparado aos seriados atuais. “Os roteiros supriam a total falta de recursos financeiros e tecnológicos além do carisma de seu trio principal de atores.”

RETOMADA

Séries que deixaram suas marcas geram expectativas mesmo depois de décadas. A indústria sabe disso. *Twin Peaks*, o seriado de 1989, foi cancelada após a segunda temporada. Pois está sendo retomada do ponto onde parou – deve reestrear somente em 2017. O mesmo acontecerá com *Arquivo X*, que voltará com o Fox Mulder e Dana Scully, às voltas com ETs, monstros e fantasmas.

A série do momento

Game of Thrones, você já sabe, é a série do momento. Cada temporada tem dez episódios, exibidos semanalmente. O ano tem 52 semanas. São dez semanas de cartaz nas noites de domingo no canal HBO. Nas outras 42 semanas, os fãs ficam especulando as novidades para a próxima temporada no Facebook, no Twitter e nas outras redes sociais.

Quando foi ao ar, o último capítulo foi visto em mais de 8 milhões de televisores nos EUA ao mesmo tempo em que ocorria a final da NBA, a liga norte-americana de basquete. Para um tempo em que o público tem a opção de esperar uma reapresentação no mesmo canal ou de recorrer à internet para acessar o episódio após a exibição, é uma proeza. O capítulo trouxe uma série de cliffhangers (*confira o glossário*), sendo que o último deles está sendo discutido neste exato momento por milhões de pessoas: o personagem Jon Snow realmente



Game of Thrones: a série mais comentada trata de temas que chocam

morreu ou vai voltar numa temporada posterior? Jon Snow, se você não sabe, é o sujeito à esquerda na foto que abre esta reportagem.

“Eu espero que ele *não volte!* Mais pelo suspense que isso vai gerar. Mas com certeza vai voltar, sim. É um dos poucos personagens cuja figura é chave para o fechamento da história”, diz Bruno Bollini. Ele é um consultor químico nascido na Itália e hoje vivendo no Brasil que, depois de ver os primeiros episódios de *Game*

of Thrones, resolveu ler a série de livros da qual a produção é adaptada, escritos por George R. R. Martin, que também atua como consultor da HBO. Acabou tornando-se fã de carteirinha, do tipo que compara livros e seriado, ficando irritado quando os roteiristas da TV mudam o curso dos personagens dos romances. Há admiradores ainda mais exaltados: organizam conferências e *cosplays*, fazendo com que a série ocupe todas as suas horas.

TESOUROS SECRETOS

Você pode não conhecê-las, mas essas séries foram bem recomendadas pelas pessoas ouvidas nessa reportagem:

The Bridge – quando um corpo é encontrado na ponte que liga a Suécia à Dinamarca, as polícias dos dois países investigam o crime. Ainda em andamento – a terceira temporada ainda não estreou –, esta produção europeia já tem um remake americano disponível no canal por streaming Netflix.

The Leftovers – por uma razão inexplicada, 98% da população mundial desaparece. Num tom apocalíptico, a série, outra produção da HBO, conta a história dos sobreviventes. Tem um tom *Lost*, mas agora, claro, o público espera que as explicações sejam satisfatórias.

The Strain – um avião pousa em Nova Iorque com 206 cor-



The Leftovers vem sendo elogiada pela crítica

pos e quatro sobreviventes. Mais tardes, os corpos desaparecem do necrotério. É uma série de vampiros, mas com muitas diferenças em relação a *Buffy* e *True Blood*. Uma das razões é a chancela de seu criador e produtor, o diretor cult Guillermo Del Toro.

Silicon Valley – mais uma produção da HBO, desta vez uma comédia que está em sua segunda temporada. Um programador de computadores cria, meio sem querer, um algoritmo para compressão de dados, dando início a uma corrida entre investidores.

Red Riding – na verdade uma trilogia produzida pela TV britânica, narra as investigações de um jornalista, um policial e um advogado – separados no tempo entre 1974 e 1983 – sobre séries de assassinatos no norte da Inglaterra. Aclamada pela crítica por seu tom soturno, tem no elenco o Homem-Aranha Andrew Garfield e Sean Bean, o Ned Stark de *Game of Thrones*.

GLOSSÁRIO

Palavras que você precisa entender para não se perder entre os seriados:

Cliffhanger – “à beira do abismo”. É uma técnica empregada por roteiristas e diretores para garantir audiência e existe pelo menos desde os anos 1960, com a série *Perdidos no Espaço*. Consiste em terminar um capítulo com uma surpresa ou um mistério, garantindo a curiosidade do fã quanto ao episódio seguinte. Novelas de TV também empregam-na constantemente.

Cosplay – abreviação de “costume play”, ou seja, fantasia. É comum ver fãs de séries de fantasia ou de ficção científicas caracterizados como seus personagens preferidos em conferências ou na internet.



True Detective: Atores hollywoodianos do porte de Matthew McConaughey

Lead in e Lead out – alguns seriados são tão populares que, para capitalizar em cima deles, as exibidoras organizam programas de auditórios e de debates sobre eles antes (in) ou depois (out) da apresentação de cada episódio. Season premiere e season finale – Esses são fáceis: são, respectivamente, os programas de estreia e de encerramento de cada temporada.

Spin-off – quando uma série é derivada de outra. Com o sucesso de *Breaking Bad*, por exemplo, os produtores tomaram um de seus personagens, o advogado Saul Goodman, e criaram *Better Call Saul*, um spin-off. A série pode ser uma prequel – narrando eventos anteriores ao seriado de que deriva – ou uma sequel, quer dizer, uma sequência. Spoiler – significa “estragar” e é quando alguém entrega informações sobre um episódio que você ainda não viu. Se perdeu um capítulo de sua série preferida, siga este conselho: fique longe das redes sociais até poder vê-lo.

Fattori Informática

Vendas - assistência técnica - formatação -
manutenção - remoção de vírus -
configuração - upgrade - montagens

📍 RUA: TATUÍ, 521 - BAIRRO: CASA BRANCA - SANTO ANDRÉ

☎ (11) 3593-3898

✉ FATTORI_ASS.TECNICA@HOTMAIL.COM

Babel do bem

Projeto *Abraço Cultural* congrega refugiados para oferecer cursos de línguas e cultura de países como Síria, Congo, Haiti, Cuba e Colômbia

Leo Oliveira
redacao@revistarepublica.com.br

Éra sábado, 1º de agosto, quando um carro cinza encostou junto à Igreja Nossa Senhora da Paz, no bairro paulistano do Glicério. De dentro, uma voz dirigiu-se aos homens que se aglomeravam na escadaria: “Haitianos, vocês roubam nossos empregos”. Depois dos gritos, vieram as rajadas, e quatro pessoas, todas oriundas do Haiti, foram atingidas. Um outro ataque no mesmo dia alvejou mais dois haitianos na rua do Glicério, perto dali.

O atentado com ares de xenofobia vem sendo tratado como caso isolado na conjuntura brasileira. Com exceção dos índios, ninguém pode ser considerado brasileiro puro, como demonstraram o historiador Sérgio Buarque de Holanda em seu livro *Raízes do Brasil* e o antropólogo Darcy Ribeiro, em *O Povo Brasileiro*.

São Paulo é um exemplo. Primeiro surgiu com colonizadores portugueses, padres ibéricos e índios. Ao longo dos séculos, recebeu levas maciças de escravos. Com o café, aportaram aqui italianos, espanhóis e mais portugueses, além de outras procedências. Nas guerras do século XX ainda vieram árabes, armênios, japoneses, alemães e franceses. É compreensível que uma das três maiores metrópoles do mundo, cidade com o maior PIB da América Latina, continue recebendo imigrantes.

Ainda assim, o ataque aos haitianos no Glicério não parece

um caso isolado. Basta ver as manifestações que têm pululado na internet e em alguns dos cartazes portados por manifestantes, muitos deles anônimos, nas ruas paulistanas. Elas parecem ir na contramão da história. O Brasil, um país latino, e São Paulo, um de seus estados, nunca participaram de movimentos fascistas.

Mas uma iniciativa de duas ONGs, a Atados e a Adus (Instituto de Reintegração do Refugiado), procura fazer justiça à verdadeira vocação brasileira de cordialidade e colaboração. Elas criaram o *Abraço Cultural*, uma congregação de refugiados que oferece cursos de línguas – espanhol, inglês, francês e árabe – e, de quebra, ensina um pouco da cultura de países como Síria, Congo, Haiti, Cuba e Colômbia.

COPA

A experiência foi realizada de forma piloto em julho de 2015. O objetivo inicial era juntar uma turma de 40 alunos, mas a ideia cresceu: nada menos que 123, divididos em 12 turmas, acabaram participando das aulas. Desde o início de setembro estão ocorrendo cursos mais sofisticados, de três

meses, com cerca de 450 pessoas e 30 refugiados à frente das aulas.

Os cursos não são gratuitos. Nem faria sentido se fossem: a proposta é ajudar os refugiados a terem uma fonte de renda enquanto se estabelecem no país. Ao mesmo tempo, integrá-los na sociedade paulistana, que, como já demonstrado, é formada por estrangeiros. Para participar, cada aluno deve pagar R\$ 800.

A ideia do *Abraço Cultural* surgiu em 2014, quando a Atados e a Adus organizaram, na esteira da Copa do Mundo do Brasil, uma ‘copa dos refugiados’. “A partir dessa ideia, quisemos mostrar para a sociedade todo o potencial dos refugiados”, diz um dos coordenadores do projeto, Daniel Moraes de Assunção, da Atados.

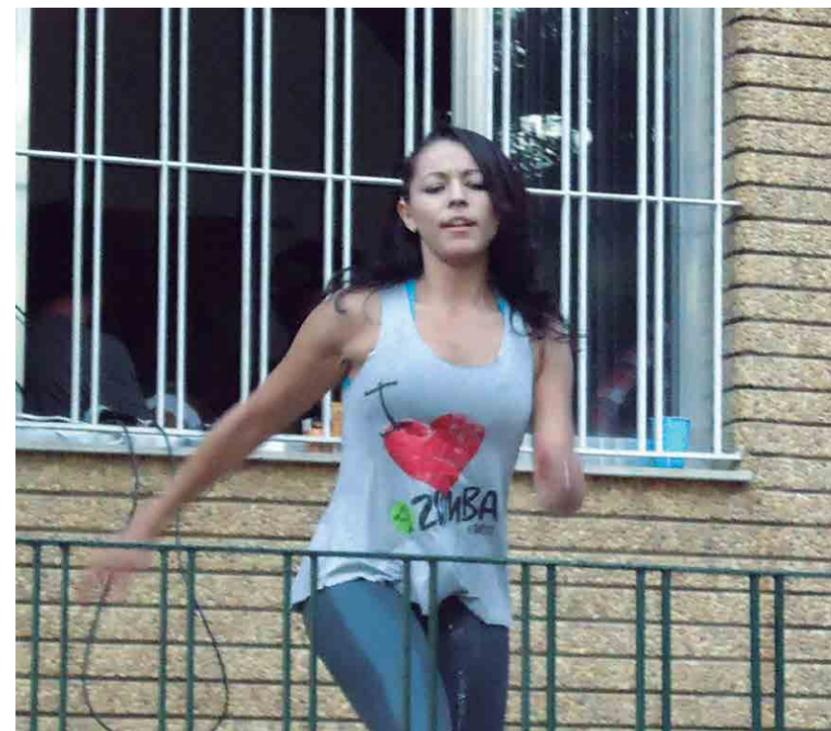
Por “potencial”, Daniel não se refere a pouca coisa. São antropólogos, jornalistas, engenheiros – eis algumas profissões originais de refugiados que lecionam no *Abraço*. A própria palavra “refugiados” não agrada aos coordenadores, em razão de seu tom negativo, embora, para definir o projeto e a situação dos professores, nenhuma outra palavra seja mais adequada.

SERVIÇO:

Abraço Cultural - Site: abraccultural.com.br | As aulas são realizadas durante a semana, à noite, e aos sábados pela manhã. Confira no site os horários | **Endereço:** rua Paraguaçu, 35 – Santa Cecília – São Paulo | **Valores:** R\$ 800 para cada curso de 3 meses (ou em 4X de R\$ 210) | **Contato:** 993153177 | **email:** abraccultural@atados.com.br



Daniel Moraes de Assunção, da ONG Atados, é um dos idealizadores do Abraço Cultural



A colombiana Marisol Sandoval Bedoya é professora de educação física e ensina zumba

APRENDIZADO

E o abraço, como diz o nome, é cultural. Quer dizer, não se trata apenas de ensinar uma língua, mas diferentes aspectos da cultura dos imigrantes. Dança, culinária, vestuário, música, artes plásticas e costumes – tudo pode ser objeto de aprendizado nas aulas. Ao escolher o aprendizado de árabe, o aluno, de quebra, pode aprender receitas originais de coalhada seca com zatar, um tempero sírio, com o engenheiro mecânico Talal al-Tinawi (*leia sua história nesta matéria*). Escolhendo espanhol, pode aprender a dançar a zumba com a professora de educação física Marisol Sandoval Bedoya, de 32 anos, natural da capital colombiana Bogotá. Como alguns dos outros professores, ela não é uma refugiada, mas uma imigrante – hoje, casada com um brasileiro – que também está envolvida no projeto. “O Brasil é mais desenvolvido do que a Colômbia na minha profissão e agora meu coração é brasileiro.”

Convém ao aluno entender e se deixar envolver pelo aspecto cultural do projeto. De mente aberta, qualquer um que converse com os imigrantes por algum tempo sente-se uma pessoa melhor. Além disso, os próprios refugiados têm boas histórias para contar sobre o choque cultural que sofreram. O artista congolês Pitchou Luambo (*confira sua história na próxima página*) conta que, ao chegar ao Brasil, estranhou o arroz e perguntou se ele já estava pronto. “Nós costumamos colocar tomates e ervas no arroz. Eles me ofereciam e eu só dizia: ‘mas ainda não está pronto!’”, diz.

Numa churrascaria rodízio, ficou esperando a carne por muito tempo, enquanto lhe ofereciam outras coisas estranhas. “Eu não entendia o que era picanha, fraldinha e alcatra, até que alguém me disse ‘pega qualquer uma. É tudo carne!’”, conta, para riso geral. E o sorriso, você sabe, tem o mesmo significado em todas as culturas.

Cadáveres na rua

“Imagine que você está em casa com a família e começa a ouvir tiros. Muitos tiros. Eles ecoam durante todo o dia. Ninguém pode sair para não ser atingido. Quando o barulho finalmente acaba, você sai à rua e a encontra cheia de cadáveres. Mais tarde, vai para a cama. No dia seguinte as escolas vão abrir normalmente.” Essa é parte do relato de Pitchou Lwambo, 34 anos, artista e coordenador do Grupo de Refugiados e Imigrantes de São Paulo.

A cena foi e ainda é rotineira em Kisangani, cidade natal de Pitchou, bem como em Kinchasa, capital do Congo. Também ocorre em Kivu, outro município congolês, de onde vem Alphonse Nyembo, 29 anos, formado jornalista pela Universidade Dalumbushi. “No Congo, o jornalismo é uma profissão muito, muito perigosa. Tudo o que você descreve pode desagradar alguém. E, quando não gostam, eles querem matar você”, diz Alphonse, que está no Brasil desde 2009 e cursa Mecatrônica na FMU.

A República Democrática do Congo, de fato, tem uma história dura, difícil. Foi colônia belga desde 1878 e conseguiu a independência em 1960, quando eclodiu a primeira guerra civil. O conflito atual já se prolonga por quase 20 anos, ainda que neste interim tenha havido promessas de eleições e referendos. A guerra chega a envolver milícias de países vizinhos, como Ruanda e Uganda. Mas é possível encontrar na persistência do conflito as digitais de potências estrangeiras, como os EUA e a Alemanha, de olho no solo rico em minerais como ouro, urânio e cassiterita. E no final desta cadeia estamos nós. “A cassiterita é muito



Alphonse Nyembo, também congolês, hoje cursa Mecatrônica na FMU



Cineasta Eliane Caffé trabalha com o congolês Pitchou Lwambo

usada na produção de telefones celulares. O consumo em massa deles ajuda a fomentar a guerra no Congo”, diz a cineasta Eliane Caffé, que trabalha com os congolezes em produções para o teatro.

Não obstante, é comum que a imprensa internacional, inclusive a brasileira, retrate a situação como uma mera disputa política entre congolezes. “A Rússia e a China também estão presentes no Congo. Há ainda muitas ONGs, mas todas parecem estar aliadas aos interesses econômicos”, diz

Alphonse. Isso talvez explique por que o país ocupa a 186ª. posição no Índice de Desenvolvimento Humano da ONU, embora seu solo seja rico e sua população tenha um imenso potencial – do que dão prova Alphonse e Pitchou, homens de grande instrução e que falam pelo menos três línguas.

Além de francês e inglês, os congolezes do Abraço Cultural ensinam música, gastronomia e vestimentas, inclusive os turbantes que hoje estão na moda nas ruas de São Paulo.



Talal Tinawi era propritário de três lojas em Damasco e foi confundido com homem procurado pelo exército sírio

O homem errado

Para um brasileiro comum, possuir um escritório de engenharia mecânica e três lojas de roupas é considerado sinal de sucesso nos negócios. Talal Tinawi, hoje com 42 anos, era portanto um homem de sucesso em sua cidade natal, Damasco, capital da Síria. Tudo mudou em 2011, quando ele se dirigiu a Beirute, capital do vizinho Líbano, para realizar uma prova com a qual sonhava conquistar um diploma de pós-graduação.

Na fronteira com Líbano, Talal foi preso sob uma acusação, nunca formalizada, de atuar contra as forças do ditador sírio Bashar al-Assad. “Minha família não foi notificada. Eles nem sabiam onde eu estava”, diz o engenheiro, referindo-se à mulher e aos dois filhos, Riad e Sara. A perplexidade era agravada por um detalhe mais do que significativo: Talal nunca tinha se envolvido

com política, quanto menos com a guerra civil deflagrada contra Assad em 2011, na esteira da chamada Primavera Árabe, que vem conturbando outros países, como o Egito, a Líbia e a Tunísia.

Ocorre que entre as forças inimigas do governo localizava-se um homem chamado justamente Talal Tinawi, homônimo do engenheiro. E que, na bagunça da guerra, os soldados preferiram prender o homem errado a verificar sua procedência. A história da pessoa acusada por um crime que não cometeu, tão comum em filmes – como *O Homem Errado*, de Alfred Hitchcock –, foi vivenciada na vida real.

Ele conta que não foi agredido nem passou fome no cárcere. Mas só foi solto três meses depois, sem que o processo formal se tivesse estabelecido. “Voltei para Damasco e planejei minha viagem. Eu não poderia viver com o mesmo nome de um homem procurado pelo exército.”

Com a ajuda de amigos, ele veio para o Brasil, mais exatamente para a comunidade síria do Brás,

onde se instalou num pequeno apartamento. Fez muitas tentativas para recomeçar. Teve um box no Brás e chegou a trabalhar em sua profissão, engenharia mecânica, numa empresa brasileira. A tentativa foi frustrada este ano, com as demissões provocadas pela crise econômica.

Enquanto isso, pôs seus filhos na escola pública – Riad, hoje com 13 anos, já fala português melhor do que todos na família. Em fevereiro de 2015, a família ganhou mais uma filha, Yara, que nasceu brasileira. Hoje, os planos envolvem a gastronomia.

No Abraço Cultural, Talal dá aulas de inglês e pode vir a lecionar árabe. E agora já pode ensinar a produzir os quitutes sírios – quibes, esfihas de carne e de ricota, coalhada seca com hortelã ou com zatar – tão apreciados pelos brasileiros e que ele também está planejando vender pela internet. “Minha vida agora é o Brasil”, diz o engenheiro, acrescentando que não pretende voltar enquanto a Síria não estiver em paz.

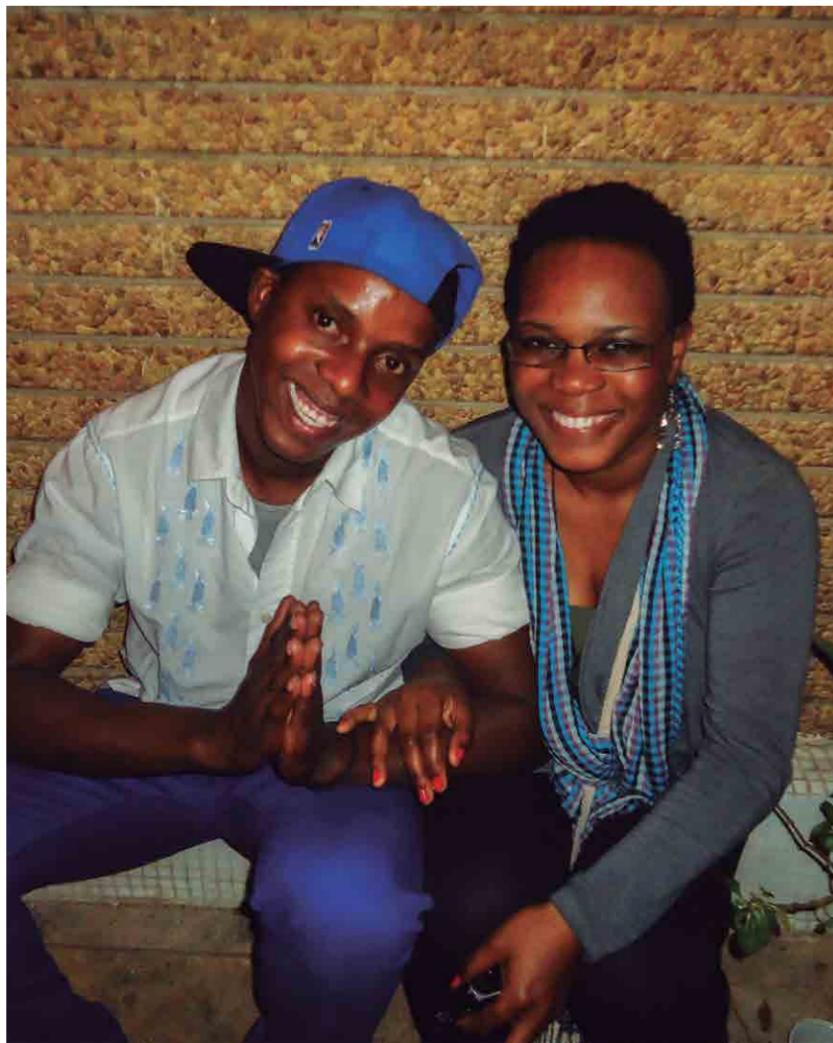
O preço do pioneirismo

Em 1867, Karl Marx sugeriu em sua principal obra que o capitalismo vive de ciclos nos quais se alternam a crise e a bonança. A teoria, mesmo provindo do ainda controverso pensador alemão, encontrou eco em economistas contrários a ele, como o austríaco Joseph Schumpeter. Crescimento e recessão, crise e esperança, bonança e desgraça: os ciclos parecem ter deixado o Haiti, a nação situada nas Antilhas, de fora. Aparentemente, falta-lhe a parte boa.

Na História, o Haiti pagou o preço do pioneirismo. Foi ocupado há 7 mil anos por indígenas. Foi o primeiro pedaço de terra em que Cristóvão Colombo aportou, em 1492. Em 1794, com uma revolta de escravo, tornou-se a primeira República das Américas e também o primeiro país no continente a abolir a escravidão.

Mas a vida, para a maior parte da população haitiana, sempre foi difícil. Sucederam-se crises econômicas acompanhadas de ditaduras com graus de violência altos mesmo para os padrões latinoamericanos – são lendários os assassinatos e as torturas impostos pelos governos de François Duvalier, o Papa Doc, e depois pelo seu filho Jean-Claude, o Baby Doc. E são poucos os governos eleitos de maneira democrática que conseguem se firmar. Como se não bastasse, os haitianos são expostos às intempéries, como o terremoto em 2010 que deixou mais de 200 mil mortos e cerca de 3 milhões de desabrigados.

Tudo isso e, acredite, o Haiti tem potencial para ser um país rico e pacífico. “Nós temos um solo fértil e podemos plantar arroz e outros produtos. Mas as plantações são dominadas por multinacionais



Ricardo Anselme e Geneviève Cherubin perderam amigos e parentes no Haiti

e os americanos nos obrigam a comprar o arroz produzido por eles”, diz a professora de francês Geneviève Cherubin, de 32 anos. Pelo incômodo que lhe causam os americanos, ela preferiu vir ao Brasil em 2015 – chegou em julho –, embora seu filho, Jonathan, de 13 anos, esteja morando nos EUA com o pai.

Todos perderam amigos e parentes no terremoto de 2010. Geneviève perdeu uma amiga. Ricardo Anselme, hoje com 30 anos, que estudou Ciência Ambiental em Porto Príncipe, teve de entrar a namorada, com 18 anos. Ele e toda a sua família foram trabalhar

na Cruz Vermelha e sua mãe conseguiu o visto para que viesse ao Brasil em 2012. Hoje, é casado com uma mineira e tem um filho.

Ricardo e Geneviève ainda não estão dando aulas no Abraço Cultural. Precisam passar pelo processo de entrevistas e de treinamento antes de poder lecionar sobre a cultura, a arte e a gastronomia haitiana. Grande parte dos haitianos fala, além do crioulo – a língua do país –, o francês, o inglês e o espanhol. E têm, enfim, uma alegria contagiante. Mesmo depois de tudo por que passou, Ricardo batizou o filho de Sunshine. Em português, brilho do sol.

“Você não me conhece, mas eu conheço você”

“Antropologia”, está no dicionário, é a ciência que estuda o homem em todas as suas dimensões, tanto biológicas quanto socioculturais. Praticamente todas as civilizações tiveram como características envolver alguma religião e deter-se em diferenças étnicas. Faz sentido que uma antropóloga seja proibida de estudar as religiões e as relações inter-raciais?

Não faz. Mas a historiadora e jornalista Maria Ileana Faguaga Iglesias, 51 anos, que também é antropóloga, nunca pôde estudar as religiões em sua Cuba natal. Em 1961, Fidel Castro dera por terminada a discriminação racial no país – como se o racismo pudesse ser eliminado por decreto. Também outorgou a constituição que diz que todas as pessoas são iguais. E começou a perseguir as práticas religiosas. “Sob esse pretexto, nunca fomos autorizados a estudar religião e as relações inter-raciais”, diz Maria, que é também ativista negra.

Com trabalhos desenvolvidos nas três áreas, Maria já fora premiada por uma universidade canadense – mas, quando se preparava para viajar e receber o prêmio, seu passaporte desapareceu misteriosamente. Mais tarde, quando tinha 37 anos, ela recebeu uma bolsa de estudos da Universidade Federal da Bahia e vislumbrou finalmente a oportunidade de sair do país. O governo de Castro, no entanto, só foi autorizá-la dois anos depois, em 2003, quando ela pisou pela primeira vez em solo brasileiro.

Seu estudo concentrava-se na questão inter-racial. E, de volta a Havana, durante um congresso, um homem que lhe disse: “você não me conhece, mas eu conheço você”. Parecia ser um dos muitos estudantes, mas não era. Confor-



Maria Ileana Faguaga Iglesias é estudiosa da questão inter-racial e teria sido perseguida

me o documento que ele apresentou a Maria, era membro da polícia política do regime castrista. A antropóloga ficou sob embargo até 2011, quando pôde ir para os EUA. No final de 2013, veio ao Brasil, desta vez para ficar.

Grande parte do mundo considera que Cuba viva crise econômica como resultado do embargo comercial imposto pelos EUA desde os anos 1960. “Mas nós sempre estivemos em crise”, diz. Depois do decreto igualitário, e com grandes população negra e miscigenação, Cuba parece um país tranquilo quanto à questão racial.

“Mas eu sempre senti a discriminação, principalmente depois de meus estudos. Na medida em que os negros se destacam, por exemplo, eles vão sendo isolados. A polícia é basicamente negra, mas está educada para reprimir a população negra.”

No Abraço Cultural, além de lecionar espanhol, Maria dá um panorama da cultura e da música cubana, que vai muito além da salsa e do mambo. “Mostro as características de cada tipo de música na cultura cubana e que importância ela tem dentro de determinados setores sociais.”

Não é brinquedo, não

Com modelos menores, mais baratos e disponíveis para venda na internet, em lojas segmentadas e até em grandes redes como Fnac e Magazine Luiza, drones ganham adeptos e multiusos, mas podem pôr em risco a segurança e a privacidade alheia

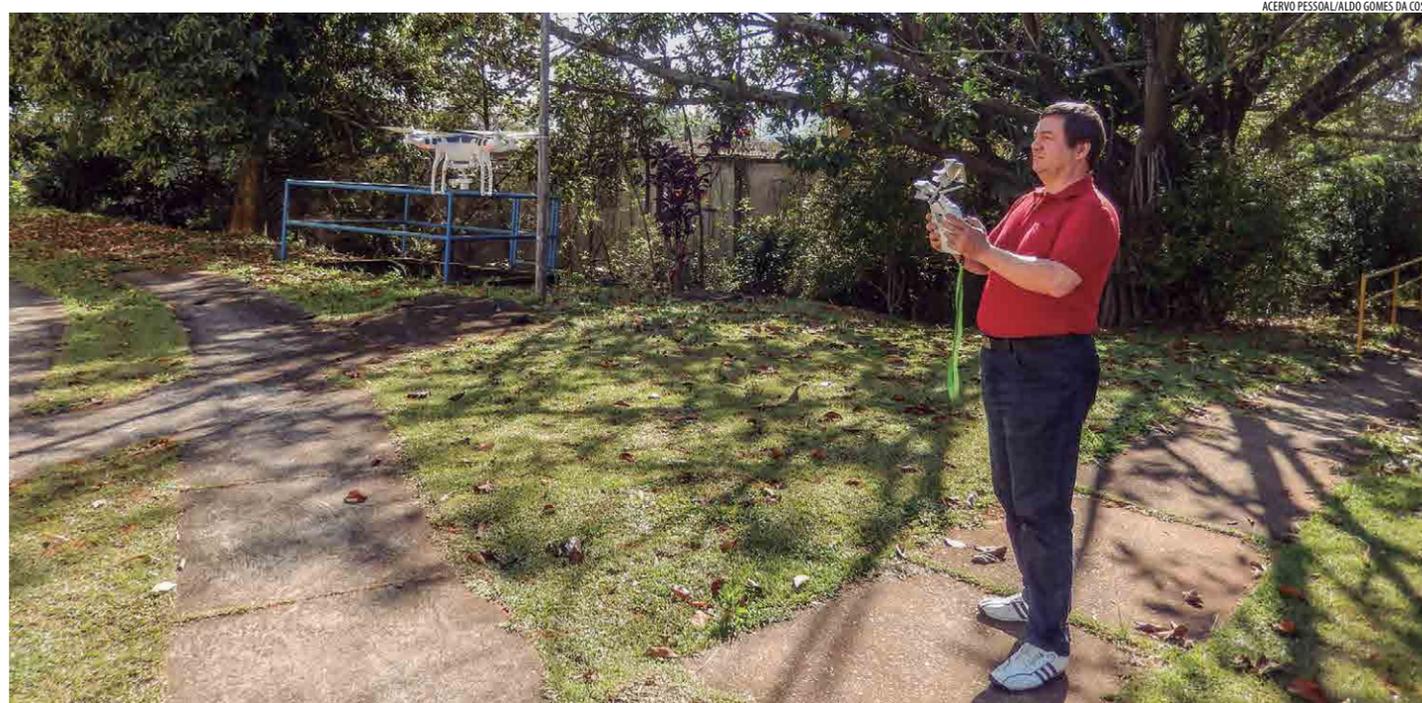
• Rodrigo Jacinto
redacao@revistarepublica.com.br

Um ágil personagem marcou presença no Carnaval, no futebol e nos protestos neste ano. O drone, pequeno avião controlado remotamente e capaz de voar a curtas ou longas distâncias, ganha espaço no país e no mundo, mesmo sem regulação clara por parte do governo.

Chamado de drone ou VANT (Veículo Aéreo Não-Tripulado), o aparelho pode ser facilmente comprado pela internet, em lojas segmentadas e até em algumas grandes redes como Fnac e Magazine Luiza. Dentre seus diversos usos possíveis, os que ganham mais força são os de filmagem, de entregas e para fins militares, tanto de espionagem quanto de artilharia. No mundo, o mercado de drones já fatura US\$ 14 bilhões por ano.

“Usar drones ajuda demais no trabalho. Antes, para fazer imagens aéreas era preciso alugar um helicóptero por até R\$ 60 mil a diária. Hoje conseguimos a mesma visão pagando muito menos”, avalia Rafael Fasrah, diretor do Fasrah Filmes, que capta imagens para comerciais, eventos, desfiles de modas e outros. “Nunca fico na mesmice. Dá para usar vários ângulos e movimentos de câmera. Enquanto uma pessoa controla a câmera, outra dirige o drone.”

Esses artefatos possuem vários mecanismos internos de estabilização automática, o que facilita a pilotagem. A presença de três ou quatro hélices tam-



Rafael Fasrah substituiu aluguel de helicóptero de até R\$ 60 mil/dia para captar imagens por drone

bém favorece o equilíbrio durante o voo. Vários modelos vêm com câmeras de alta resolução embutidas. O controle pode ser feito via smartphones ou tablets, que se comunicam com o aparelho via bluetooth ou outros sinais sem fio, dependendo do modelo. As imagens captadas pelo aparelho são exibidas em tempo real para o usuário, que pode definir rotas usando GPS e encontrá-lo em caso de perda.

AULA DE DRONE

Mas pode não ser tão fácil quanto parece. O engenheiro Aldo Gomes da Costa Filho, que trabalha no Serviço Municipal de Saneamento Ambiental de Santo André (Semasa) comprou primeiro um drone pequeno para aprender e achou que seria fácil conseguir isso sozinho. “Espatifei o aparelho em cinco minutos, ainda em casa”, recorda. Gomes contratou, então, um professor para tomar aulas, que ainda estão no início. “Não opero porque não é simples mexer no rádio controle. Tem que ter sensibilidade”.

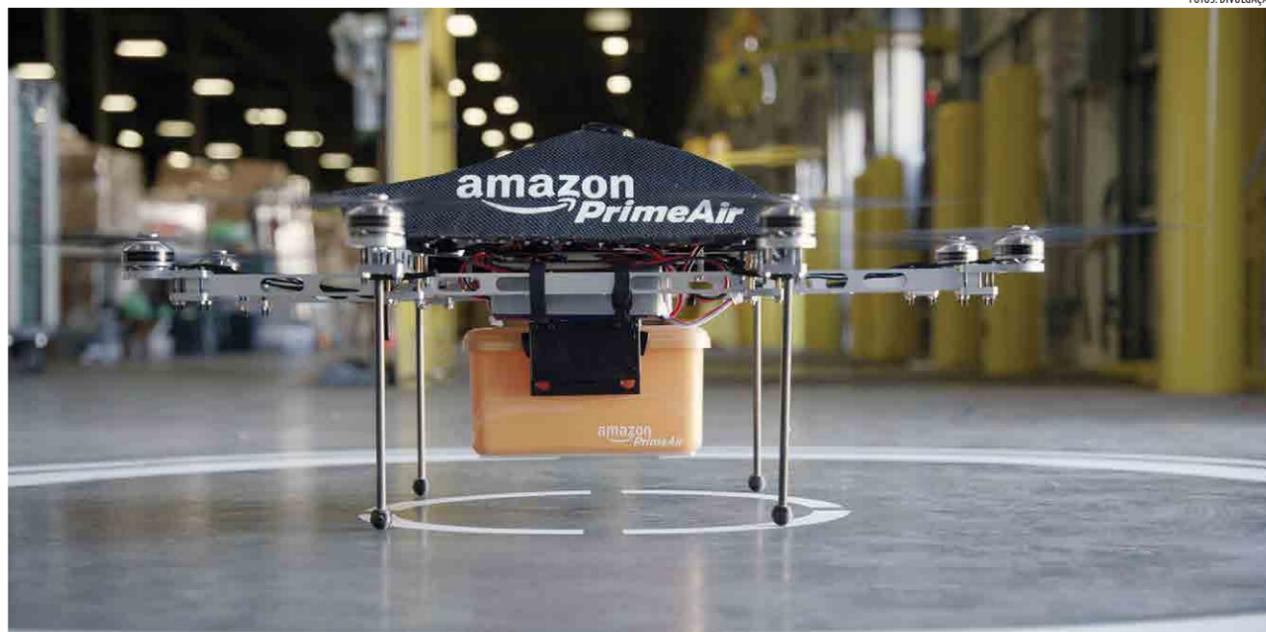
Também para Gomes, o uso do drone é profissional e visa diminuir custos com a diária de helicóptero. “Na área de saneamento usamos muito o sistema de informações geográficas e as imagens aéreas nos permite verificar se há construções em locais onde vamos fazer uma rede de água ou esgoto, por exemplo. O aluguel de um helicóptero vai custar, no mínimo, R\$ 2 mil/hora, e um drone faz o mesmo que ele, nos dando acesso a informações aéreas”, explica.

EVOLUÇÃO RÁPIDA

Trata-se de uma tecnologia que evolui e se torna mais barata rapidamente. “Quando comecei a usar drones, em 2011, a bateria dele durava cinco minutos”, lembra Fasrah. Hoje, já são vendidos minidrones, que cabem na palma da mão, e modelos com rodas, capazes de circular pelo chão e voar, dependendo da necessidade. O preço parte de R\$ 300 para modelos mais simples e pode passar de R\$ 6 mil para versões mais completas, com maior autonomia de voo.

Para Alex Altheman, analista de produtos da Fnac, já é possível vender drones à prova de “barbearagem”. “É um produto com um potencial muito grande”, avalia Altheman, que vende drones desde 2011, mas apenas nas lojas físicas. “Os aparelhos que vendemos são à prova de barbearagem. O software traz ele de volta se perder o sinal, desvia de obstáculos no caminho e seu GPS não permite que ele se aproxime de áreas como aeroportos e consulados”, diz Altheman.

Aldo faz aulas para aprender a pilotar depois de quebrar o primeiro drone que comprou



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Equipamento que a Amazon testa para entregar produtos em até 30 minutos

SEM REGULAÇÃO

Apesar de o uso profissional do drone estar cada vez maior no Brasil, o país esbarra na falta de uma regulação adequada para o seu uso. Pela regra atual, o uso profissional é vetado. São permitidos apenas voos recreativos ou experimentais. Nas operações recreativas, o aparelho não pode atingir mais de 120 metros de altura. Para ações experimentais, o aparelho só pode decolar com autorização da Anac (Agência Nacional de Aviação Civil).

“A proposta de regulamentação para operações como filmagens de eventos, serviços fotográficos, vigilância, inspeção e uso comercial em geral, está em fase de construção pela Agência e deverá ser submetida à audiência pública em breve”, disse a agência, por meio de nota à República. “Embora exista a possibilidade de avaliação caso a caso, por enquanto, operações civis não experimentais não são permitidas no Brasil”, completa a nota. A Anac informa ainda que usar uma aeronave de forma inadequada pode gerar ações de responsabilidade civil e criminal, como estabelecido no Código Brasileiro de Aeronáutica (lei 7.565/86), de 1986.

INVASÃO DE PRIVACIDADE

A falta de regras dificulta a punição a condutas inadequadas. “Um dia estava tomando sol no quintal e vi um drone voando em cima de mim. Ele só foi embora quando fiz um gesto com a mão imitando um tiro. Em outra ocasião, cheguei em casa e tinha marcas no vidro da janela. Um drone encostou ali para fazer fotos de dentro da minha casa”, conta Inês Isoppo, 73, moradora de Casa Branca, em Santo André. Ela apurou que o aparato pertence a

um morador do prédio vizinho à casa dela, mas não conseguiu mais informações sobre o dono do aparelho. “Fui até a delegacia, mas lá me disseram que precisava esperar acontecer algo com a minha casa para registrarem a ocorrência”, lamenta, revoltada.

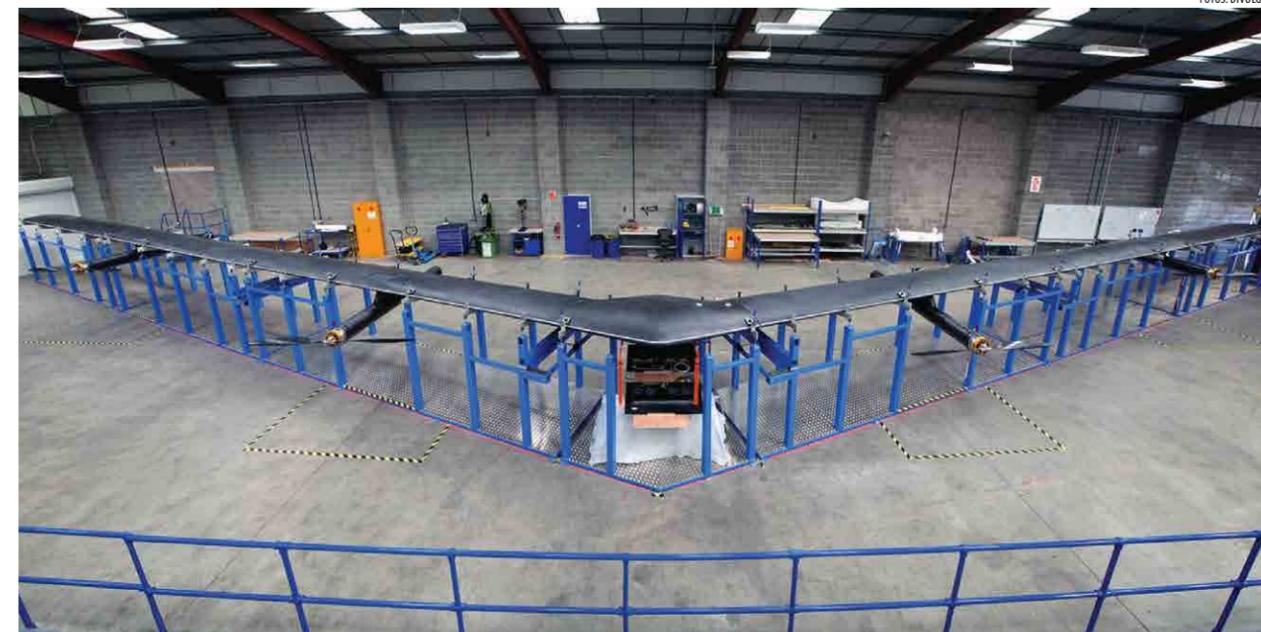
PREDADORES

Os drones militares, conhecidos como predadores, são peças-chave nas ações realizadas pelos Estados Unidos em países do Oriente Médio como Iraque e Paquistão. Os aparelhos são usados tanto para vigiar e espionar áreas suspeitas de abrigar terroristas quanto para atacá-los.

Usar uma aeronave não tripulada em bombardeios evita a morte de pilotos, mas não afasta o risco de vitimar inocentes. Logo no primeiro ataque americano feito por um drone, em 2002, no lêmen, um disparo destruiu um carro onde estavam seis pessoas. Uma delas era um cidadão americano sem antecedentes.

Não há números precisos sobre quantos ataques com drones já foram feitos, mas a grande presença deles aterroriza moradores dos países onde há ataques. “Há muito pouco debate sobre os efeitos disso. Os drones matam suspeitos de terrorismo, mas essas mortes contribuem de fato para reduzir o crescimento dos grupos terroristas?”, questionou a ASP (American Security Project), entidade que pesquisa as políticas de segurança dos EUA. A criação e o fortalecimento do grupo Estado Islâmico, que ocupa vastas áreas na Síria e no Iraque, mostra que grupos extremistas seguem fortes naquela região.

Enquanto o debate continua, as maiores empresas de tecnologia do mundo seguem fazendo experimentos



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Drone usado pelo Facebook é capaz de voar a 27 km de altura para fornecer sinal de internet a áreas remotas

e planos com esta tecnologia. O Facebook desenvolve um drone capaz de voar a 27 km de altura para fornecer sinal de internet a áreas remotas. Alimentado por energia solar, ele poderá voar por até 90 dias seguidos.

O Google e a Amazon preparam serviços de entrega. A Amazon disse que, assim que o governo dos Estados Unidos liberar o uso de drones para fins co-

merciais, colocará em funcionamento seu serviço de entrega usando pequenos aviões. O plano é entregar os produtos em até 30 minutos após a compra on-line ser concluída. Como ainda não há trânsito no ar e poucos obstáculos, é possível ir em linha reta do centro de distribuição até a casa do cliente. Haverá rapidez, mas alguns empregos ficarão pelo caminho.

Ecodrone auxilia a monitorar áreas

Para entidades ambientais, os drones estão se tornando uma ferramenta a mais para conter a devastação da natureza. Em julho, o WWF lançou o projeto Ecodrones Brasil, que usará os aparelhos para monitorar a região da Amazônia. “Eles trazem oportunidades inovadoras para o mapeamento de áreas protegidas, combate a incêndios florestais, exploração de recursos naturais e coleta de dados científicos”, avalia Marcelo Oliveira, especialista do programa Amazônia do WWF.

O projeto do WWF também pretende contribuir para a regulação dos drones no Brasil. “Não faremos uso recreativo ou comercial deste equipamento, e entendemos que é preciso uma normatização diferente, que contemple seu uso para a conservação da natureza”, diz Oliveira.

A entidade já realiza experiências com ecodro-



Drone traz oportunidade para mapear áreas protegidas

nes na Ásia e na África desde 2012. Na África do Sul, o número de mortes de rinocerontes de uma reserva baixou 92% após o uso desses equipamentos.

Carnaval, futebol e protestos

Mesmo sem regulamentação adequada, os drones seguem a decolar no país. Com inúmeros usos, são alvo de polêmicas, acidentes e processos na Anac. Conheça algumas situações e seus desdobramentos:

■ No Carnaval deste ano, a escola de samba carioca Portela usou 35 drones durante seu desfile. O maior deles, em forma de águia, pesava quatro quilos. Dezenas de pequenos aparelhos foram entregues ao público nas arquibancadas. A escola foi processada pela Anac e a investigação segue em andamento.

■ Nos protestos contra o governo federal realizados no dia 15 de março, um drone usado para fazer imagens pelo jornal "Folha de S.Paulo" caiu sobre a avenida Paulista e feriu duas pessoas, que tiveram cortes no rosto e nos ombros. Elas precisaram ir ao hospital para fazer curativos e foram liberadas após uma hora. "O drone caiu porque manifestantes tentaram prender uma bandeira do Brasil nele. Com o peso, ele se desequilibrou e caiu", conta um dos profissionais envolvidos na cobertura, que pediu anonimato.

■ O aparelho usado pela "Folha" foi alugado de uma empresa de equipamentos de vídeo. Obter um drone emprestado custa em torno de R\$ 900 a diária. Diversas empresas de filmagem passaram a oferecer drones para filmar inclusive eventos particulares, como casamentos.

■ No futebol, um drone coberto por um lençol que tinha uma enorme letra "B" sobrevoou o estádio La Bombonera, em Buenos Aires, durante um jogo entre Boca Juniors e River Plate pela Copa Libertadores em maio deste ano. A ideia da brincadeira era ilustrar o fantasma do rebaixamento para a segunda divisão, chamada de "La B" na Argentina, um medo do River Plate. Mesmo com a graça, o River acabou campeão do torneio.

■ Duas semanas após o drone de la B, o caso se repetiu no Itaquero, em São Paulo. Um drone carregando uma camisa do Guarani do Paraguai, time que eliminou o Corinthians da mesma Libertadores, apareceu durante um



Um drone coberto por um lençol com a letra "B" sobrevoou a Bombonera

jogo contra o Palmeiras. O aparelho se chocou contra uma parede e caiu, sem ferir ninguém. O equipamento pesava dois quilos e foi levado para a delegacia. Ninguém apareceu para pegá-lo de volta.

■ Em Santo André, a pizzaria Vero Verde fez a entrega de uma pizza de Pepperoni usando um drone para um apartamento que ficava a 1,5 km de distância. Tratava-se uma ação de marketing que, segundo a agência WebSnap, que idealizou a ação, impactou 8 milhões de pessoas e foi noticiada por 131 portais na internet. Assim como a Portela, a pizzaria também foi alvo de processo da Anac.

■ A feira DroneShow 2015, marcada para outubro no Centro de Convenções Frei Caneca, em São Paulo, terá uma espécie de gaiola para realizar testes dos equipamentos. O evento terá palestras sobre uso de VANTs em diversos setores, como agricultura, mineração e jornalismo. "O evento debaterá os modelos de negócios das aplicações potenciais dos Drones, que prometem revolucionar as áreas de entretenimento, publicidade, serviços de entregas e vigilância em espaços urbanos", diz Emerson Granemann, Diretor da MundoGEO, organizadora da feira.



Primeira parte da ampliação do estádio está em andamento e conta com a construção de arquibancada coberta para 1.100 torcedores

Casa maior e revitalizada

Reforma do Inamar, ao custo de R\$ 5 milhões, permitirá ao estádio de Diadema receber até 10 mil torcedores e as principais equipes do futebol paulista

• Felipe Martins
redacao@revistarepublica.com.br

Se o sonho de debutar entre os grandes times do futebol paulista já foi alcançado, o Água Santa agora quer colocar a casa em ordem para receber seus jogos. O meteórico time de Diadema, que conquistou três acessos nos últimos três anos, está com as obras de revitalização do Estádio Inamar em ritmo acelerado.

Atualmente, o local pode receber apenas seis mil pessoas. Como a Federação Paulista de Futebol exige que os times do Paulistão tenham um estádio com no mínimo 10 mil lugares, a equipe do ABC promete uma arena de primeira linha para receber Corinthians, Palmeiras, São Paulo, Santos e os tradicionais times do interior.

A primeira parte da ampliação já está em andamento e conta com a construção de arquibancada coberta para 1.100 torcedores, além de tribunas e camarotes. Outros lugares serão instalados atrás dos gols, chegando, então, aos dez mil lugares. O custo da obra foi estimado em R\$ 5 milhões pelo clube.

"Começamos com um estádio para seis mil pessoas, que atendeu perfeitamente as séries B, A3 e A2 do Campeonato Paulista. Agora, na primeira divisão, precisamos de dez mil e nossa expectativa é de que, no segundo semestre de 2016, já tenhamos 15 mil lugares", detalha o presidente do Água Santa, Paulo Siqueira. Segundo ele, o local ainda pode abrigar um museu, um restaurante e loja oficial do clube.

O campo foi motivo de reclamações durante toda a disputa da Série A2 do Campeonato Paulista deste ano. Inclusive, precisou mandar seus jogos para cidades vizinhas em diferentes ocasiões.

"A torcida foi o nosso grande diferencial desde que o Água se profissionalizou. Temos uma média de 5 mil torcedores por jogo. Imagine como será agora, recebendo os maiores times de São Paulo e também os tradicionais do interior", destaca o presidente, que convoca sua torcida e espera ver o Inamar cheio em todos os jogos no ano que vem.

A Prefeitura de Diadema, por meio de concessão, cedeu o estádio durante 25 anos ao Água Santa.

Uniformes doados são liberados após 10 meses

Burocracia aduaneira segurou 270 kits doados pela seleção campeão da Copa em 2014 para crianças carentes atendidas pela ONG Azo, de Santo André

• João Schleder
redacao@revistarepublica.com.br

O dia 8 de julho de 2014 marcou negativamente a história da seleção brasileira de futebol. No Mineirão, diante de quase 60 mil espectadores, os comandados de Felipão sofreram acachapante goleada da Alemanha. Como se o 7 a 1 não bastasse, cinco meses após a data fatídica, o país sofreu novo revés – desta vez, fora das quatro linhas.

Em novembro passado, a Federação Alemã de Futebol doou 270 kits, contendo camiseta, bermuda, colete, entre outros itens, à ONG Azo, do Parque Capuava, em Santo André. Mas a mercadoria ficou apreendida na alfândega brasileira por cerca de dez meses, tendo sido liberada apenas no último dia 7 de agosto.

“Quando fui receber o material, soube que precisaria fazer um processo de importação para poder retirar”, lembra o presidente da instituição, Guilherme Ferreira Souza. Ele se refere aos procedimentos exigidos às empresas exportadoras ou importadoras, pelo Departamento de Operações de Comércio Exterior.

“O trâmite é extremamente complicado, ainda mais para quem não tem experiência”, afirma. Através da página na internet, a Receita afirma que o despacho aduaneiro verifica a exatidão dos dados declarados em relação à mercadoria exportada ou importada, aos documentos apresentados e à legislação vigente.

Para piorar a situação, a Azo teve que pagar uma multa de R\$ 500, por conta de erro na classificação do equipamento. “Tivemos a sorte de ganhar o material; a CBF nunca se preocupou com projetos sociais do país. Essa burocracia não faz sentido”, lamenta Guilherme.

MOTORISTA

A doação feita à Azo não foi obra do acaso. Durante o Mundial, Guilherme foi contratado para ser o motorista da delegação alemã por 30 dias, e aproveitou a oportunidade para apresentar a ONG. “Expliquei o dia-a-dia, as dificuldades e eles se sensibilizaram.” Por



Guilherme e crianças da Azo: liberação complicada

ironia do destino, o presidente ficou sabendo que a instituição seria agraciada com os kits minutos antes do jogo entre Brasil e Alemanha.

“Foi um dos dias mais especiais da minha vida. Eu, um garoto do Capuava, assistindo a semifinal da Copa do Mundo no meu país e ainda receber um apoio para o projeto que participei quando criança e que agora trabalho para dar continuidade? Não tem como explicar.”

Em 20 anos de atuação, a Azo já atendeu mais de 2 mil jovens, entre 5 e 18 anos. O objetivo da ONG é unir esporte e educação, utilizando o futebol como condutor de oportunidades. (7 a 1 para a Alemanha).



Da esquerda para direita: Claudia Rodrigues, Jamelli, Rogério Amann, Sérgio Soares, Marcos Boccatto, Regina Gomes, Márcio Bittencourt

Região ganha sindicato de treinadores de futebol

Sintrefut busca melhores condições de trabalho e qualificação adequada

• Felipe Martins
redacao@revistarepublica.com.br

A região do ABC acaba de ganhar mais uma associação de trabalhadores. No último dia 21 de setembro, no Clube Primeiro de Maio, em Santo André, foi fundado o Sindicato dos Treinadores de Futebol (Sintrefut) da Região ABCDMRR e Litoral. Presidida por Marcos Boccatto, a categoria busca melhores condições de trabalho e qualificação adequada.

“Até então, um treinador era mandado embora e ficava com uma mão na frente, outra atrás. Mas, a partir de hoje, a tendência é que isso mude. Nós iremos defender os técnicos para que eles tenham todos os direitos que lhe cabem”, afirma.

Outra preocupação do sindicato é com a formação dos técnicos. A associação já está con-

versando com a Universidade do Futebol e com algumas instituições de ensino da região. “Somos contra a exigência da faculdade para os profissionais da categoria, mas esses novos cursos são fundamentais para o crescimento dos profissionais”, defende Boccatto.

O presidente pretende, ao lado da Federação Brasileira dos Treinadores de Futebol (FBTF), oferecer cursos nos mesmos moldes da UEFA, a federação europeia de futebol. “Não queremos cursos de quatro horas, mas cursos de 1,5 mil a 2 mil horas, com diferentes níveis de aprendizado.”

Além de Boccatto, outros renomados treinadores farão parte da diretoria do Sintrefut. São eles: Sérgio Soares, ex-técnico do Santo André e atualmente do Bahia; Édson Boaro, ex-São Bernardo; Marcio Ribeiro; Márcio Bittencourt, ex-Corinthians; Dorival

Junior, treinador do Santos.

O sindicato não abrigará somente os técnicos profissionais, mas também treinadores de futsal, futebol de areia, futebol society, futebol de 5 e futebol de base e social. “Todos serão bem recebidos, inclusive as mulheres. Tanto que nomeamos a Regina Gomes, ex-Seleção Brasileira, como uma das diretoras também”, explica o presidente.

Outro diferencial é que o sindicato, o nono no Brasil, é o primeiro envolvido com futebol a filiar-se a uma central sindical, no caso a CUT (Central Única dos Trabalhadores). Para corroborar a parceria, o evento recebeu o presidente da CUT São Paulo, o professor Douglas Izzo e o secretário nacional de futebol do Ministério do Esporte, Rogério Amann. “Com a ajuda de todos, vamos dar vez e voz aos técnicos de futebol”, conclui Boccatto.

Futebol feminino, ilustre desconhecido

Seleção brasileira está entre as melhores do mundo, mas atenções dos torcedores e da mídia continuam concentradas no velho futebol masculino

• Lucas Borges
redacao@revistarepublica.com.br

O cronômetro marca 35 minutos do segundo tempo. A capitã De Vanna chuta sozinha do lado direito da área, Luciana “bate roupa” e Simon estufa a rede no rebote, decretando a vitória australiana. Na tarde do dia 21 de junho, o Brasil era eliminado pela segunda vez em menos de um ano de uma Copa do Mundo de futebol. Diferentemente do histórico 8 de julho de 2014, quando o escrete masculino foi derrotado por alucinantes 7 a 1 impostos pela Alemanha, desta vez pouco se falou a respeito do jogo.

As ruas estavam vazias, ninguém se pintou com as cores do País e nem mesmo escutou-se cornetas para a partida com a Austrália, nas oitavas de final do Mundial feminino organizado pela sétima vez através da FIFA, e neste ano no Canadá a goleira Luciana e a maioria de suas companheiras voltarão para casa sem saber quando – e se – disputarão uma próxima partida como jogadoras profissionais.

Das 23 jogadoras que foram convocadas por Vadão, téc-

nico com passagens por Corinthians, São Paulo e outros times masculinos de destaque no País, apenas três tinham equipes. As atacantes Beatriz e Marta atuam, respectivamente, no Hyundai Steel Red Angel, da Coreia do Sul, e no Rosengard, da Suécia. Completando a restrita listagem, a zagueira Jéssica veste a camisa da Ferroviária de Araraquara (SP).

O fato de as principais estrelas do futebol feminino nacional estarem trabalhando fora do País, ou o fato de a maioria delas

não estar sequer exercendo a profissão, simboliza a insatisfação de muitos com a administração da modalidade pela CBF.

“É uma vergonha. A CBF não tem nenhum tipo de intenção de fazer crescer o futebol feminino no País. Dessa forma a gente vê o esporte se arrastando. Nós temos obrigação de fomentar o futebol feminino, a CBF tem obrigação de voltar a fazer campeonatos competitivos, trazer as jogadoras de volta para os times do País e voltar a fazer uma sele-

ção forte”, afirma o ex-campeão mundial de futebol e atual senador pelo Rio de Janeiro, Romário de Souza Faria, mundialmente conhecido pelo primeiro nome.

COMPETIÇÕES

Duas competições são organizadas pela CBF anualmente para mulheres profissionais: a Copa do Brasil, vencida em abril deste ano pelo Kindermann, de Santa Catarina, e o Campeonato Brasileiro, que tem a Ferroviária como atual campeã, previsto para o segundo se-

mestre de 2015. Ambas são disputadas em tiro curto, isto é, durante apenas algumas semanas. O mesmo vale para a Copa Libertadores do gênero, que deve acontecer durante novembro, em Medellín, Colômbia, e da qual o São José, do Interior Paulista, é o atual tricampeão. O Brasil já foi vice-campeão Mundial e da Olimpíada, além de ganhar seis das sete edições da Copa América.

O sucesso das equipes locais, porém, não tem sido suficiente para angariar atenção do públi-

Craque da Seleção Brasileira, jogadora Marta atua no Rosengard, da Suécia, porque não há espaço, leia-se mercado, que justifique sua genialidade no Brasil



categoria está avançando porque “agora as mulheres estão ficando mais bonitas, passando maquiagem. Faltava o espírito de elegância, de feminilidade. Agora os shorts são mais curtos, os cabelos são bem feitos. Não são mulheres vestidas como homens”.

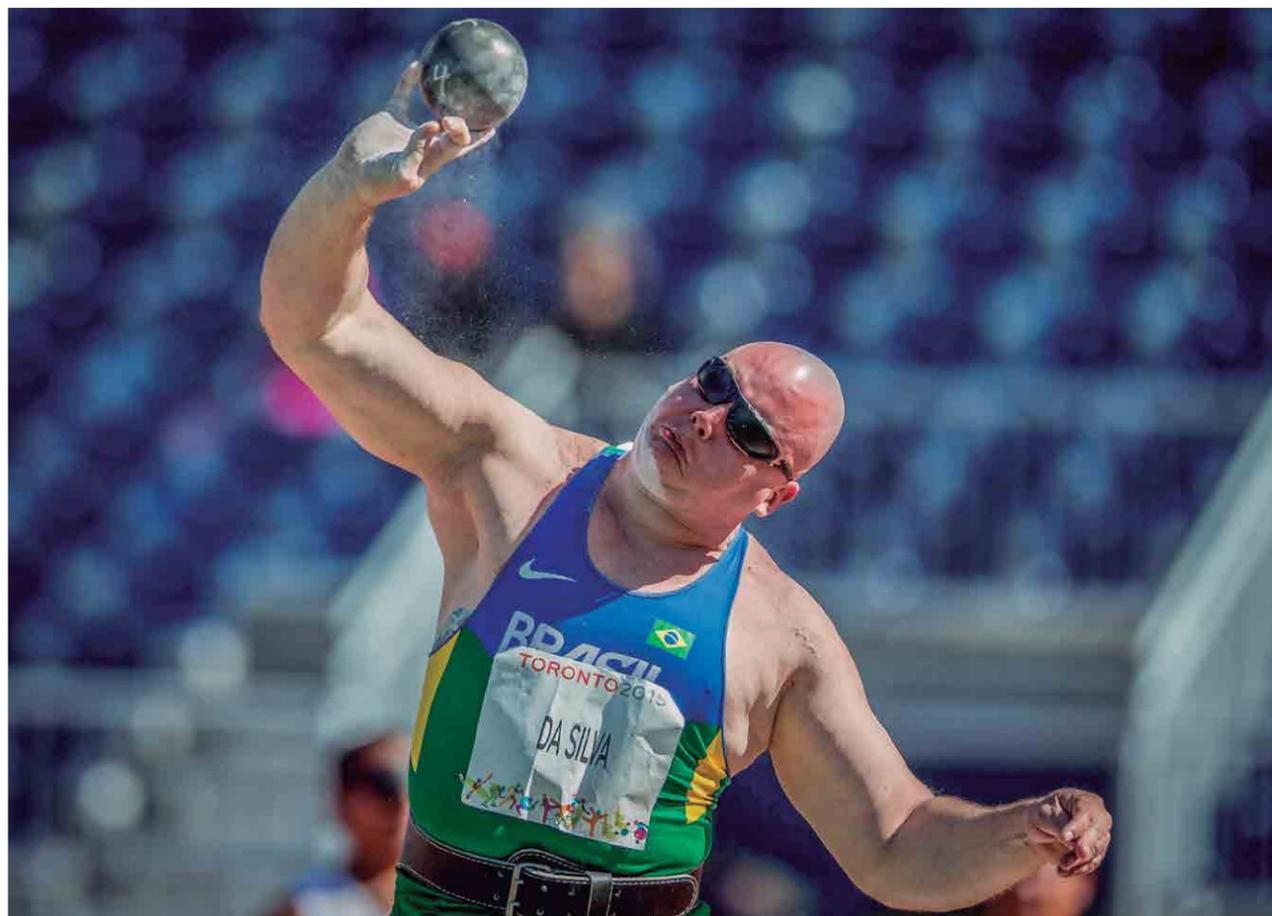
Posteriormente, à rádio brasileira Central3, Cunha se justificou: “Eu disse que elas viviam das sobras do que havia no futebol masculino, até os uniformes eram cedidos do masculino e que hoje elas tinham seus próprios uniformes exclusivos. Certamente isso ajudou muito porque elas têm uma autoestima elevada. Tudo isso foi considerado como machismo, como uma coisa secundária. Como se cuidar da seleção fosse uma coisa proibida”.

Para o cartola, público e imprensa são responsáveis pela pequena audiência do futebol praticado pelas mulheres no Brasil. “Vejo como uma falta de trabalho interno das vias de comunicação que não percebem ainda a importância do futebol feminino. Precisamos mostrar para a mídia a relevância desse trabalho. O brasileiro não está acostumado a assistir, é injusto pelo trabalho que elas fazem”.

Poucos dias depois de a seleção feminina ter sido derrotada pela Austrália nas oitavas de final do Mundial, decretando a pior campanha da equipe no torneio desde 1995, o Congresso Nacional aprovou a Medida Provisória 671/15. Entre vários itens, a chamada MP do Futebol prevê que os clubes se limitem a gastar 70% da receita com o futebol masculino profissional e que os 30% restantes sejam usados no futebol feminino e nas categorias de base. O tempo dirá se a resolução representará mais estrutura e crescimento, de modo a, ao menos, diminuir tamanha desigualdade de gêneros no esporte mais popular do Brasil.



Clássico do futebol masculino, o Brasil X Argentina na versão feminina magnetiza pouco interesse da mídia, como se rivalidade com vizinho inexistisse



Alessandro da Silva superou a perda da visão, desafiou seus limites e com menos de dois anos ganhou nível internacional

Carreira meteórica

Com menos de dois anos como paratleta profissional, Alessandro Rodrigo da Silva é um dos melhores do mundo em arremesso de peso e traz duas medalhas do Parapan de Toronto

• Felipe Martins
redacao@revistarepublica.com.br

Final de 2013 e a vida de Alessandro Rodrigo da Silva obedecia à mesma rotina todos os dias: aulas de braille e musculação. Hoje com 31 anos, vive um momento completamente diferente e está radiante com a chegada recente do primeiro filho. Especialista em arremesso de peso há pouco mais

de um ano e meio, o morador de Mauá - e atleta de São Bernardo - é só alegria: acaba de conquistar duas medalhas de ouro nos Jogos Parapan-Americanos de Toronto, no Canadá.

Silva foi descoberto para o esporte justamente em uma aula de braille. Um dos professores da escola em Mauá, Walter Agripino, observou o porte físico do futuro atleta: 126 quilos distribuídos

em 1,90 de altura. Era o que precisava para começar os primeiros passos no esporte, conhecido por exigir muita condição física de seus praticantes.

Após alguns ótimos resultados ao longo do ano passado em competições regionais, estaduais e nacionais, veio a primeira convocação para a Seleção Brasileira, em julho. Alessandro teve que encarar o até então desconhecido Cana-

dá, ficar longe de casa e superar a tristeza por deixar o pequeno Mathias, nascido dois dias antes do embarque, aqui no Brasil.

"No começo foi muito difícil. Mas a família ajudou muito. Quando cheguei lá, coloquei na cabeça que tinha que manter o foco e voltar com as medalhas e os ursinhos [mascote Pachi, dado aos vencedores de cada modalidade] para o meu filho."

O atleta de São Bernardo fez bonito em Toronto: os lançamentos de 12,54 metros no peso e 36,12 no disco garantiram as medalhas de ouro ao atleta. No lançamento de dardo, que ainda não é um de seus pontos fortes, um honrado quarto lugar.

"É uma sensação única, só quem vive pode saber. Quando o hino do seu país toca, passa um filme pela sua cabeça."

SUPERAÇÃO

Silva perdeu a visão em 2010 por conta de uma toxoplasmose - doença infecciosa, congênita ou adquirida, causada por um protozoário transmitido por felinos através das fezes, sobretudo por gatos, pois muitos estão domiciliados e mais próximos dos seres humanos. Além da perda da visão, ele teve que enfrentar mais um desafio: superar a dependência de drogas. E quem o ajudou a escrever um novo capítulo em sua vida foi o técnico Walter Agripino, a partir do fim do ano de 2013. "Ele é importante demais. Leva-me aos treinos e se preocupa comigo. Graças ao Walter isso tudo foi possível. Assim como eu, ele deve estar muito feliz", orgulha-se Silva.

"Normalmente um atleta de alto rendimento é formado entre quatro e seis anos. Em dois, ele já é

de nível internacional. Embora tenha um porte físico muito bom, é uma surpresa", diz o técnico.

No ano passado, começaram as primeiras conquistas. Jogos Regionais, Jogos Abertos e outras competições garantiram medalhas ao atleta. Na mesma época, em agosto, o campeão dava a primeira entrevista de sua meteórica carreira: justamente para a Revista República. "Foi a primeira vez que dei uma entrevista. Tenho a matéria comigo até hoje na sala de casa", conta.

Atualmente, Silva é o segundo melhor atleta do mundo em arremesso de peso e de disco. Em outubro, vai representar novamente o país no Mundial, em Doha, no Catar. A partir daí, as chances de disputar as Paralimpíadas do ano que vem, no Rio de Janeiro, podem começar a se tornar realidade.

Muita gente não sabe,
mas no ABC estão algumas
das empresas mais
promissoras do Brasil.

É exatamente por isso
que estamos aqui:
Pra fazer todo mundo saber.

Fale conosco: 11 2199.2299 - atendimento@agenciamemories.com



DIVULGAÇÃO



Júnior Costa renova contrato por mais três e vai para nona temporada na Itália

Sai que é sua, Júnior Costa

Ex-goleiro do Ramalhão faz sucesso na Europa e se prepara para disputar a primeira divisão do Campeonato Italiano

• Felipe Martins
redacao@revistarepublica.com.br

O sonho de jogar na Europa e num clube da primeira divisão tem se tornando um sonho cada vez mais real para o goleiro Júnior Costa. Ex-jogador do Santo André, o atleta vai para sua nona temporada na Itália, agora defendendo o Bologna.

Em boa fase no gol do Bologna, Júnior Costa vai jogar a Série A do Campeonato Italiano na próxima temporada. Terá pela

frente adversários gigantes do futebol mundial, como Lazio, Milan, Internazionale e Juventus.

Natural de São Bernardo do Campo, Júnior chegou ao Ramalhão no início da década passada e colecionou títulos como a da Copa Estado de São Paulo, Copa São Paulo de Juniores, vice do Campeonato Brasileiro da Série C e, nas palavras dele, "a inesquecível Copa do Brasil", em 2004, em pleno Maracanã contra o Flamengo.

Foi em 2007 que o goleiro fez as malas e partiu rumo à Europa. De lá pra cá foram quatro clubes na terra da bota: Varese, Ancona, Sampdoria e seu atual time, Bologna. "A adaptação não é fácil. Idioma, alimentação, frio, ficar longe da família. Sinceramente, só comecei a me sentir bem depois de um ano", recorda.

"Conquistamos o Campeonato da Série B na temporada passada e estou muito feliz por poder voltar à Série A. Será um campeonato difícil. No ano passado, o clube foi comprado por um grande investidor canadense, então muitas coisas estão mudando, para melhor. E estou feliz também por ter renovado o contrato por três anos em um clube de tradição no Calcio Italiano e em uma cidade que adoro", destaca o goleiro.

Se Júnior Costa ainda tem um sonho? "Tenho até hoje um livro que minha mãe guardou de uma redação que escrevi na escola, quando tinha 7 anos. Escrevi que meu sonho era ser um jogador profissional. Por isso, sempre digo que não tenho um sonho e, sim, que vivo esse sonho todos os dias. Ganhei títulos pelo Santo André que ficaram na história. Na Europa conquistei dois acessos para a Série A do Campeonato Italiano e joguei como titular. Disputei a Liga da Europa e também a Champions League. Só de ouvir o hino oficial da Champions já foi de arrepiar".



Menos mito, mais Vandré

Biografia escrita por Vitor Nuzzi ganha edição comercial, desassociando imagem de protesto que acompanhou a vida do cantor e compositor

• Mari Ferreira
redacao@revistarepublica.com.br

Ainda era 2005 quando o jornalista Vitor Nuzzi escreveu um texto a respeito dos 70 anos do cantor e compositor Geraldo Vandré para o site Digestivo Cultural – certo de que, entre mitos e verdades sobre a história de Vandré, não haveria muitos interessados a ler seus escritos.

Mas veio a surpresa: o texto recebeu cerca de 78 mil visualizações. “A preocupação era lembrar da importância de Vandré para a música e para a cultura, pensando que ninguém, ou quase, se lembrava dele”, recorda Nuzzi.

Assim nasceu o embrião que resultaria, 10 anos depois, no livro lançado modestamente no meio de 2015: Geraldo Vandré – Uma canção interrompida.

Sem grande editora para apostar no projeto, Nuzzi bancou a impressão de 100 exemplares usando o próprio bolso. E, a exemplo do texto que deu origem à ideia do livro, novamente se surpreendeu com a repercussão positiva do trabalho.

Recentemente, o biógrafo recebeu uma boa notícia: a publicação ganhará edição comercial pela editora Kuarup. O livro sairá em novembro.

“O meu ponto de partida,

desde sempre, foi o mesmo: por que todos voltaram, menos Vandré? E também quis ressaltar a obra, as canções, que precisam ser mais ouvidas. E deixar o “folclore” em segundo plano. É uma história muito cheia de lendas, que a meu ver prejudicam o conhecimento de

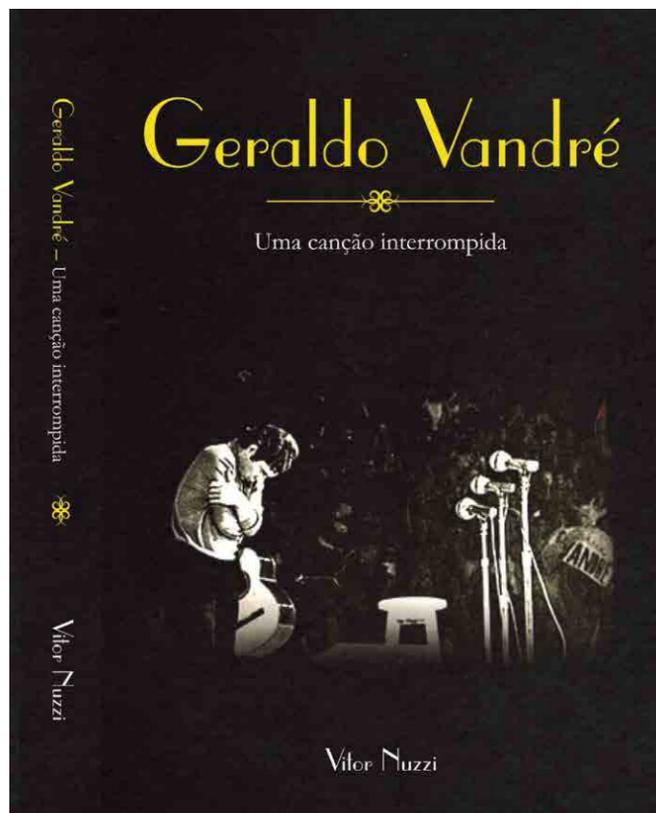
que teria ficado louco. Não é o que constatou Nuzzi ao entrevistar mais de 100 pessoas – do porteiro do prédio a coronéis e fãs. Ao que tudo indica, Vandré quis, voluntariamente, sair de cena.

Quando o projeto do livro começou a tomar forma na cabeça do jornalista, o primeiro a ser procurado foi, claro, o “dono” da história. “Primeiro com cartas. Mandei oito, sem resposta. Finalmente, em 2006/2007, ele atendeu o celular e disse que não tinha “interesse, nem tempo” nas coisas que eu andava fazendo e que se quisesse um livro sobre Vandré ele mesmo escreveria”, lembra o jornalista, chamado de “espião” pelo compositor.

Esta recepção inicial nada calorosa não desanimou Nuzzi. “Mantive o projeto, comecei a entrevistar as pessoas. Outro obstáculo foi achar a editora, pois na época havia a polêmica sobre a biografia não autorizada do Roberto Carlos. “Al-

gumas editoras queriam saber se era uma biografia autorizada”.

Com a decisão de o Supremo Tribunal Federal liberar as biografias da autorização prévia, o caminho para a história de Vandré foi aberto. A conferir, em breve, nas livrarias.



Capa da biografia de Geraldo Vandré, que chega em breve às livrarias

sua obra, que vai muito além de Pra não dizer que não falei das flores e Disparada”, ressalta Nuzzi.

Vandré – que completou 80 anos em 12 de setembro – sempre foi associado a um cantor de protesto, torturado pela ditadura militar e

A VIDA SEM ÁGUA FICA IMPOSSÍVEL

EVITE O PIOR. ECONOMIZE ÁGUA.

Sem água ninguém cozinha, toma banho, escova os dentes ou limpa a casa. As empresas param, os empregos somem e os alimentos ficam escassos. Use a água com inteligência e sem desperdícios.



Prefeitura de Santo André

www.santoandre.sp.gov.br

semasa.
SANEAMENTO AMBIENTAL

WWW.SEMASA.SP.GOV.BR



▶ **No futuro, o plástico fará carros ainda mais leves, mais seguros, e que emitirão menos CO₂ no ambiente.**

AFRICKZERO

**A inovação traz o futuro.
E o futuro passa pela química e pelo plástico.**

A indústria petroquímica é uma das maiores aliadas das inovações da indústria automobilística. Com o uso do plástico, carros serão cada vez mais leves, mais seguros, e emitirão menos CO₂ no ambiente. Para a Braskem, inovar é a melhor maneira de atuar em um mundo que precisa, cada vez mais, de boas ideias para se perpetuar. Plástico Verde, Desafio de Design Odebrecht Braskem e Braskem Labs são exemplos de produto e projetos da Braskem que, através da química e do plástico, ajudam a melhorar a vida das pessoas.

Para saber mais acesse: www.braskem.com/inovacao

Braskem